

**CULTURA, DANÇA E DIÁLOGOS
INTERCULTURAIS – DESAFIOS PARA UMA
INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA**

Whassysa Magalhães Das Neves

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

**CULTURA, DANÇA E DIÁLOGOS
INTERCULTURAIS – DESAFIOS PARA UMA
INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA**

Whassysa Magalhães Das Neves

**Orientada por
Professora Doutora Maria João Hortas
Mestre Carla Rocha**

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

RESUMO

O presente projeto de intervenção, Cultura, Dança e Diálogos Interculturais, foi desenvolvido no bairro Alto Cova da Moura e território envolvente.

Com uma marca cultural fortemente enraizada, o território é também um meio culturalmente diversificado, onde coexistem vários sistemas de valores, várias formas de relação, diversos hábitos e diversas formas de agir. É no sentido de potencializar a diversidade que caracteriza este território e promover a construção de diálogos, que se alicerça o projeto de intervenção socioeducativa, com crianças e jovens, sustentado nos princípios da educação para a cidadania.

É a partir das diferentes vontades, de crianças, jovens e famílias e das características da comunidade, que se desenha o projeto, que envolve cerca de 80 crianças e jovens, com idades compreendidas entre os seis e os vinte anos.

A intervenção tem como objetivos gerais: (i) ampliar os conhecimentos das práticas culturais no âmbito da dança; (ii) criar espaços de encontro através da dança; (iii) desenvolver competências sociais através da dança promotoras de diálogos na comunidade.

Metodologicamente este projeto tem início nas conversas com crianças e jovens que dançam ou dançavam na comunidade enquanto elementos de um anterior programa de intervenção comunitária.

Este projeto, que tem na dança o espaço para os encontros e interações e desenvolve-se segundo três estratégias: (i) dança nos intervalos; (ii) expressão corporal nas atividades extracurriculares e, (iii) apoio e acompanhamento de um grupo de jovens em atividades de dança.

Para as crianças e jovens o envolvimento neste projeto constituiu-se como uma oportunidade de ampliarem os seus conhecimentos no âmbito da dança e dialogarem com outros grupos culturais, potenciando o desenvolvimento de competências sociais e a construção de espaços de encontro e de intercâmbio entre grupos diversos.

Palavras-chave: Diversidade Cultural, Dança, Cidadania, Diálogos Interculturais, Intervenção Social.

ABSTRACT

The present intervention project, *Culture, Dance and Intercultural Dialog* was developed in Alto Cova da Moura and the territory around.

The territory is influenced by various cultures, where different values coexist, as well as different forms to relate with one another and diverse habits. The following project aims to value the diversity that characterizes the territory, aiming to promote dialog, among children and young people, focusing in the principles of education for citizenship in which the project finds its bases.

Starting from the wishes of children, young people, the families and the community, we designed the project that involves around 80 children and young people, with ages between 6 and 20 years old.

The intervention has the following goals: (i) amplify the knowledge of cultural practices in the field of dance; (ii) create encounter spaces through dance; (iii) develop social skills through dances that promote the community dialogue.

The projects begin in the conversations with and among children and young people while they were part of dance project in the community in a previous program.

This project has dance as a space of encounters and interactions, and develops according to 3 strategies: (i) dance in the breaks; (ii) corporal expression in extracurricular activities; (iii) support and following a group of young in dance activities.

For children and young people the involvement in this project was an opportunity to amplify their knowledge in the field of dance, and also a way to communicate with other cultural groups, valuing the social skills and the constructions of encounter spaces and changes of diverse groups.

Key-words: Cultural diversity, dance, citizenship, intercultural dialogue, social intervention.

Índice

Introdução	1
Capítulo I. Cultura, Dança e Diálogos Interculturais	5
1. Cultura	5
2. Diversidade Cultural, Multiculturalismo e Interculturalismo	8
3. Diálogo intercultural	12
4. Dança... competências sociais e construção de diálogos	14
Capítulo II. Projeto de Intervenção	20
1. Espaços e contextos para uma intervenção	20
2. Contexto Sócio Territorial – o lugar do bairro no concelho	22
3. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação	26
4. Diagnóstico para a intervenção	29
5. Desenho do Projeto de Intervenção	36
5.1. Intervenientes e espaços para a intervenção	36
5.2. O projeto – fases de desenvolvimento e implementação	38
5.3. Implementação do Projeto	40
6. Avaliação das Atividades Desenvolvidas	48
6.1. Atividades de animação de intervalos na escola 1	48
6.2. Atividades de expressão corporal na escola 2	53
6.3. Atividades com jovens na Associação	58
Capítulo III. Avaliação do Projeto	66
1. Avaliação Inicial e Intermédia... reflexões a partir do olhar do técnico responsável pela intervenção	66
2. Avaliação Final... reflexões a partir do olhar das crianças e jovens protagonistas na e da intervenção	71
Notas Finais...	79
Novas Propostas...	87
Referências Bibliográficas	89
Anexos	93

Índice de Figuras

Fig. 1. Alto da Cova da Moura na Região Metropolitana de Lisboa	23
Figuras 2, 3 e 4. Animação de Intervalos	41
Figuras 5, 6 e 7. Expressão Corporal	42
Figuras 8 e 9. Intercâmbio com jovens	43
Fig. 10. O que as crianças sentem quando dançam	58
Figuras 11 e 12. Atividades com jovens	59
Figuras 13, 14 e 15. Encontros de dança com jovens	63

Índice de tabelas

Tabela 1. Fases de expansão do Bairro Alto Cova da Moura	24
Tabela 2. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação	28
Tabela 3. Análise Swot realizada após o final do projeto <i>Nu kre</i> (Programa Escolhas)	32
Tabela 4 – Objetivos gerais, indicadores de avaliação e atividades	39
Tabela 5. Atividades desenvolvidas na estratégia Animação de Intervalos (número de sessões, avaliação/técnicas e indicadores de avaliação)	41
Tabela 6. Atividades desenvolvidas na estratégia de Expressão Corporal (número de sessões, avaliação/técnicas e indicadores de avaliação)	42
Tabela 7. Atividades desenvolvidas na estratégia de apoio e acompanhamento (número de sessões, avaliação/técnicas e indicadores de avaliação)	43
Tabela 8.1. Animação de intervalos – relação com as competências pessoais e sociais	45
Tabela 8.2. Atividades de expressão corporal – relação com as competências pessoais e sociais	46
Tabela 8.3. Acompanhamento aos jovens – relação com as competências pessoais e sociais	47
Tabela 9. Número de participantes em cada modalidade de dança	48
Tabela 10. Animação de intervalos: o melhor...	49
Tabela 11. Animação de intervalos: o menos bom...	50
Tabela 12. Animação de intervalos: o futuro...	51
Tabela 13. Dança para mim é ...	52
Tabela 14. Participantes nas atividades de expressão corporal realizadas na Escola 2	53
Tabela 15. Dança para mim é ...	56
Tabela 16. Afirmções dos jovens na sessão do <i>focus grupo</i> sobre benefícios da relação entre grupos de dança	60
Tabela 17. Atividades desenvolvidas e atividades a desenvolver pelos grupos de dança	63
Tabela 18. Dança para mim é ...	64

Tabela 19. Tarefas realizadas, fases e técnicas de avaliação do projeto de intervenção	67
Tabela 20. Objetivos gerais, processos e técnicas de avaliação... O percurso do técnico	68
Tabela 21. Objetivos gerais, processos e técnicas de avaliação...	70
Tabela 22. Relação entre objetivos gerais e atividades do projeto	72
Tabela 23. Animação de Intervalos: os resultados alcançados no projeto pelas vozes das crianças	74
Tabela 24. Atividades extracurriculares: os resultados alcançados no projeto pelas vozes das crianças	75
Tabela 25. Apoio e acompanhamento dos jovens: os resultados alcançados no projeto pelas vozes dos jovens	77

Índice de Anexos

Anexo 1. Entrevista com a ex-coordenadora do projeto Escolhas <i>Nu Kre</i>	94
Anexo 2. Entrevista diagnóstica aos Jovens do Bairro inseridos no Programa Escolhas	95
Anexo 3. Programa Animação de Intervalos	102
Anexo 4. Proposta para trabalhar as AEC's no 3º Período Ynari 5 descobertas	
Anexo 5. Festival <i>Anamesa</i> em França	104
Anexo 6. Planificação conjunta do encontro com o Bairro do Lóis	118
Anexo 7. Significados da dança para as crianças que participaram nas atividades de Animação de Intervalos	129
Anexo 8. Exemplo de um relatório: Relatório Intercâmbio Grécia	131
Anexo 9. <i>Festival Anamesa</i> Portugal	132
Anexo 10. Exemplo de relatório de atividades com jovens	143

Introdução

O presente projeto de intervenção social que aqui apresento, para conclusão do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária intitula-se Cultura, Dança e Diálogos Interculturais. Depois de uma busca individual e de uma profunda revisão bibliográfica optei por fazer o meu trabalho no domínio da intervenção social com ênfase socioeducativa.

Esta decisão surge ligada ao facto de trabalhar numa comunidade, onde é urgente dar resposta a um problema atual e de grande enfoque para as crianças e jovens – a ausência de respostas para ocupação dos tempos de recreio nas escolas e dos tempos não letivos passados no bairro.

No ano 2016, algumas das atividades do projeto, desenvolvido no âmbito do programa Escolhas, não foram retomadas, tendo surgido alguns problemas financeiros com as duas associações que dão resposta a atividades de tempos livres na comunidade do bairro Alto Cova da Moura. A realização e implementação do projeto surge, assim, como uma proposta que urge nesta comunidade.

No contexto da globalização, a educação é mais que uma aquisição de conhecimentos. A construção de conhecimento é um processo dinâmico que deve ser vivido, construído com base em perceções, lógicas e partilha de conceções, confronto de ideias e reflexão crítica perante a realidade. É, naturalmente, construído por cada indivíduo de acordo com a realidade social que o envolve.

As instituições de intervenção socioeducativa, não devem ficar alheias a esta conceção de educação, pois tal significaria destituírem-se do seu valor enquanto instituição social, transmissora e produtora de cultura(s) que, juntamente com outros fatores, são a base para a construção de novos conhecimentos e para a aprendizagem dos sujeitos.

A educação para a cidadania visa ir além da coexistência passiva, procura alcançar uma forma de desenvolvimento sustentável assente na convivência de indivíduos integrados em sociedades diversas, através do estímulo da compreensão, do respeito e do diálogo entre diferentes grupos culturais.

Num meio culturalmente diversificado, é inevitável que existam vários sistemas de valores, várias formas de interpretação da realidade, diversos hábitos e diversas formas de agir. É no sentido de conviver nestas diferenças, que se reclama uma educação que valorize e dignifique o desenvolvimento artístico e cultural, desenvolvendo um trabalho paralelo de educação na e para a cidadania.

Assim sendo, tentei perceber como poderiam as escolas adjacentes, frequentadas pelas crianças que estavam no projeto anteriormente referido, dar continuidade às atividades extra letivas para que não se perdessem as práticas de trabalho realizadas antes. Tentei, também, em colaboração com as instituições do bairro, identificar atividades em que os jovens se pudessem envolver, a fim dos próprios serem responsáveis pelos espaços e, ao mesmo tempo, darem continuidade ao trabalho de uma forma mais reflexiva e consciente.

O projeto tem, então, como objetivo central criar espaços de dança promotores de encontros e diálogos que desenvolvam não só competências artísticas, mas também competências de cidadania.

A dança é por eleição uma destas formas de manifestação, inerente a todas as faixas etárias, e está fortemente presente entre os residentes do bairro, sendo uma atividade que todas as crianças e jovens reclamam que não termine com o final do programa.

Apesar do território ter uma marca cultural fortemente enraizada, é também um meio culturalmente diversificado e nesse sentido ao potencializar estas diferenças e ao mesmo tempo promover a construção de diálogos, alicerçamos a educação na e para a cidadania.

O desenvolvimento do projeto objetiva alargar o leque da intervenção anterior, permitindo diferentes possibilidades de concretização, privilegiando o diálogo na diversidade e a constituição de uma rede de colaboração potenciadora da construção de uma cidadania crítica e efetiva pelos participantes.

Porque o gosto pela dança é a potencialidade identificada nos grupos contactados, esta foi o motor para a construção dos diálogos, potenciando espaços de encontro e práticas promotoras do desenvolvimento artístico e cultural.

A Dança, na sua essência educacional tem carácter interdisciplinar, deve possibilitar o processo criativo, a autonomia e liberdade do indivíduo, facilitando a construção de uma relação mais próxima entre o homem e a natureza. Assim, o indivíduo ao vivenciar corporalmente através do movimento, o tamanho, o ritmo, peso e fluência, desenvolverá os seus potenciais físico, mental e emocional o que o torna mais sensível ao mundo que o cerca.

A Dança, aliada à educação em contextos de diversidade e à educação para a cidadania, possibilita desenvolver no sujeito uma consciência crítica exigente e ativa em relação ao meio que o cerca. O domínio do seu corpo e dos seus movimentos, possibilita-lhe entender melhor o sistema de objetos, o conjunto de estímulos sensoriais, perceber as formas e as cores.

As atividades sustentam-se num novo desenho de trabalho com as crianças, pois os seus interesses são o ponto de partida para a planificação da atividade que posteriormente se desenvolve. Daqui decorre um trabalho diferenciado com os grupos envolvidos no projeto.

Estes grupos integram a comunidade do bairro do Alto da Cova da Moura em geral e, em particular, os principais destinatários são as crianças e jovens que representam cerca de 50% da população do bairro. Pretende-se envolver crianças dos seis aos doze anos e jovens dos dezasseis aos vinte e dois anos, um grupo de 80 crianças e jovens.

As atividades dirigem-se, em segundo plano, a toda a freguesia das Águas Livres e territórios limítrofes, de forma a mitigar o conceito de “guetto” muitas vezes associado ao bairro, tornando-o atrativo e promovendo-o como fonte de divulgação de arte e cultura.

Como principais objetivos define-se:

- Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança;
- Realizar práticas de dança e interagir com os seus pares em espaços de encontro no bairro;
- Desenvolver competências sociais promotoras de diálogos no seu grupo e na comunidade.

Para a concretização do projeto de intervenção foi utilizado o método qualitativo na recolha e análise de dados, através da realização de entrevistas, diários de bordo, cadernos de registos, questionários e relatórios.

De forma a ilustrar o processo desenvolvido e os princípios teóricos e metodológicos que lhe estão subjacentes, este documento organiza-se em três capítulos.

O Capítulo I é dedicado a uma revisão da literatura, focada nos conceitos de cultura, diversidade cultural, dança, competências sociais e construção de diálogos. A revisão de alguns autores de referência permite construir um quadro teórico que será mobilizado ao longo do projeto.

No Capítulo II, apresento os espaços e contextos de intervenção, o contexto sócio territorial, os métodos e técnicas de recolha de informação, o diagnóstico para a intervenção, o desenho e implementação do projeto e, por fim a avaliação das atividades desenvolvidas.

No Capítulo III é feita a avaliação do projeto de intervenção e, por fim, são apresentadas algumas notas finais.

Capítulo I – Cultura, Dança e Diálogos Interculturais

As sociedades atuais têm, entre outras, características multiculturais, resultando estas de processos de evolução social, histórica e económica, e de dinâmicas que se associam, no mundo contemporâneo, com o processo de globalização. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e também de transporte, a mobilidade das pessoas é mais fácil e muito mais rápida no tempo e no espaço, sendo cada vez mais intensos os contactos entre culturas diferentes seja para trabalhar, estudar ou apenas passear (Ramos, 2000, pp. 155-159).

Mas, qual o significado de cultura? Para alguns autores quando falamos de cultura, esta refere-se essencialmente a um conjunto de pessoas que têm uma ligação entre si, de forma mais ou menos organizada, relacionando-se umas com as outras, e que partilham elementos comuns como, crenças, arte, educação, mas também, leis, moral, costumes e outros hábitos (Neves [et al], 2004, pp. 25-38).

1. Cultura

Cabe-nos discutir, inicialmente, o conceito de cultura, na perspetiva das ciências sociais, a partir dos escritos de Velho que em conformidade com a ideia lançada por Lévi-Strauss, indica que “a Cultura tem sido definida como um conjunto complexo de códigos que asseguram a ação coletiva de um grupo” (Velho & Castro, 1978, p. 4). Ainda sobre o conceito de cultura, o mesmo autor refere que uma definição a partir dos códigos existentes, cada um com simbologias próprias, pode ser construída a partir da complexidade de uma determinada sociedade. Cabe salientar, que não se faz distinção entre uma cultura dita superior ou inferior, pois de acordo com Velho não há como reduzir ou exaltar determinada cultura, onde é importante “passar a procurar captar o ponto de vista do outro, tentar perceber a visão de mundo dos grupos em seus próprios termos, [onde] essas tentativas de hierarquização representam uma possibilidade de retrocesso.” (1978, p. 7).

Para Santos e Nunes (2003, p. 5) “a cultura tornou-se assim um conceito estratégico central para a definição de identidades e alteridades no

mundo contemporâneo, um recurso para a afirmação da diferença e da exigência do seu reconhecimento e um campo de lutas e contradições.” Desta forma, ao falarmos de identidades, devemos entendê-las nas dinâmicas decorrentes do processo de globalização. Também os movimentos sociais e as fortes identidades locais têm criado um campo de reapropriação e reelaboração cultural, ou mesmo movimentos de resistência a uma mundialização que destrói e descaracteriza culturas. No local está a essência, como nos refere Milton Santos (2006) constroem-se, desconstroem-se e reinventam-se culturas.

Para Edward Tylor (2014) cultura é um todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, os costumes, a lei e outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo ser humano como membro de uma sociedade. O ser humano adapta-se ativamente à natureza (culturalmente) pela manipulação e criação de novas necessidades de modo a proteger e rentabilizar a sua componente biológica. Essa transformação, por sua vez, dá origem a novas formas de cultura, estando sempre presente uma relação dialética. Cultura torna-se um conceito isomórfico de sociedade e transporta-nos para diferentes culturas (em diferentes sociedades ou dentro de uma mesma sociedade a diferenciação de grupos). A validação da cultura também acontece nas subculturas pela integração numa cultura mais vasta e em contradição aos valores gerais. São grupos que se distinguem porque procuram a diferença, criando, essencialmente, sistemas simbólicos de diferenciação, de partilha de problemas, gostos ou práticas. O sentido de pertença essencial ao ser social pode exercer aqui uma certa coercividade que funciona como uma compensação. Numa perspetiva interacionista ou psicossocial as interações são reguladas pelos preexistentes e inconscientes significados que a cultura veicula através das suas manifestações ou formas, onde a intersubjetividade funciona e acentua o papel que a cultura exerce, diretamente, ao ajudar os indivíduos a definir critérios de importância.

No sentido antropológico o termo cultura surge associado a uma característica de identificação de um grupo humano abrangendo as crenças, práticas, valores e símbolos.

Segundo Pierre Bourdieu (2017), a cultura é como uma caixa de ferramentas. Ela difere consoante a variedade de grupos – dentro de um grupo

os indivíduos utilizam o mesmo tipo de ferramenta – os símbolos, a língua, as visões do mundo.

Importa então compreender o conceito de cultura como algo não homogêneo e estático, já que esta exprime a diversidade, mantida principalmente pela rede humana e também relacional. Na sociedade contemporânea a pertença a uma comunidade cultural significa, na perspectiva de Parekh (2006) a existência de laços comuns e de relações de solidariedade, mas também o entendimento de que cada cultura é resultado de diferentes influências, contém vertentes diversas de pensamento e é aberta a várias interpretações. Há que compreender as culturas como construções históricas, que se mantêm pela interação e manutenção de relações estreitas com outras culturas existentes e que Bauman defende que devem ser entendidas na dinâmica da sociedade e não de modo isolado (cit. em Modood, 2007). Uma abordagem que nos aproxima da perspectiva defendida por Modood (2007) quando associa o dinamismo do conceito de cultura ao percurso de um indivíduo, referindo que as experiências vividas em sociedade interferem na sua forma de pensar, refletida em mudanças na sua personalidade, “as with a person, so with a culture. A culture is made through change, is not defined by an essence which exists apart from change, a noumenon hidden behind the altering configurations of phenomenon” (Modood, 2007, p. 93).

Em suma, o conceito cultura remete para todas as produções sociais e simbólicas dos seres humanos. É um conceito válido para todas as sociedades que deve ser compreendido na sua heterogeneidade e dinâmica, exprimindo a diversidade, mantida principalmente pela rede humana e também relacional. Como nos refere Wieviorka (2002), a sua complexidade é evidente, mobilizando perspectivas diversas, e os seus territórios encontram-se em constante expansão.

No presente projeto o conceito de cultura, tal como o de sociedade, entende-se como uma estrutura heterogênea, dinâmica, aberta à mudança e, como tal, resultando de “uma elaboração constante, participada por comunidades de diversas origens em que são cada vez mais relevantes os seus contributos para novas reconfigurações culturais” (Cardoso, 2005, p. 19).

2. Diversidade Cultural, Multiculturalismo e Interculturalismo

Durante décadas as sociedades têm lidado com a diversidade cultural de forma diferente, sustentando-se ou sendo conduzidas por modelos políticos, educativos e também culturais. De facto, perante a existência de culturas diferentes, e por vezes bastante díspares, são grandes os desafios que se colocam em matéria de política. Ao longo do tempo as respostas políticas têm sido diversas. Nos anos 60 do século XX, em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América, os modelos políticos definiam que as minorias culturais deveriam assimilar-se com a cultura dominante (Ladmiral & Lipiansky, 1989, pp. 59-67).

Era então defendida uma postura assimilacionista que iria originar a

... eliminação das barreiras culturais entre populações pertencentes a minorias e à maioria, através da qual os indivíduos pertencentes a minorias étnicas e comunidades imigrantes adquirem traços culturais do grupo dominante em simultâneo com a supressão progressiva de elementos culturais próprios (Cardoso, 2005, p. 16).

No final dos anos 60 inícios dos 70, a realidade iria ser marcada pela pressão dos movimentos dos direitos humanos, pela defesa da diversidade e também de políticas integracionistas. Sendo que desde o final do século passado que a tendência atual é para a promoção da justiça social e também para a valorização da diversidade existente.

Dayrell (1996, p. 9) refere que “a diversidade cultural, no entanto, nem sempre pode ser explicada apenas pela dimensão das classes sociais”. Nesse sentido, observamos que a diversidade engloba tudo aquilo que é resultado das tradições de um povo, quer seja no que diz respeito às religiões, aos saberes, entre outras expressões que o representam. Ao vivenciar novos costumes sociais, novas experiências, um determinado grupo apropria-se deles e incorpora-os ao conjunto de costumes já obtidos em experiências anteriores (Daolio, 1995).

Associado ao conceito de diversidade cultural surge o conceito de multiculturalismo, conceito este amplamente difundido pelo mundo globalizado, onde estão presentes e convivem as mais diversas culturas.

A expressão multiculturalismo designa, originariamente, a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio das sociedades modernas (...). Existem diferentes noções de multiculturalismo, nem todas no sentido "emancipatório". O termo apresenta as mesmas dificuldades e potencialidades do conceito de "cultura", um conceito central das humanidades e das ciências sociais e que, nas últimas décadas, se tornou terreno explícito de lutas políticas. (Santos & Nunes, 2003, p. 3)

Para Parekh (2006), multiculturalismo reporta-se à resposta normativa que surge perante a existência de uma sociedade multicultural, e constitui-se como um conjunto de crenças e práticas em que um grupo de pessoas se compreende a si próprio e ao mundo, organizando as suas vidas individuais e coletivas. O conceito surge também como sendo um estado da sociedade e do mundo que contem grande quantidade de culturas (ou subculturas) que incidem umas sobre as outras, resultado das interações entre indivíduos que se identificam com essas culturas (Guttman, 2001).

Santos e Nunes apontam para a necessidade de diferenciação do conceito de multiculturalismo do de interculturalismo, em que este último aponta para a coexistência de culturas, porém esta coexistência sem o que ele chama de "inclusividade e do temos de viver juntos" (2003, p. 9), em nome do bem viver coletivo. Reforçam principalmente que o interculturalismo avança para o espaço das conexões, mas também para o espaço da diferença e da divergência.

Carlos Giménez (2010, p.33), define o multiculturalismo como "a primeira versão do pluralismo cultural", associado à ideia de "reconhecimento", em sintonia com "a diversidade etnocultural das sociedades mas que tem vindo a mostrar, de forma crescente, as suas grandes carências e limitações enquanto articulador de convergências, da coesão social e da convivência cidadã". O interculturalismo é entendido pelo autor como uma "nova variante ao pluralismo cultural" que surge para responder às limitações do multiculturalismo. Nesta nova perspetiva, surgem reforçadas as ideias de "compreender, cuidar, promover e regular adequadamente a interação sociocultural positiva e tudo o que ela implica (proximidade, comunicação, aprendizagem, convergência, novas sínteses, resolução de conflitos, etc...). O

grande avanço da perspectiva intercultural é colocado na melhor adequação à “conceção complexa e dinâmica da cultura e das culturas”.

Ao colocar em diálogo estes conceitos com as formas de expressão artística, percebe-se que estas possuem por natureza esse papel intercultural, onde ao mesmo tempo se conectam e vivem as diferenças e divergências entre os que delas se utilizam. Numa proposta de natureza intercultural,

Pode-se falar de alianças feitas ou buscadas entre heterogêneos, através de uma comunicação possível entre-diferentes, que recusa proposições identitárias, a imitação e a homogeneização. Com isso coloca-se em questão a mítica da boa comunidade, vê-se signos de emergência da comunidade como práxis, levando-se em conta as contradições, tensões, conflitos nas fronteiras enunciativas entre-culturas.” (Ozorio, 2005)

Assim, a diversidade cultural deve ser entendida como um importante desafio à sociedade e as instituições que a constituem no sentido de encontrar ferramentas e oportunidades para a mobilização dessa pluralidade. Por outro lado, para o exercício pleno da cidadania, é fundamental a consciencialização e a valorização da diversidade cultural no respeito por dois princípios básicos em forte interação: (i) igualdade de tratamento ou não discriminação; (ii) o respeito pela diferença (Giménez, 2010, p.35). Acresce ainda que quando colocamos o acento tónico no exercício de uma cidadania que valoriza uma perspectiva interculturalista, tal significa que ser cidadão está conotado com o ser capaz de desenvolver uma genuína atitude crítica, conhecer a diversidade de valores, crenças, possibilidades de vida, pontos de vista e imagens do mundo como parte integrante da condição humana (Parekh, 2006).

Pensar a interculturalidade a partir das expressões artísticas e, em particular a partir da dança, significa que os indivíduos dançantes têm oportunidade de se aperceberem da história, das tradições e das formas de vivenciar a cultura. E, desta forma, numa abordagem que valorize a educação intercultural, identificamos a necessidade de não somente, visualizarmos o dançante neste prisma, mas principalmente como indivíduo complexo e passível de integração (ou não) no contexto sociocultural em que se insere. Tal como aponta Casa-Nova (2005, p. 191),

Esta educação intercultural deverá, então, ter subjacente uma ‘abordagem não-sincrónica’, que nos sugere a possibilidade de os grupos minoritários, na sua

relação e interação com instituições económicas, políticas e culturais, não revelarem sempre a mesma postura, necessidades, interesses ou expectativas, sendo portanto fundamental deixarmos de olhar e tratar cada classe social, etnia ou género como blocos homogéneos, uniformes, mas antes como entidades culturais cujas relações sociais são complexas, contraditórias e não paralelas.

A interculturalidade desafia à construção de diálogos. Na perspetiva apresentada por Sousa (2013) sobre o que seriam estes diálogos, a autora aponta que

a resposta a esta problemática remete-nos para tudo o que temos vindo a constatar: para a comunicação intercultural, para a educação intercultural, que por sua vez não se poderá entender sem um diálogo intercultural, permanente e contínuo, em escolas, empresas e muitos outros locais de trabalho, onde as comunidades migrantes se encontram em contacto com as culturas dominantes dos países de acolhimento, e às quais se torna necessário dar resposta (Sousa, 2013, p. 28).

Ao citar Canal (2002), Sousa sinaliza que as vivências da música, da dança e das artes de uma determinada cultura, cantando, dançando, tocando ou escutando, permitem expressar “os nossos sentimentos, as nossas emoções, comunicando uns com os outros, celebrando acontecimentos importantes, e muitas outras formas de interacção” (2013, p. 34).

Combinando a proposta de definição de interculturalismo de Carlos Giménez (2010), com a abordagem de Sousa (2013) podemos afirmar que existe uma forte interligação entre as expressões artísticas e, neste caso particular, a dança, a comunicação e a construção de diálogos interculturais, pois o interculturalismo enquanto “nova expressão dentro do pluralismo cultural que, afirmando não apenas o diferente, mas também o comum, promove uma praxis geradora de igualdade, liberdade e interacção positiva na relação entre sujeitos individuais ou colectivos culturalmente distintos” (Giménez, 2010, p. 36) provoca avanços na “liberdade cultural” e na “convivência”.

O reconhecimento da diversidade cultural como uma mais valia para as sociedades atuais tem sido entendido, em documentos oficiais, como um pilar importante na definição das orientações de política em diferentes domínios. Em 2001, a UNESCO aprova a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, reconhecendo a diversidade cultural como “um património comum da

humanidade” (UNESCO, 2002, p. 3). Os três artigos que constituem um dos seus princípios, *Identidade, Diversidade e Pluralismo*, definem cultura como uma estrutura dinâmica e que pode adquirir “formas diversas através do tempo e do espaço” (artigo 1); por sua vez, numa perspectiva de interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais plurais, “o pluralismo cultural constitui uma resposta política à realidade da diversidade cultural” (artigo 2); a diversidade cultural enquanto factor de desenvolvimento, “amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos” (artigo 3).¹ Também ao nível europeu² a diversidade cultural é definida como um valor acrescido, quer para as comunidades locais, quer para a sociedade.

3. Diálogo intercultural

As concepções de cultura e de interculturalismo em que sustentamos este projeto, fazem emergir a ideia de diálogo, já que são abertas à existência de uma “comunicação compreensiva, mas também ao relacionamento intercultural” (Scollon, Scollon & Wong, 2001, pp. 88-99).

Para que exista diálogo é importante ainda garantir que algumas premissas estão presentes, entre elas valores morais, como a defesa dos direitos humanos, mas também a salvaguarda da liberdade e igualdade, o respeito pelas diferenças culturais, a tolerância e claro o incremento de uma postura dialogante (Scollon, Scollon & Wong, 2001).

De facto, o respeito pelos direitos humanos é um dos elementos primordiais para que as tradições culturais, o respeito e a comunicação possam existir. E, por conseguinte, o diálogo entre culturas é importante por si mesmo para garantir, face ao carácter globalizante do mundo como ele existe hoje, a diversidade cultural.

The word dialogue means speech or conversation between two people. It expresses a communicative relationship between two beings, and it evokes intentions, ways of acting, emotions and cogitations, memories; hence, the word dialogue refers to a great deal more than the simple coming and going of sounds and meanings (Gonçalves [et al], 2008, p. 9).

¹ Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. UNESCO (2002): p.3. (disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>).

² Conferência de Atenas (disponível em: http://www.see-educoop.net/education_in/pdf/declarat- eur-minist-educ-intercult-educ-oth-enl-t02.pdf).

Esta interação só é possível se existir uma predisposição e abertura para um movimento relacional e de interação, para assim operar uma comunicação intercultural, pois esta decorre da capacidade de todas as culturas em enriquecer as suas próprias concepções sobre os outros. Entendendo a cultura numa perspectiva dinâmica, aberta e claro em constante alteração, essas são condições essenciais para um verdadeiro diálogo intercultural (Gonçalves [et al], 2008).

Pela grande mobilidade dos povos na atualidade, as sociedades tornaram-se em locais de confluência de pessoas, com origens diferentes, onde o sentimento de pertença a um grupo se tornou um elemento essencial, de tal modo que as bases socioculturais, o diálogo e a abertura são primordiais (Ramos, 2001). Por isso mesmo, como já tinha sido referido, as migrações e a globalização são elementos relacionados com a dinâmica do diálogo intercultural. Paralelamente a este facto há em muitos países alguns distúrbios decorrentes dos conflitos étnicos, por razões religiosas ou culturais.

Para contrariar esta situação, há ainda um longo caminho a percorrer no que diz respeito ao diálogo. Lívia Barbosa e Leticia Veloso afirmam que "... lidar com essa diferença implica primeiro o seu reconhecimento, sem a exigência de sua superação em prol da construção de algo comum" (2009, p. 167). Para tal é importante que o diálogo entre as várias culturas seja promovido desde cedo, em diferentes contextos sociais e territoriais, criando as condições para o desenvolvimento de competências interculturais promotoras do respeito e compreensão e geradoras da comunicação.

Fruto das mudanças rápidas que se têm vivido na sociedade contemporânea a promoção do diálogo intercultural surge como um dos grandes desafios que esta tem que saber construir e gerir e, para esse fim, a cultura é um dos pilares mais importantes, pois é nela que assenta a construção de uma comunicação que terá necessariamente que ser mais justa. Para esta existir é fundamental, em primeiro lugar, conhecer essencialmente a própria cultura, bem como a sua composição e claro as transformações pelas quais passou, já que um conhecimento ligeiro e limitado da mesma é um dos fatores que leva a que seja estigmatizada e reduzida a preconceitos, muitas vezes racistas (Scollon, Scollon & Wong, 2001).

O Livro Branco do Diálogo Intercultural, publicado em 2008 pelo Conselho de Ministros da União Europeia, define diversidade cultural como “a existência empírica de diferentes culturas e a sua capacidade de interagirem num determinado espaço e no seio de uma determinada organização social” (pp. 13-14). Nesta abordagem, a capacidade de interação num determinado espaço e/ou organização social, assume-se como a competência chave para a construção de diálogos na diversidade. Um diálogo que se espera que tenha efeitos multiplicadores no reconhecimento dos benefícios da convivência entre uma população diversificada e no desenvolvimento de comunidades mais coesas.

4. Dança... competências sociais e construção de diálogos

A dança pode ser compreendida como um comportamento humano que é sentido pelo dançarino e pela sociedade (Andreoli, 2010), da mesma forma que envolve não somente o dançante mas todo o meio no qual este está inserido. Desta forma, Andreoli (2010, p. 106) segue apontando que “a dança é uma manifestação cultural, social e artística que ocupa um lugar fundamental na vida das comunidades humanas.” E que nesse sentido, “a dança possui caráter de linguagem para a construção cultural do corpo” (Andreoli, 2010, p. 107). Para Canal (2002),

A dança é uma forma de expressão da cultura de um povo. Por isso, cada um de nós poderá emocionar-se ao perceber a paisagem sonora do seu país e da sua cultura quando se encontra longe deles... Quando vivemos a nossa própria tradição musical, cultural e artística, tornamos possível que esta se mantenha viva e que contribua para manter a grande variedade e vastíssima riqueza de paisagens sonoras existentes na humanidade, que todos nós podemos disfrutar e compartilhar (Canal, 2002, citado por Sousa, 2013, p. 35).

Na perspetiva de Portinari (1989) citado por Mortari (2013), a dança como meio de cidadania e cultura, permite ao indivíduo dançante expressar desejos e anseios nos mais diversos espaços do quotidiano e sobre as diversas temáticas presentes em cada tempo. Conforme cita Portinari “dançou-se pois, para protestar a guerra no Vietnã, contra o racismo, contra o sexismo, contra o establishment. E para celebrar a paz, o amor livre, o culto do corpo”

(Mortari, 2013, p. 70). Ainda segundo Mortari a dança possibilita aos dançantes “reunir as novas tendências de movimento ligadas às tradições sócio-culturais de um grupo que partilham propostas, pontos de vista e um sentido de identidade comuns e que por tal, são danças que refletem a cultura do grupo que as produziu.” (2013, p. 71).

É importante observar que a dança ao reunir as ideias contemporâneas com as mais diversas tradições e costumes, é capaz de integrar o indivíduo de forma cultural, a fim de proporcionar a integração a um determinado grupo ou num determinado local. No que diz respeito a jovens em situação de vulnerabilidade, a dança pode entender-se como estratégia de *empowerment*. Como sinaliza Mortari,

a dança pode então ser utilizada como estratégia de integração ou mesmo como instrumento de (re)socialização junto a determinados grupos sociais. De igual modo, e com a mesma força, pode agir como forma de policiamento destas ações. A necessidade de pertencer, de fazer parte, leva o indivíduo a agir e a assumir diferentes práticas que evidenciam a importância do Corpo individual no contexto do corpo coletivo. Este não mais se identifica pelos mecanismos de abstração racional, mas buscam sua afirmação na organicidade dos grupos emocionais. É nesse grupo que o sujeito sente-se livre para criar e, nesse processo de criação coletiva, são construídas novas estratégias que os aproximam. (2013, p. 72).

A dança como expressão de arte surge, então, como forma de enfrentar as adversidades presentes nas diferentes dimensões da vida, em especial daqueles indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Desta forma, e conforme os estudos de Faria e Garcia (2003, p. 43), “a arte nos permite, como o mito, tocar o mistério do mundo, o lúdico, prazer, alegria. Permite-nos penetrar no desconhecido em busca de respostas parciais, sempre parciais, que mantém o élan do viver”. Albright (1997) reforça esta ideia ao afirmar que,

Existe todo um senso de vida estabelecido em torno de distinções corporais, relacionadas ao género, à classe, à etnia, à geração, à sexualidade, etc. Os movimentos, os gestos e as posturas corporais são culturalmente diferenciados de acordo com cada uma dessas identidades sociais (citado por Andreoli, 2010, p. 108).

Por outro lado, a dança é culturalmente e historicamente construída, expressada e registada (Santos & Lopes, 2012, p. 6). Assim, a importância da

preservação da dança como meio de aceder à cultura de um povo, mas também de revelar as suas identidades pois,

em se tratando da dança, temos a necessidade de conduzi-la de maneira que possibilite o reconhecimento das diferenças, singularidades, limites, potenciais e dos direitos de todos os que a partilham. Nesta concepção de formação a partir da dança, temos a questão da identidade a ser formada, desenvolvida, moldada, construída pelo aluno tendo a dança como aparato, como facilitador (Santos & Lopes, 2012, p. 6).

No contexto de arte-educação, a dança aliada às práticas educativas, orienta o indivíduo no que tange aos seus direitos e deveres enquanto cidadão, permite desenvolver o sentido de pertença à comunidade na qual está inserido, proporciona enriquecimento cultural e possibilita a perpetuação de tradições e costumes. Para Santos e Figueiredo (2003) a dança é uma das expressões significativas que integra o campo de possibilidades artísticas, contribuindo para a ampliação da aprendizagem e a formação humana.

Marques (2010, p. 38) afirma que “(...) na dança também estão contidas possibilidades de compreendermos, desvelarmos, problematizarmos e transformarmos as relações que se estabelecem em nossa sociedade entre etnias, géneros, idades, classes sociais e religiões”. Assim, é possível perceber que as culturas presentes nos espaços urbanos (ou não) permitem ao indivíduo maior intercâmbio com outras que coexistem. Importa sinalizar que as concepções de “eu”, “eles”, “nós”, irá variar de cultura para cultura.

Trata-se de uma dialética e já significa que o próximo é afastado e, ao mesmo tempo, o próprio termo relativo ao estrangeiro – sua alteridade – denota que o afastado é próximo, relação esta em contínua tensão. Por isso adotamos o sentido amplo e analítico do conceito de estrangeiro como enigmático, sedutor, traumatizante – composto da dualidade eu/outro, atravessado por cisões, retorno recalcado, aquilo que se confunde com o outro, aquele que é não eu, mas, não obstante, habita em mim (Luchessi, 2011, p. 65).

Finalmente, observa-se que as expressões artísticas e a dança em especial, têm a possibilidade, enquanto inseridas em contexto educacional, formal ou não, de promover e integrar os indivíduos dançantes, a fim de que se tornem emancipados, conhecedores de seus direitos e deveres enquanto cidadãos, mantendo e propagando tradições e costumes.

Desde la educación no formal, se programan de actividades diversas, en donde los adolescentes adquieren diferentes niveles de responsabilidad y participación y se fomenta el desarrollo en valores y educación entre iguales. Asimismo, se subraya la intencionalidad presente en las actividades y en la estructura organizativa y metodológica y la importancia de incorporar a otros actores sociales (asociaciones juveniles, ONGs, parroquias, centros cívicos) en una responsabilidad educativa compartida. Sin embargo, estos proyectos no se refieren solamente a adquirir ciertas habilidades para la acción sino que alude a la conciencia personal, al pensamiento crítico y al compromiso (Fonseca, 2017, p.89).

Nesta perspectiva, quando chamamos a dança a integrar estes projetos o seu poder vai além de uma atividade educativa, ela perpassa tudo aquilo que associa as crianças e jovens a meros indivíduos, permitindo-lhes a construção de uma maior pertença ao meio em que se inserem.

Por eso, las instituciones públicas y las políticas sociales han potenciado el desarrollo de los espacios no formales como ámbitos de educación ciudadana por su alto potencial para implicar a los adolescentes y jóvenes en actividades deportivas, asociativas y lúdicas y por ser lugares de encuentro (Siurala, 2005 cit. em Fonseca, 2017, p.89).

É neste contexto que a dança pode contribuir para que as crianças e jovens contactem com “formas expressivas de pensar, perceber e compreender, a partir da atividade física de se mover” (Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica, 2007, p.185) no mundo que as rodeia, dando a possibilidade de aprenderem uma linguagem que, ancorada na realidade sociocultural, lhes proporciona um espaço rico de comunicação e expressão.

Marques (2012) refere a dança como indutora do desenvolvimento das competências sociais, em que a interação entre pares implica quase sempre o crescimento académico e pessoal. Assim, para além das capacidades criativas e expressivas, são promovidas também as de comunicação e sociabilização, centradas “(...) no desenvolvimento da criança/ser humano com base nos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.” (p. 27).

A interação com o outro é uma constante na dança, permitindo, através das experiências corporais, a descoberta dos limites e possibilidades de relação e “por ser uma atividade coletiva e lúdica, acredita-se que a dança seja

um instrumento de facilitação nos relacionamentos interpessoais, no desenvolvimento da auto-estima, da autoconfiança e do sentido de responsabilidade” (Falsarella & Amorim, 2018, pág. 308). Varregoso et al. (2014) confirmam esta ideia afirmando que

ao ter de agir, reagir e interagir, com os outros que dançam, vai surgindo um sentimento de união (nós na dança), um sentimento de solidariedade (eu e os outros em grupo). Ao aprender em conjunto desenvolve-se um sentimento de igualdade de oportunidades (todos a aprender) e de confiança em si próprio e, ao mesmo tempo, de individualidade (cada um no seio do grupo, expressando-se coletivamente de forma única), bem como um sentido de responsabilidade (o meu contributo para o todo) (pag. 7).

Este diálogo com o outro também estimula e contribui para o desenvolvimento das competências associadas ao pensamento crítico e à autonomia bem como para a descoberta de práticas interpessoais e de grupo que levam à participação, à aceitação dos outros e à resolução de conflitos, através da comunicação.

É neste contexto que a dança pode potenciar a relação do indivíduo com o mundo e constituir-se como um espaço de interação social, bem estar individual e coletivo, encerrando “um valor educativo geral, de reconhecimento da identidade e individualidade, através da cultura, história e património” (Varregoso et al., 2014, pág. 6).

Quando mobilizada como estratégia, para integrar programas e projetos comunitários, a dança pode então trazer um importante contributo no desenvolvimento de competências na perspetiva de uma formação cidadã. Pois os programas e projetos comunitários constituem-se como espaços de participação de todos, numa perspetiva democrática, e de desenvolvimento de competências sociais e, assim, de “educação para a cidadania” (Checkoway, 2013). Nestes espaços de exercício da cidadania desenvolvem-se metodologias e estratégias que podem colocar crianças e jovens como atores do seu próprio desenvolvimento. Assumindo o lugar de protagonistas de um projeto que é sustentado nas suas necessidades e fragilidades, mas também nas suas potencialidades, as crianças e jovens podem experienciar processos de partilha, respeito, construção e empoderamento (McLaughlin, 2000).

Falamos pois de espaços que formam para uma cidadania ativa, dado

que a sua organização permite uma participação efetiva, sendo esta entendida como um processo de construção de cidadania (Cabrerá, 2008). É nesta perspectiva que se insere o projeto de intervenção que me proponho desenvolver, um projeto que emerge das necessidades e potencialidades identificadas na comunidade, que procura criar espaços de encontro através da aprendizagem e experimentação da dança, e desta forma contribuir para a formação de futuros cidadãos capazes de enfrentar desafios e tomar decisões, conscientes da importância da participação de todos de forma igual.

Capítulo II. Projeto de Intervenção

Um projecto é uma expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder. Um projecto é sobretudo uma resposta ao desejo de mobilizar as energias disponíveis com o objetivo de maximizar as potencialidades endógenas de um sistema de acção garantindo o máximo de bem estar para o máximo de pessoas (Guerra, 2002, p.126).

Neste capítulo apresento os espaços e contextos de intervenção, o contexto sócio territorial, os métodos e técnicas de recolha de informação, o diagnóstico para a intervenção, o desenho e implementação do projeto e, por fim a avaliação das atividades desenvolvidas.

1. Espaços e contextos para uma intervenção

Num bairro de população maioritariamente de origem africana, jovem e adulta, são frequentes as solicitações de respostas que assegurem, no próprio bairro, o acolhimento de crianças e jovens após o final as atividades letivas. Estas respostas têm sido, ao longo dos anos, da responsabilidade das associações locais, recorrendo para tal a fontes diversas de financiamento através da candidatura a programas e projetos. Mais recentemente, a não aprovação da candidatura de um projeto ao Programa Escolhas e, conseqüentemente, a ausência de financiamento, impediu que duas das associações, sediadas no bairro, dessem continuidade às atividades desenvolvidas nos tempos extra letivos com as crianças.

A Associação de Solidariedade Social do Alto Cova da Moura, encerrou as atividades que desenvolvia com crianças e jovens: apoio ao estudo, capoeira e patinagem. Por seu turno a Associação Cultural Moinho da Juventude deixou de apoiar as atividades dos grupos de dança (3 grupos, sendo eles *Wondewrfull's Kova M*, *Mourinhas* e *Wonderfull Kids*) e as atividades realizadas no estúdio de música.

Na sequência desta situação, os técnicos que anteriormente estavam envolvidos nas atividades com as crianças foram abordados por alguns pais e questionados sobre a continuidade das atividades do grupo de dança. A não

existência destas atividades, deixa as crianças e jovens à deriva, permanecendo muitas horas sozinhos nas ruas. Lembramos que neste bairro, onde a população se situa maioritariamente num grupo socioeconómico de nível baixo, são muitas as horas que as famílias permanecem fora de casa, tendo por vezes diferentes locais de trabalho e também horários mais alargados e distribuídos pelas 24 horas do dia. Perante este cenário as famílias solicitam que seria mais benéfico para todos e em particular para as crianças e jovens a continuidade de atividades em que antes estavam envolvidos, sendo a dança assumida como uma atividade em que todos participam e, gostam de se envolver.

Como anterior técnica do Programa Escolhas, nas últimas gerações, e por perceber que as crianças e jovens estão disponíveis e acolhem com agrado atividades culturais que lhes permitam interagir com os colegas, amigos e vizinhos, reconheço que será possível aproveitar as preocupações dos pais e a ausência de atividades como uma oportunidade para repensar as atividades a desenvolver com as crianças e jovens.

A predisposição das crianças e jovens e famílias para o envolvimento em dinâmicas que incluam a dança, é um dos motores da proposta de projeto que apresentamos. Assim, identificada a dificuldade em dinamizar atividades extraescolares que incluam a dança, por parte das instituições presentes no território, proponho que o projeto se sustente exatamente nesta ausência e dê a resposta que crianças, jovens e famílias propõem.

A prática da dança revela ser um motor cultural rico no conhecimento do eu e do Outro pelas dinâmicas de interação que proporciona. Nesta interação podem cruzar-se práticas e experiências diferentes, conhecimentos diversos, que quando colocados em diálogo podem promover um melhor conhecimento de todos e desenvolver competências pessoais e sociais diversas, fundamentais na construção e prática de uma cidadania ativa.

Partindo desta primeira reflexão que justifica, em parte, a importância de um projeto de intervenção neste território que valorize a prática da dança, importa agora identificar os espaços e os grupos existentes, de forma a reorganizar e retomar atividades anteriormente existentes, assim como criar, novos espaços de dança, que vão ao encontro de novas propostas.

2. Contexto Sócio Territorial – o lugar do bairro no concelho

O bairro Alto Cova da Moura localiza-se no distrito de Lisboa, na parte oriental do concelho da Amadora. Por sua vez, o município da Amadora é limitado a nordeste pelo município de Odivelas, a sueste por Lisboa, a sul e oeste por Oeiras e a oeste e norte por Sintra. Com 23,79 km², 175 135 habitantes (censo de 2011), está subdividido em 6 freguesias: Águas Livres, Alfragide, Encosta do Sol, Falagueira-Venda Nova, Mina de Água e Venteira. O bairro Alto Cova da Moura localiza-se num espaço de fronteira entre as anteriores freguesias da Buraca e da Damaia, com uma área aproximada de 16,5 hectares (Fig. 1). Até 2013 o bairro pertenceu à freguesia da Damaia, ano da reforma administrativa nacional, desde então, foi incluído na freguesia de Águas Livres. Segundo Malheiros et al. (2006) e Vasconcelos (2007),

Apesar das dificuldades no apuramento da sua dimensão populacional, os dados mais recentes apontam para valores globais na ordem dos 6 000 habitantes, sendo de realçar a existência de uma estrutura demográfica bastante mais jovem do que a envolvente, existindo cerca de 45% da população com idade inferior a 24 anos (Carmo, 2014, p.208).

Segundo o estudo das condições de habitabilidade realizado pelo LNEC há 1884 unidades habitacionais onde se estima que vivam mais de 5000 pessoas (2008, p. 7). Os censos de 2011 assinalam 3900 residentes. Contudo, registos existentes nas associações do bairro referem com frequência 5500 a 6000 habitantes. Isto deve-se ao fato de ser um território de transição de novos imigrantes. Encontram-se também no bairro imigrantes sem documentação o que faz que a contagem de habitantes não seja um número exato. O bairro, de génese ilegal, viveu um processo de expansão que podemos organizar em quatro fases distintas como se ilustra na tabela 1.

A complementar as características enumeradas na tabela mobilizamos o diagnóstico elaborado por Malheiros et al. (2006) e sintetizado no trabalho de André Carmo (20014), no âmbito da Iniciativa Bairros Críticos que nos esclarece, com alguns elementos adicionais, sobre esta última fase de expansão do bairro:

i) 2/3 dos residentes é oriundo de países estrangeiros (embora mais de 40% das pessoas tenham nacionalidade portuguesa); ii) salvo raras exceções, são predominantes os baixos níveis de escolarização (não indo além do 3º ciclo do ensino básico), elevados níveis de abandono e insucesso escolar; iii) o tráfico de estupefacientes tem vindo a ganhar terreno nos últimos anos contribuindo para a degradação da imagem do bairro, para a implantação de um ambiente social marcado por alguma violência, inquietação e desconforto social; iv) aparentemente, problemas de saúde como o alcoolismo e a gravidez precoce (envolvendo raparigas menores ou com 18 anos) apresentam também uma expressão significativa. (Carmo, 2014, pp. 211-212).

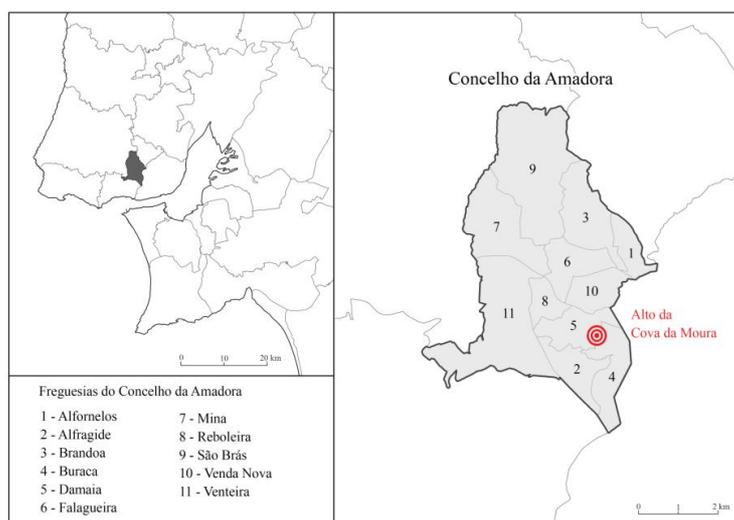


Fig. 1. Alto da Cova da Moura na Região Metropolitana de Lisboa

Fonte: Carmo, 2014, p. 208

Tabela 1. Fases de expansão do Bairro Alto Cova da Moura

1940-1974 (360 habitantes)	Ocupação clandestina do terreno por migrantes das áreas rurais, com a construção de barracas e alojamentos precários em madeira.
1974-1977 (600 habitantes)	Intensificação da auto construção de alojamentos com a chegada ao bairro de retornados das ex-colónias (Angola e Moçambique), e imigrantes de Cabo Verde. A partir de 1975 começam a construir-se em alvenaria. A rede de água e esgotos e eletricidade, assim como as restantes infraestruturas ainda não existiam.
1977-1989 (5000 habitantes)	Criação da Associação de moradores do Bairro do Alto da Cova da Moura (1978). Incremento na procura de habitação e lotes para construção com aumento no preço do solo. Novas dinâmicas de construção e especulação imobiliária. Aumento dos custos de arrendamento de partes de casa e/ou quartos. Aumento da heterogeneidade da população no bairro (55% dos habitantes oriundos de Cabo-Verde, 8% de Angola, 5% da Região Metropolitana de Lisboa e 32% do centro e norte de Portugal, tendo em muitos casos vivido em Angola ou Moçambique). População residente empregada em setores laborais mais mal pagos e de maior precariedade, famílias com rendimentos baixos e poucas perspetivas de mobilidade social. Bairro marcado pela privação económica e pela discriminação e/ou exclusão de base cultural (étnico-racial). “Paisagem étnica em que se inscreve e reproduz «a expressão material extrema da pobreza, exploração e segregação» (Malheiros et al., 2007, p. 142)” (Carmo, 2014, p. 210).
De 1989 até à atualidade (cerca de 6000 habitantes)	Novos fluxos migratórios – Moçambique, Zaire, Senegal, Guiné-Bissau, Angola, Roménia, Rússia (década de 1990). População cabo-verdiana e de origem cabo-verdiana mantém-se dominante. A economia informal e/ou subterrânea expande-se, sendo a sub-contratação no setor da construção civil (empreiteiros e sub-empreiteiros) um dos pilares laborais com maior peso na economia local. inclusão do bairro no quadro de iniciativas de intervenção sócio-urbanístico de carácter local, (iniciativa comunitária URBAN II, 2001-2006 e, Iniciativa Bairros Críticos, 2007-2012). “construção imaginária estereotipada” do bairro, “difundida e amplificada mediaticamente, na qual os seus habitantes, sobretudo os jovens, são vistos como seres potencialmente ameaçadores para a ordem social vigente” (Carmo, 2014, p. 211) - processo de “guetização” do Alto da Cova da Moura (Carmo, 2014, p. 211).

Fonte: elaboração própria a partir de Carmo (2014).

No bairro existe um pequeno comércio com uma oferta diversificada, encontramos produtos tradicionais africanos, lojas de música, salões de cabeleireiro, restaurantes, cafés, oficinas mecânicas, mercearias, agência de viagens. O bairro distingue-se dos restantes bairros envolventes, que têm a mesma génese e características urbanas, pela maior dimensão, pelo comércio mais diversificado, existência de melhores infraestruturas e equipamentos sociais (ruas largas e asfaltadas, escola primária, infantário, etc.), assim como pelo forte associativismo (Raposo, 2005; Horta, 2008).

A riqueza cultural também é um traço característico muito relevante no bairro. Vivem no bairro músicos, compositores de renome, como Jorge Neto e Paulino Vieira. Grupos de dança tradicional e modernos como os *Fika Pé*,

grupo de batucadeiras com diferentes gerações desenvolvendo um trabalho geracional e tradicional de grande valia e respeito pelos habitantes, grupo de crianças e jovens *Wonderfull's Kova M* que desenvolve um trabalho na área da dança e foi considerado pelo jornal público em 2008 como melhor performance de dança contemporânea, com atuações a nível nacional no CCB e a nível internacional na Palestina representando Portugal.

Num estudo recente, Ferro et al. (2016) referem-se às dinâmicas musicais do bairro da seguinte forma:

se percorrermos o bairro da Cova da Moura durante o fim de semana ficaremos surpreendidos com as inúmeras bandas que atuam em cafés, onde entre cerveja e grogue, os corpos se apertam para dançar. Aos sábados, quando o sol se põe, a música ao vivo invade as ruas do bairro e das colunas de casas, bares e carros, ouvem-se batidas de rap, zouk ou afro-house e melodias de funaná, koladera e morna (p.105).

Os mesmos autores reportam-se à posição central que o bairro ocupa na dinâmica musical cabo-verdiana, da Amadora e da AML.

A maioria dos músicos que lá toca provém de outras zonas dos subúrbios de Lisboa, assim como parte significativa do público que para ali se desloca. Verificámos que a maioria deles conjuga o trabalho artístico com outros empregos, que vão da construção civil à hotelaria (Ferro et al., 2016, p.106).

Além da música,

são vários grupos de dança de diferentes gerações ensaiam nas salas do Moinho da Juventude, assim como as batukaderas do grupo Finka Pé. Este grupo de batuke surgiu na Cova da Moura em 1988 e é formado exclusivamente por mulheres de origem cabo-verdiana. Nas suas atuações dentro e fora do bairro diferentes gerações partilham o mesmo palco, e que ilustra uma apresentação do grupo no âmbito das festividades do Kola San Jon. Esta festa, agora património imaterial português, invade as ruas do bairro no mês de junho, onde tambores e apitos “ordenam” a dança e afirmam uma comunidade de pertença (Ferro et al., 2016, p.107).

O *Kova M Festival*, organizado pela juventude da Cova da Moura e apoiado pelo Moinho da Juventude, vai para a sua 8.^a edição este ano e tem as suas origens nas festas de hip-hop iniciadas nos finais dos anos 1990. Realizado normalmente no verão, o festival que decorre durante uma semana, incluindo entre as suas dinâmicas workshops de dança, graffiti, fotografia,

literatura, passagens de filmes, desfiles de moda e uma ampla diversidade musical (Ferro et al., 2016).

O Kova M Festival culmina num fim de semana, quando artistas de toda a AML sobem ao palco num grande evento de exaltação das referências culturais negras e africanas, em que os jovens são os principais protagonistas. (Ferro et al., 2016, p.109).

Contudo, nele participam artistas mais velhos como o grupo Finka Pé e o músico cabo-verdiano Jorge Neto, com batuke, funaná e zouk. No bairro é evidente, um grande sentido de pertença a uma comunidade. O bairro integra hoje os circuitos musicais africanos, em particular cabo-verdianos, da Amadora, com redes de contacto que se alargam à AML.

A pertença a uma identidade negra transnacional e africana é comumente celebrada neste festival, quando jovens rappers e dançarinas de kuduro sobem ao palco, tal como músicos mais velhos de géneros mais “tradicionais”. Assim, importantes interações geracionais ocorrem no Kova M Festival, quando a Cova da Moura se transforma, mais uma vez, na “Cova da Música” (Ferro et al., 2016, p.109).

A música tem neste contexto territorial um papel central na vida dos jovens, maioritariamente de origem africana, uma centralidade corroborada por Marzia Grassi (2008) no estudo desenvolvido sobre os jovens de origem africana em Portugal. Também na investigação desenvolvida por André Carmo (2014), a produção musical surge como uma prática coletiva no Alto Cova da Moura, ocupando um grupo significativo do conjunto de inquiridos (72%). No bairro os espaços de produção cultural situam-se entre os espaços domésticos e públicos de proximidade.

3. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação

Neste ponto apresento a metodologia utilizada na realização do presente projeto de intervenção. Os procedimentos metodológicos seguiram os princípios da metodologia de projeto, mobilizando também alguns dos princípios da metodologia de investigação ação. Johnson (citado por Amado & Freira, 2013) refere que se pretende “obter ideias a partir da prática como meio de incrementar o conhecimento acerca dessa prática ou melhorar o currículo, o ensino e a aprendizagem”(p.188).

A apresentação dos métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação segue as diferentes fases de construção do projeto, tendo sido organizada a informação em três momentos: diagnóstico, implementação e avaliação do projeto.

Na fase de **diagnóstico** foram mobilizadas como técnicas de recolha de informação a entrevista e a análise documental.

As entrevistas foram realizadas à ex-coordenadora do projeto *Nu Kre* (anexo 1) do Programa Escolhas e aos jovens inscritos no programa. A primeira entrevista tinha como intenção compreender melhor alguns aspetos da cultura do bairro, identificar os grupos de dança existentes na Associação depois do término do Programa Escolhas e os efeitos nas crianças e jovens do final do projeto em que tinham estado envolvidos nos últimos anos. Também era minha intenção identificar a natureza do apoio da associação aos jovens.

As entrevistas realizadas aos jovens inscritos no programa anteriormente, num total de 14, tinham como objetivo compreender as suas representações sobre a dança, identificar as opções para ocupação, no momento, dos tempos não letivos e conhecer as suas expectativas sobre as atividades em que gostariam de se envolver no futuro (anexo 2 – exemplo de uma das entrevistas aos jovens).

A análise documental, foi efetivada através dos documentos de candidatura e avaliação do projeto *Nu Kre*, e da consulta realizada a dossiês, projetos e relatórios das associações existentes no bairro.

Os métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação durante a **implementação do projeto** organizam-se segundo as três grandes estratégias definidas, como podemos observar na tabela 2 que se apresenta de seguida.

Tabela 2. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação

	Animação de Intervalos	Expressão Corporal	Apoio e acompanhamento aos jovens
Técnicas de recolha de informação	Observação participante Inquéritos por questionário	Observação participante	Observação participante Focus grupo com os jovens
Instrumentos de recolha de informação	Questionário às crianças Questionário à comunidade escolar (professores e auxiliares) Notas de campo da investigadora Registo de presenças	Cadernos de registo dos alunos Diário de bordo Registo de presenças	Entrevista diagnóstico (técnicas do Projeto Escolhas e jovens participantes no programa anterior) Relatórios dos jovens após a realização das atividades Dossiês de atividades Registo de presenças
Análise de informação	Análise de conteúdo: dos questionários Análise quantitativa: dos registos de presença	Análise de conteúdo: dos registos realizados Análise quantitativa: dos registos de presença	Análise de conteúdo: das entrevistas dos registos realizados Análise quantitativa: dos registos de presença

Para o desenho e posterior apresentação das atividades foi realizado um levantamento dos interesses das crianças e jovens, sendo os mesmos a gerir o processo de intervenção num espaço de diálogo e de escolhas. Nesses momentos, pretendia-se compreender as perspetivas dos principais destinatários do projeto de modo a que os mesmos pudessem ouvir-se e tomar as decisões, consciencializando-se das suas escolhas e dos seus atos em grupo e na comunidade.

As técnicas e instrumentos de recolha de informação tiveram intencionalidade formativa pois forneceram às crianças e jovens ferramentas que lhes proporcionaram o desenvolvimento da sua capacidade de intervenção crítica.

Em todo o processo de recolha de dados foi muito importante o relatório final das atividades redigido pelos participantes: uma descrição das situações experienciadas. Desta forma pretendia-se promover a construção da sua identidade pessoal e cultural, assim como da sua autoestima, capacitando-os para a tomada de decisão e resolução de problemas.

As atividades tinham uma vertente lúdica, pedagógica, educativa e participativa, dando oportunidade às crianças de vivenciarem, recriarem, interagirem, partilharem, comunicarem entre si, potenciando a intencionalidade de criar diálogos interculturais.

A observação participante foi uma constante pois, nas atividades práticas pôde-se observar e analisar as atitudes e valores que emergiam durante a realização das mesmas. Para tal recorri aos seguintes instrumentos de registo: diário de bordo, caderno de registos individuais das crianças e relatórios finais de atividades.

As crianças e jovens puderam ao longo da sua participação produzir saber e refletir sobre as suas escolhas e ações. Carr (citado por Amado & Freire, 2013) propõe que a investigação-ação deva “abraçar uma epistemologia que tenha em conta o carácter crítico e dialético da racionalidade (...), isto é, uma conceção do conhecimento social e historicamente construído numa relação dialógica entre a teoria (a reflexibilidade) e a prática (a realidade vivida).” (p.190).

Neste projeto a epistemologia sugerida por Carr (citado por Amado & Freire, 2013), converge para os resultados do projeto. As crianças e os jovens ao longo do projeto colaboraram e participaram na investigação, sendo eles atores sociais, investigadores e participantes.

4. Diagnóstico para a intervenção

Cultura, Dança e Diálogos Interculturais - Desafios para uma Intervenção Sócio Educativa é um projeto que surge da identificação, no bairro, da ausência de respostas culturais e de ocupação dos tempos de recreio na escola e dos tempos não letivos para as crianças e jovens que se encontravam anteriormente envolvidas em atividades no âmbito da dança.

Como já apresentado anteriormente, com o final do projeto desenvolvido no âmbito do Programa Escolhas as crianças e jovens deixaram de ter no bairro uma resposta no âmbito da prática de atividades de dança que antes preenchia os tempos em que não se encontravam na escola, ao mesmo tempo que permitia práticas potenciadoras do desenvolvimento de competências sociais.

A ausência desta atividade, que regularmente mobilizava crianças e jovens, reduzindo os tempos em que se encontram sozinhos em casa ou no bairro, após as atividades letivas, é identificada como um problema importante pela comunidade. Além da ausência da atividade e do vazio criado para estas crianças e jovens, também o percurso de desenvolvimento pessoal e social anteriormente iniciado é travado, deixando-as agora entregues a si próprias nos tempos em que as famílias estão ausentes por se encontrarem na sua atividade profissional.

Acresce ainda, o facto de o envolvimento em atividades de dança permitir às crianças e jovens o encontro, para em conjunto construírem um espaço potenciador da troca de experiências e do desenvolvimento de práticas de dança. Esta participação permite também às crianças e jovens um envolvimento em atividades fora do bairro, quer em território nacional quer mesmo em espaço europeu, através da participação em intercâmbios onde em conjunto com jovens de outros países criam coreografias que apresentam em público.

Identificado o problema/problemas que desencadeia(am) este projeto, reúnem-se de seguida os principais tópicos que o resumem e que justificam o desenho que mais à frente se apresenta:

- final do projeto desenvolvido no âmbito do Programa Escolhas e a gestão feita pelas instituições após a fecho do programa;
- falta de apoio financeiro para as atividades com as crianças, nos espaços do bairro;
- vontade da população em continuar a atividade cultural que é também uma característica/imagem de marca e símbolo da identidade do bairro;
- predisposição, enquanto profissional no território, para poder iniciar uma intervenção sócio educativa a partir dos interesses das crianças e jovens.

Deste diagnóstico emerge um conjunto de interrogações que, enquanto técnica no território, coloco perante as fragilidades, potencialidades e oportunidades que identifico no bairro:

- Qual a ocupação das crianças que estavam inseridas no Programa Escolhas após o seu término?

- Será a dança um meio de desenvolvimento para uma educação na e com a cidadania?
- Quais as potencialidades que decorrem da criação de um espaço de dança para a comunidade, em especial para as crianças e jovens?
- Como criar estratégias a partir da dança que promovam o desenvolvimento de competências sociais e atitudes positivas na interação entre todos?

Assim, a problemática em que se sustenta o projeto emergente surge com a seguinte formulação: *O desenvolvimento de práticas de dança por crianças e jovens na comunidade onde residem, amplia o conhecimento de práticas culturais no âmbito da dança, potencia espaços de encontro e facilita o desenvolvimento de competências sociais.*

Para o desenvolvimento desta problemática definem-se os seguintes objetivos gerais de intervenção:

- *Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança;*
- *Realizar práticas de dança e interagir com os seus pares em espaços de encontro no bairro;*
- *Desenvolver competências sociais promotoras de diálogos no seu grupo e na comunidade.*

Para ampliar o primeiro diagnóstico traçado e de forma a sustentar o projeto em diferentes dimensões, avancei para um segundo momento de diagnóstico, mais aprofundado, em que envolvi dirigentes das associações do bairro, pais, jovens e crianças, assim como com os técnicos que estiveram envolvidos no projeto realizado anteriormente no âmbito do Programa Escolhas. Deste diagnóstico desenha-se a tabela 3 que a seguir se apresenta e que ilustra as principais dinâmicas existentes no bairro.

Tabela 3. Análise Swot realizada após o final do projeto *Nu kre* (Programa Escolhas)

Potencialidades	Fragilidades	Oportunidades	Ameaças	Estratégias & Projetos
<p>A relação que as crianças têm com os espaços e com os responsáveis pelas atividades</p> <p>O espaço como uma casa para os miúdos, que sentem ser seu e que querem cuidar – um espaço seguro no bairro</p> <p>Um lugar privilegiado de ligação efetiva aos pais e à comunidade</p> <p>Um lugar com uma dinâmica muito mais abrangente do que a prática da dança</p> <p>Um nexo privilegiado criança-escola-família-comunidade, com implicações diretas no desempenho escolar</p> <p>Lugar de aprendizagem para todos</p> <p>Um espaço onde as crianças aparecem porque gostam de estar</p> <p>A equipa conta com pessoas que conhece muito bem o bairro</p> <p>Conta com parcerias que o valorizam</p>	<p>Condições para que os jovens construam uma academia de dança, aberta à criatividade e intercâmbios</p> <p>Desenvolvimento de um trabalho que vá além do bairro e de atividades culturais de outros bairros</p> <p>Construção de um sentido coletivo e individual quanto ao significado do que se está a fazer</p> <p>Acompanhamento das crianças ao longo dos anos para que não percarn as suas motivações e orientações</p> <p>Excessiva informalidade</p> <p>Acompanhamento de um modo de funcionamento, diferenciado em relação ao anterior: com as suas regras e imposições e sem acordo</p> <p>Dedicação da equipa</p> <p>Falta de acompanhamento das atividades com jovens pelas direções/instituições</p> <p>Pouco apoio na realização das atividades</p> <p>Pouco investimento pensando no futuro e na aprendizagem continua</p> <p>Quebra de financiamento</p>	<p>Aproveitar a abertura da escola e maximizar a influência e a proximidade, promovendo atividades comuns</p> <p>Potenciar o legado recebido, de uma boa imagem, construída ao longo dos anos, ter uma ação participativa na sociedade portuguesa, promover a visibilidade do trabalho desenvolvido, estar em rede, participar em diversas atividades culturais</p> <p>Potenciar a predisposição já existente nas crianças e jovens para esta área</p> <p>Desenvolver e empoderar os jovens, capacitando-os nestas áreas de trabalho</p>	<p>Muitas famílias deixam de querer viver e educar os filhos na Cova da Moura</p> <p>Uma população intermitente</p> <p>Orientação das crianças para a frequência de outros espaços, a par de uma possível diminuição do número de crianças e jovens que possam continuar as suas práticas culturais</p> <p>Relações interinstitucionais com algumas fragilidades</p> <p>Dificuldade no acesso a informação, sobre a dança</p> <p>Pouco apoio das instituições como a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia</p> <p>Pouco interesse das associações que veem a atividade de dança como algo para as festas das instituições</p> <p>Falta de comunicação das instituições no que diz respeito a área e para o desenvolvimento</p> <p>Falta de participação e formação na área</p> <p>O bairro estigmatizado, marcado por questões relacionadas com o tráfico de droga, as relações difíceis com a polícia, etc.</p> <p>O risco de elitizar, de ‘perder a base’, perdendo a proximidade ao bairro, distanciando-se da comunidade</p>	<p>Divulgação das atividades na escola, por ocasião das primeiras reuniões de pais do ano letivo</p> <p>Constituição de um grupo de dança dentro das escolas que integre alunos e restante comunidade escolar</p> <p>Ampliação do leque de participantes para pessoas exteriores ao bairro, profissionais e amadores</p> <p>Desenvolvimento de um trabalho onde a arte seja vista como um trabalho de aprendizagem</p> <p>Estabelecimento de protocolos alargados de cooperação</p> <p>Desenvolvimento de mecanismos que assegurem a visibilidade interna e externa do trabalho desenvolvido</p> <p>Criação de projetos a longo prazo</p> <p>Disponibilização de formações adequadas, a crianças e jovens</p>

Neste sentido, a transformação das relações pessoais e/ou dos laços coletivos promovidos, com o objetivo de ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança, criar espaços de encontro através da dança, desenvolver competências sociais, evidencia-se como uma intenção fundamental no trabalho a desenvolver.

Considero que após a realização desta análise *swot* e das diferentes propostas que surgiram, a comunidade reúne as condições necessárias para abraçar este projeto.

Assim, identifica-se existir uma vontade das crianças e jovens em continuar o trabalho desenvolvido anteriormente, interesse dos pais/educadores na participação dos seus filhos/educandos em atividades onde haja interação, encontros e práticas promotoras de diálogos.

Posso dizer, também, que existe abertura dos espaços para acolher a realização das atividades de dança, nomeadamente associações e escolas, o que poderá promover um enriquecimento cultural e educacional promotor de uma educação para a cidadania mais ativa.

Após a realização desta análise *swot*, realizei algumas entrevistas aos grupos de dança para conhecer o trabalho desenvolvido e identificar os apoios que os mesmos necessitavam, de forma a tentar também averiguar se haveria a hipótese de poder formar um grupo que pudesse juntar-se na proposta de projeto.

Após as entrevistas de diagnóstico constituiu-se um pequeno grupo com jovens do bairro para percebermos juntos, nas duas Associações do bairro, que trabalho já tinha sido desenvolvido a nível da dança e o porquê de hoje não haver atividades nesse âmbito.

A resposta de uma das Associações foi acolhedora na medida em que compreendeu a dinâmica de trabalho e o porquê de estarem jovens a acompanhar a mestranda como grupo de pesquisa, na consulta dos arquivos e partilha das histórias. Na outra Associação, o peso da burocracia imposta dificultou o trabalho, o que levou a que apenas nos disponibilizassem alguma informação oralmente e algumas imagens, não na presença do grupo mas só a título individual, barrando um pouco a dinâmica inicialmente pensada de poder organizar com eles todo o trabalho de apoio ao grupo de jovens.

Deste trabalho iniciou-se a construção de uma cronologia das atividades de dança bastante interessante, mas que acabou por ser deixada para trás: por falta de tempo, pelo grupo ter necessidades diferentes, por encontrarem projetos arquivados só dos grupos mais antigos e ausência de informação sobre os mais recentes, por haver poucos dados, muitas perguntas e respostas já “formatadas”, como referiu (R.) uma jovem do bairro que participou nesta etapa do trabalho.

Ao verificar que não havia possibilidade de ter acesso a mais de uma Associação a não ser pela via da informação oral e, por outro lado, ao ficarmos desiludidos em ver que o processo de trabalho com os jovens não foi acarinhado como os demais da Associação, dois dos elementos de um grupo de dança que estava a ser prejudicado com a saída do Programa do território, resolveram juntar toda a informação recolhida para o grupo, arquivando-o por datas, percebendo a importância do arquivo e dando relevo ao trabalho realizado, com os jovens. O grupo reunia-se uma vez por semana, duas horas, depois do horário de trabalho ou na hora de almoço, e com a sua criatividade e empenho conseguiu realizar um arquivo de trabalho do grupo de dança em questão.

Podemos confirmar que atualmente as Associações disponibilizam poucas atividades às crianças e jovens. A Associação 1 hoje não tem nenhum grupo de dança e ao tentar refazer um grupo não obteve sucesso. A Associação está sem vida ativa, as crianças que aparecem para realizar as atividades oferecidas são hoje em número reduzido, as atividades passaram a ser de entretenimento.

Na Associação 2, existe ainda uma dinâmica muito presente, por parte das crianças e jovens, mas não em atividades que lhes agradem ou em que se sintam parte, “vir hoje ao Moinho é só por vir, não há nada de jeito para se fazer” (Z.), ainda “quando estávamos no Escolhas pelo menos nos ouviam, agora a desculpa é o Escolhas acabou...” (Z.). Estas são as palavras de uma jovem que não se sente mais integrada nas propostas de atividades da Associação 2.

Constata-se que a ligação dos jovens com o espaço também não é a mesma, daí decidir apoiar o projeto em outras associações e espaços públicos parceiros onde os mesmos possam saber que podem reunir-se e construir

novas redes. Neste âmbito tivemos o apoio do Cazambujal, do Palácio Baldaia, da ESELx. Locais que para muitos dos jovens eram longínquos nos horizontes de uma fronteira invisível criada pelas suas mentes. “Pensei que esses espaços não eram para nós”, disse G., “pensei que era só para pessoas que estudam afinal é livre, isso é fixe.” Sem deixarem de trabalhar com o bairro e sobre o bairro é possível construir pontes de forma a poder estar em outros espaços e poder explicar o bairro através do trabalho que desenvolvem. “No Baldaya quando demos o Workshop a rapariga que apareceu nem acreditou que eramos da Kova” (S.), “viste a senhora quer ficar com o nosso contato para saber mais coisas que vamos fazer, vamos convidar esta senhora para o Festival” (Z.). Assim foram nascendo as novas abordagens significativas, construtoras de um sentimento de orgulho no trabalho que estavam a realizar.

Este trabalho tornou-se muito significativo para mim e desenvolvê-lo com um grupo de jovens fez com que a minha observação tomasse outras dimensões, no sentido em que poderia ouvir e conversar mais com eles. A realização do trabalho não era fácil, pois perdia-se muito tempo com conversas paralelas, decidia-se muito pouco no imediato e sonhava-se muito com o que se poderia fazer sem muitas vezes terminar a tarefa a que se tinham proposto no dia. O meu papel neste trabalho, por vezes, era muito de observar e registar informação.

Após a recolha de informação, a decoração e organização dos dossiês, surge a ideia de realizar uma cronologia dos grupos de dança. O trabalho iniciou-se de forma simples, através de uma troca de ideias numa das reuniões. Porém o mesmo não foi avante por falta de informação, pela necessidade de ter de ser algo mais concreto, que implicava a realização de entrevistas não só às instituições como aos participantes dos diferentes grupos, assim como a procura de documentação (fotos, reportagens e o que poderia haver desse tempo). Para tal teríamos de ter mais disponibilidade de preparar as entrevistas e de nos organizarmos. Os jovens ao verem que poderia levar mais tempo do que inicialmente imaginaram, deixaram ficar a ideia para uma concretização mais tardia, pois o que queriam mesmo era voltar a dançar, aos ensaios e aos momentos de convívio uns com os outros. E isso foi tido em conta, pois o propósito maior do projeto foi criar espaços de diálogo e desenvolver competências sociais. Não obstante, o trabalho realizado, pode

observar que o envolvimento no mesmo serviu para ampliar conhecimentos das práticas culturais do bairro. (R.) refere que “este grupo já existia antes de eu nascer e ainda continua, fogo isso é que é gostar, olha a D. I. como está nova nesta foto.”

A reação do grupo neste percurso, as conversas que tiveram e as atitudes que tomaram, confirmou e deu relevo ao projeto desenhado. Pude então responder às minhas questões de diagnóstico e perceber qual o papel da dança na comunidade, pude confirmar que esta está presente em quase tudo o que existe no bairro. A dança é como que uma transmissão de valores culturais inata à comunidade que hoje alarga os seus conhecimentos não só para as crianças, jovens e familiares do bairro, como para toda a comunidade envolvente fora e dentro da freguesia. Muito para além do ritmo esta é uma relação social vivida por todos.

Conseguimos ver a dança por todo o lado nesta comunidade, nos cafés, nas associações, nas ruas, nas casas, nos espaços de culto, nos bebés, nos avós, bisavós, é claramente uma marca da sua identidade. Ao sairmos do bairro é mais escondida essa relação, mas ao estarmos com a comunidade escolar ou com outra associação ao redor do bairro é com a mesma expressão que vemos a alegria transmitida pela dança.

5. Desenho do Projeto de Intervenção

5.1. Intervenientes e espaços para a intervenção

Como público envolvido neste projeto, considera-se a comunidade do bairro do Alto da Cova da Moura em geral e, em particular, as crianças e jovens que representam cerca de 50% da população do bairro. As atividades dirigem-se, em segundo plano, a toda a da freguesia das Águas Livres, freguesias e concelhos limítrofes, de forma a mitigar o conceito de “gueto” muitas vezes associado a este bairro, tornando-o atrativo como fonte e veículo de divulgação de arte e cultura associadas à educação para a cidadania.

Assim os principais envolvidos no projeto são crianças e jovens dos 6 aos 22 anos, a comunidade do bairro Alto Cova da Moura e territórios envolventes, duas Escolas EB1/JI da freguesia das Águas Livres – Amadora. Em conjunto com estes participantes são também potenciais e desejáveis os

familiares, outros grupos de dança, professores e outros parceiros internos e externos à comunidade. As formas de participação no projeto podem acontecer quer pelo envolvimento de profissionais, quer pelo envolvimento de voluntários.

O projeto será desenvolvido no espaço da Associação Cultural Moinho da Juventude e em duas Escolas de Primeiro Ciclo do Ensino Básico (Escola 1 e Escola 2) localizadas dentro e fora do bairro Alto da Cova da Moura.

Como estratégia transversal ao projeto privilegia-se o desenvolvimento de atividades partindo da decisão de cada grupo de forma democrática, fazendo desta uma prática.

Escola 1

A escola localiza-se na Buraca, numa área residencial antiga. No centro desta área encontra-se o mercado, o centro de saúde, a igreja, o jardim central com parque infantil, a Junta de Freguesia e o seu salão polivalente, o centro sócio-desportivo, com ginásio, piscina e centro de dia. A escola é constituída por dois edifícios, uma arquitetura do “Plano de Centenários”, tem seis salas de aula, duas salas cedidas à Junta de Freguesia para utilização do ATL e prolongamento do pré-escolar e três arrecadações. O pavilhão dispõe de seis salas de aula do 1º ciclo, três salas de Jardim-de-Infância, um gabinete de coordenação, uma biblioteca, uma sala de videoteca, uma sala para apoio sócio educativo, um gabinete para educação especial, um gabinete na área do Jardim de Infância, uma sala de professores, três arrecadações, um refeitório, uma cozinha, um ginásio polivalente com balneários e um jardim interior. Dentro do recinto escolar encontra-se uma portaria, um espaço exterior (recreio) não muito amplo e com muita exposição ao sol e à chuva. Atualmente (2017) a escola é frequentada por 308 alunos, a população é bastante heterogénea, tanto a nível social, como cultural e económico.

A população que habita o território onde se localiza a escola, tem uma percentagem significativa de população envelhecida, predominando os aposentados e as domésticas, inseridos num nível socioeconómico médio-baixo.

Escola 2

A escola está localizada no bairro Alto Cova da Moura, é constituída por um edifício, que dispõe de seis salas de aula no piso superior, a sala de professores, o gabinete da coordenadora e a arrecadação. Tem duas salas e uma biblioteca no espaço inferior. Para a educação Pré-escolar estão alocadas duas salas, que se localizam no primeiro andar. Dispõe de um refeitório, uma cozinha, um ginásio polivalente. Dentro do recinto escolar encontra-se um espaço exterior (recreio) amplo e com pouca proteção no que respeita ao sol e à chuva. Neste recinto existe ainda um campo de futebol. No ano 2016 a escola era frequentada por 58 alunos.

Associação Cultural Moinho da Juventude

Pré associação com ações espontâneas, em 1984 dá o seu maior passo quando luta pela instalação da rede de água e esgotos, pela organização de uma biblioteca juvenil e organização de um grupo de mulheres do serviço doméstico para melhorar as suas condições de vida.

Em 1987 a associação foi oficialmente constituída (DR.9.6.87). Esta é reconhecida como IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) e desenvolve desde então várias atividades a diferentes níveis (infantil, juvenil, económico, saúde, emprego, documentação), faz formação e desenvolve projetos.

A associação é apoiada pelo Instituto de Segurança Social e Solidariedade, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Fundo Social Europeu, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Ministério da Educação e da Inovação, Câmara Municipal da Amadora, Instituto Português da Juventude, pela Direção Geral de Extensão Educativa, sócios efetivos e contribuintes.

A associação é ainda membro da Rede Nacional das Associações Juvenis, da Rede Europeia Anti pobreza e da Rede Gender e Globalização.

5.2. O projeto – fases de desenvolvimento e implementação

O projeto desenvolve-se em três momentos, ainda que entre eles exista necessariamente uma articulação: (1) momento de investigação antes da intervenção (fase diagnóstica e pesquisa); (2) momento de intervenção

(momento de intervenção) e, (3) avaliação/ reflexão. Para melhor clarificar a apresentação do projeto apresenta-se de seguida uma tabela em se que organizam os três elementos fundamentais: objetivos gerais, indicadores de avaliação e atividades a desenvolver (Tabela 4). Para cada espaço de trabalho a planificação foi realizada tendo em conta os módulos temáticos a explorar, tendo os mesmos sido adaptados a cada realidade e criando um elo de interligação com o trabalho já anteriormente desenvolvido pelas instituições parceiras.

Tabela 4 – Objetivos gerais, indicadores de avaliação e atividades

Objetivos gerais do projeto	Indicadores de avaliação	Atividades
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Transmite novos conhecimentos sobre práticas de dança; Identifica práticas de dança que associa a culturas específicas; Identifica-se com um ou mais tipos de dança; Propõe novos tipos de dança; Desenvolve novas aprendizagens com os seus pares; Revela consciência e responsabilidade.	Conversas de preparação e reflexão das atividades Exploração da história <i>Ynari</i> Formas geométricas, linhas e variações de direção no espaço Movimentos através de ritmo Puíta Marrabenta em torno do poema Dançar verbos Jogos de grupo Intercâmbios Dança Criativa
Realizar práticas de dança e interagir com os seus pares em espaços de encontro no bairro.	Pratica dança nos espaços definidos; Interage com os seus pares durante as atividades; Experiência diferentes tipos de dança; Disponibiliza-se para dançar com diferentes grupos/pares.	Cada passo uma dança O Espelho Movimentos estáticos Intercâmbios Exploração Corporal Técnicas de estilos de dança Dança com outros professores Jogos de comunicação interpessoal
Desenvolver competências sociais promotoras de diálogos no seu grupo e na comunidade	Identifica os contributos da prática da dança para o seu desenvolvimento pessoal e social; Realiza novas amizades a partir da prática da dança; Mantém as amizades construídas durante as atividades de dança noutros espaços/contextos.	Intercâmbios Dança nos intervalos Criação artística Assistência a espetáculos Encontros de Dança Apresentações Workshops Assistência a espetáculos Espetáculos realizados Organização de espetáculos Criação de espetáculos

5.3. Implementação do Projeto

Para a realização do projeto, optei por uma estratégia de interação que implicasse as crianças e jovens, anteriormente inseridas no Programa, alargando também o mesmo para as escolas públicas e, desta forma, descentralizar a atividade do bairro e envolver toda a comunidade.

Entende-se por comunidade o agrupamento de pessoas que vive numa mesma área geográfica, rural ou urbana, unidas por interesses comuns e que participam das condições gerais de vida. A palavra comunidade tem origem no termo latim *communitas*. O conceito refere-se à qualidade do que é comum, pelo que permite definir distintos tipos de conjuntos: das pessoas que fazem parte de uma população, de uma região ou nação; das nações que se encontram unidas por acordos políticos e económicos (como a Comunidade Europeia) ou de pessoas vinculadas por interesses comuns (como é o caso da comunidade católica).

Bauman (2003), afirma que uma pré-concepção acrítica desse conceito nos remete sempre à ideia de uma “coisa boa”. Essa definição positiva a priori, sempre reafirmada e raras vezes questionada, é também expressa, segundo Bauman (2003), na definição de Rosenberg, para quem a expressão comunidade se refere a um “círculo aconchegante”, e trata-se de um agrupamento “distinto, pequeno e autossuficiente”. No entanto, afirma Bauman (2003), existe uma tensão entre a utópica e almejada segurança da comunidade e a ideia de liberdade, resultado das dinâmicas sociais da contemporaneidade.

O termo comunidade ainda é usado para denominar uma forma de associação muito íntima, um grupo altamente integrado em que os membros se encontram ligados por laços de simpatia. Nesse sentido, qualquer grupo pode constituir uma comunidade. Para a presente intervenção e uma vez que esta é desenvolvida com uma comunidade, o esclarecimento do conceito, permite clarificar o desenho que se apresenta para o projeto.

Assim, tendo em conta nos objetivos definidos anteriormente, foram assumidas três grandes estratégias diferenciadas pelos espaços e públicos que envolvem: 1) animação de intervalos; 2) atividades de expressão corporal; e, 3) acompanhamento aos jovens.

Para cada estratégia identificam-se de seguida as atividades definidas com os diferentes públicos e nos diferentes contextos.

1) **Animação de intervalos**, através das escolhas das crianças, foram criadas dinâmicas de dança no intervalo da manhã duas vezes por semana. As sessões foram orientadas por mim, privilegiando espaços para diálogo e reflexão. A atividade decorreu duas vezes por semana na escola de primeiro ciclo. Nesta participaram todos os alunos que queriam, realizando-se no recinto do recreio ou no polivalente (Figs. 2, 3 e 4), com o intuito de através da dança poder proporcionar às crianças um espaço, onde pudessem desenvolver competências sociais e de cidadania. As atividades desenvolvidas no âmbito desta estratégia encontram-se organizadas na tabela 5, assim como as respetivas técnicas, instrumentos e indicadores de avaliação.

Tabela 5. Atividades desenvolvidas na estratégia Animação de Intervalos (número de sessões, avaliação/técnicas e indicadores de avaliação)

Atividade	nº de sessões	Avaliação (Técnicas)	Avaliação (Indicadores)
Conversas de preparação e reflexão das atividades	28		
Dança nos intervalos	28	Observação direta, com registos no diário de bordo.	Participação, interesse e empenho na realização das tarefas
Dança com diferentes professores (Hip-hop, contemporânea e dança criativa)	3	Autoavaliação dos participantes, com registo escrito.	Intervenção adequada
Jogos de grupo	9		Cumprimento de regras
Encontros de dança	1		Relação com os outros
Apresentação de espetáculos	3		
Exploração corporal	28		
Intercâmbios	1		



Figuras 2, 3 e 4. Animação de Intervalos

2) Dinamização de aulas de expressões orientadas para aspetos da cultura das crianças e jovens participantes e presentes nas salas de aula recorrendo à **expressão corporal** como ferramenta de aprendizagem na escola de 1º ciclo do bairro, potenciando encontros e práticas efetivas de cidadania num contexto multicultural (Figs. 5, 6 e 7). As atividades implementadas encontram-se descritas na Tabela 6.

Tabela 6. Atividades desenvolvidas na estratégia de Expressão Corporal (número de sessões, avaliação/técnicas e indicadores de avaliação)

Atividade	nº de sessões	Avaliação (Técnicas)	Avaliação (Indicadores)
Conversas de preparação e reflexão das atividades	28		
História Ynari	1		
Formas geométricas, linhas e variações de direção no espaço.	1		
Movimentos através de ritmo	1		
Puíta/ Tchiloli	1	Observação direta,	Participação, interesse e
Marrabenta em torno do poema	1	com registos no diário	empenho na realização
Dançar verbos	1	de bordo.	das tarefas
Jogos	8	Autoavaliação dos	Intervenção adequada
Intercâmbios	2	participantes, com	Cumprimento de regras
Exploração corporal	10	registo escrito.	Relação com os outros
Técnicas de estilos de dança	8		
Dança com outros professores	2		
Jogos de comunicação	10		
Criação artística	1		
Encontros de dança	1		
Apresentações de espetáculos	1		



Figuras 5, 6 e 7. Expressão Corporal

3) **apoio e acompanhamento** de atividades de grupos de dança já existentes no bairro, a partir das necessidades identificadas pelos mesmos. Estes grupos constituíram-se também como uma oportunidade de contacto para os jovens, conhecendo outros grupos culturais e alargando o seu leque de referências (Figs. 8 e 9). As atividades planificadas estão descritas na tabela 7 que a seguir se apresenta.

Tabela 7. Atividades desenvolvidas na estratégia de apoio e acompanhamento (número de sessões, avaliação/técnicas e indicadores de avaliação)

Atividade	nº de sessões	Avaliação – Técnicas	Avaliação – Indicadores
Conversas	60		
Jogos de grupo	14		
Exploração corporal	11		
Técnicas de estilos de dança	16		
Intercâmbios	4		Participação, interesse e empenho na realização das tarefas
Jogos de comunicação interpessoal	16	Observação direta, com registos no diário de bordo.	Intervenção adequada
Cada passo uma dança	1		Autonomia
O Espelho	1		Cumprimento de regras
Movimentos estáticos	1	Autoavaliação dos participantes, com registo escrito.	Relação com os outros
Criação artística	19		
Assistência a Espetáculos	4		
Encontros de Dança	8		
Workshops	3		
Espectáculos realizados	6		
Organização de espetáculos	2		
Criações de espetáculos	5		



Figuras 8 e 9. Intercâmbio com jovens

Através da realização das atividades, foi possível perceber a evolução de cada grupo de trabalho. Após o planejamento das atividades e da realização das mesmas procedeu-se à avaliação de forma a avaliar se os objetivos inicialmente propostos tinham sido alcançados e desta forma perceber como os participantes se envolveram e quais as aprendizagens que foram construindo.

As tabelas 8 (8.1, 8.2 e 8.3) ilustram a relação entre os objetivos gerais do projeto e dos objetivos específicos de cada atividade, esclarecendo a relação com as competências pessoais e sociais a desenvolver através de cada estratégia definida.

Tabela 8.1. Animação de intervalos – relação com as competências pessoais e sociais

Objetivos gerais	Objetivos específicos do trabalho na escola 1	Competências pessoais e sociais
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Proporcionar a aquisição de saberes e de experiência/vivências, de forma a dar ao aluno instrumentos capazes de o integrar e desenvolver uma comunicação mais saudável na vida ativa;	Cultura Pluralista Valores Éticos Respeito
	Promover atividades de desenvolvimento/observação de valores conducentes à educação para a cidadania através da expressão corporal e do trabalho em grupo;	Trabalho em equipa Capacidade de comunicação
	Explorar a expressividade corporal através de estímulos	Pensamento crítico Capacidade de iniciativa
	Explorar movimentos corporais através da dança	Criatividade
	Sensibilizar para a interculturalidade	Liderança Capacidade de adaptação
Criar espaços de encontro através da dança	Desenvolver a capacidade motora e orientação espacial através de mensagens corporais, ritmos e movimentos orientados;	Criatividade Intervenção multidisciplinar
	Otimizar os recursos existentes na escola para as atividades;	Liberdade Solidariedade
	Explorar a experimentação e a criação	Relação com os outros
	Criar o gosto pela dança como forma de expressão e desenho no espaço onde está inserido.	Respeito Autonomia
	Proporcionar aos alunos a aquisição de saberes através da linguagem corporal (dança);	Trabalho em equipa Capacidade de comunicação
	Sensibilizar e promover a dança como meio para estimular a criatividade;	Gestão de tempo Resolução de problemas Pensamento crítico Capacidade de iniciativa Sentido de responsabilidade
		Liderança Capacidade de adaptação

Tabela 8.2. Atividades de expressão corporal – relação com as competências pessoais e sociais

Objetivos gerais do projeto	Objetivos específicos da escola 2	Competências pessoais e sociais
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Vivenciar histórias, culturas e diferentes formas de estar na sociedade	Relação com os outros Respeito
	Proporcionar o conhecimento de diferentes manifestações culturais	Autonomia Trabalho em equipa Pensamento crítico Capacidade de iniciativa Criatividade Liderança Capacidade de adaptação
Criar espaços de encontro através da dança	Explorar a expressividade corporal através de estímulos	Relação com os outros
	Explorar movimentos corporais através da dança	Respeito
	Explorar a experimentação e a criação	Autonomia
	Estimular a espontaneidade e a expressividade	Trabalho em equipa
	Sensibilizar para a interculturalidade	Capacidade de comunicação
	Estimular a socialização e a integração	Gestão de tempo
	Estimular o diálogo	Resolução de problemas
	Aprender a observar, a analisar e a exprimir opinião	Pensamento crítico
	Estimular a espontaneidade e a expressividade	Vontade de aprender
	Proporcionar o conhecimento de diferentes manifestações	Capacidade de iniciativa
Desenvolver competências sociais e de cidadania	Sentido de responsabilidade Criatividade Liderança Capacidade de adaptação	

Tabela 8.3. Acompanhamento aos jovens – relação com as competências pessoais e sociais

Objetivos gerais	Objetivos específicos do acompanhamento aos jovens	Competências pessoais e sociais
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	<p>Proporcionar a aquisição de saberes e de experiência/vivências, de forma a dar aos jovens instrumentos capazes de o integrar e desenvolver uma comunicação mais saudável na vida ativa;</p> <p>Explorar a expressividade corporal através de estímulos</p> <p>Explorar movimentos corporais através da dança</p> <p>Sensibilizar para a interculturalidade</p>	<p>Cultura Pluralista</p> <p>Valores Éticos</p> <p>Igualdade de Oportunidades</p> <p>Relação com os outros</p> <p>Respeito</p> <p>Autonomia</p> <p>Trabalho em equipa</p> <p>Capacidade de comunicação</p> <p>Capacidade de iniciativa</p> <p>Criatividade</p> <p>Liderança</p> <p>Capacidade de adaptação</p>
Criar espaços de encontro através da dança,	<p>Desenvolver projetos pontuais para o desenvolver atividades</p> <p>Otimizar os recursos existentes para as atividade</p> <p>Explorar a experimentação e a criação</p> <p>Realizar intercâmbios (como participantes e como</p> <p>Proporcionar aos alunos a aquisição de saberes : linguagem corporal (dança);</p> <p>Sensibilizar e promover a dança como meio para criatividade e a comunicação;</p>	<p>Intervenção multidisciplinar</p> <p>Liberdade</p> <p>Solidariedade</p> <p>Relação com os outros</p> <p>Respeito</p> <p>Autonomia</p> <p>Trabalho em equipa</p> <p>Capacidade de comunicação</p> <p>Gestão de tempo</p> <p>Resolução de problemas</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Capacidade de iniciativa</p> <p>Sentido de responsabilidade</p> <p>Criatividade</p> <p>Liderança</p> <p>Capacidade de adaptação</p>

6. Avaliação das Atividades Desenvolvidas

Este ponto é dedicado à avaliação das atividades desenvolvidas no âmbito de cada estratégia, procurando para tal analisar a informação recolhida junto dos diferentes participantes.

6.1. Atividades de animação de intervalos na escola 1

As atividades de animação de intervalos realizaram-se em média 6 dias por mês, de dezembro a junho de 2016/2017 e participaram em cada momento entre 15 a 49 crianças, acompanhantes de 1 a 4 auxiliares, por vezes 2 professores e pontualmente alguns colaboradores (tabela em anexo 3).

Nas atividades de animação de recreio, as crianças manifestaram maior afinidade/ interesse com os tipos de dança Zumba (55 participantes), Hip-hop (49 participantes), Kizomba e Reggeton (44 participantes em cada), como podemos verificar pela adesão de maior número de participantes (tabela 9).

Tabela 9. Número de participantes em cada modalidade de dança

	Hip-hop	Zumba	Kuduro	Reggeton	Dança Contemp.	Kizomba
Crianças	45	49	37	40	15	38
Docentes da escola	1	2	0	0	2	2
Professores convidados	1	0	0	0	1	0
Auxiliares	2	4	2	4	2	4
Total	49	55	9	44	20	44

Fonte: questionário realizado às crianças da escola 1

No questionário aplicado no final das atividades, responderam 46 crianças. Os participantes referiram que os encontros de dança lhes permitiram: “Aprender a dançar”; “Aprender novas danças”; “Conhecer novas músicas”; “Praticar Exercício Físico”; “Conviver com os colegas”; “Conhecer novos colegas”; “Conhecer novas pessoas”; “Aprender a respeitar os outros”. Ou seja, identificam por um lado, nas aprendizagens que realizaram os conhecimentos associados à prática da dança e, com menor frequência a

realização de exercício físico e, por outro lado, a dimensão da construção da relação com os outros e as competências de cidadania.

Os mesmos referem que os locais onde mais gostaram de dançar foram: 1º no recreio, 2º no parque (Amadora Educa), 3º no Polidesportivo, 4º na Sede do agrupamento da escola e, por fim, na Igreja. Referências que nos indicam a valorização que fazem dos espaços mais próximos e conhecidos, provavelmente também aqueles em que se sentem mais confiantes

As crianças referiram ainda o que acharam de melhor, de menos bom e como veem de futuro a continuidade da prática de atividades de animação de intervalos. Estes resultados estão expressos na tabela 10.

Para identificar o que achou de melhor na atividade de dança no recreio, o grupo reportou-se à prática e aprendizagem da dança, identificando algumas das modalidades da sua preferência. Relacionado com a prática da dança, o grupo associou a experiência de contactar com novos espaços nas suas referências ao melhor da atividade. Ainda sobre as referências ao que de melhor aconteceu, surge a dimensão de “estar com os outros” definida a partir das referências aos adultos (professora) e aos colegas. Há ainda um grupo de sete elementos que tem dificuldade em particularizar o que de melhor aconteceu, referindo que “tudo foi bom” e que “muita coisa linda” aconteceu.

Tabela 10. Animação de intervalos: o melhor...

Dançar (aprendizagem e prática de novas modalidades)	dançar hip-hop (1) dançar kizomba (1) aprender a dançar (1)
Dançar (experienciar novos espaços para a prática da dança)	dança no recreio (1) quando dançamos na rua (1) dançar na Amadora Educa (3) dançar no agrupamento da escola de D João V (1) mostrar a dança ao agrupamento (1)
Estar com os outros (dança com os adultos e com os colegas)	estivemos em conjunto a dançar com a professora (1) dançar com os meus colegas (1) possibilidade de escolher com quem queremos dançar e o que queremos dançar (1) ter conhecido a melhor professora de dança ... e conhecer colegas novos (1)

Fonte: questionários realizados às crianças da escola 1

Quando confrontadas com a necessidade de avaliar o que de menos bom aconteceu durante a atividade de dança no recreio, as crianças ora identificam as práticas em que tiveram mais dificuldades, ora se reportam aos espaços e aos comportamentos vivenciados. A dimensão “estar com os outros” é colocada em segundo plano entre as referências (tabela 11). Neste grupo há um conjunto significativo (11 crianças) que afirma que nada correu mal.

Tabela 11. Animação de intervalos: o menos bom...

Dançar (aprendizagem e prática de novas modalidades)	a roda no ginásio mal feita (1) quando tivemos a dança remix, fiquei confuso (1) quando nos fizemos filas era um bocado confuso porque os nem todos sabiam os lugares (1) foi as aulas passarem rápido (1)
Dançar (experienciar novos espaços para a prática da dança)	na Amadora Educa (2) a dança no ginásio (2) dançar no recreio (2) dançar na rua (1)
Dançar (atitudes e comportamentos)	quando desisti de dançar (1) empurrar uns aos outros (1) as pessoas terem desistido (1)
Estar com os outros (exposição a outras crianças e aos adultos)	a outra professora ir com os alunos (1) quando os pais ficam a ver nas grades (na rua) fico com vergonha (1)

Fonte: questionários realizados às crianças da escola 1

Sobre as propostas para o futuro (tabela 12), sete crianças referem que mantinham tudo igual. As opiniões do grupo repartem-se fundamentalmente entre a dimensão relativa à aprendizagem, fazendo propostas de novas músicas, passos e estilos. As questões organizativas surgem agora, focando-se principalmente na duração das sessões. A dimensão da relação com os outros, menos referida, é ainda importante ser considerada pois reporta-se às atitudes de respeito para com as práticas desenvolvidas e para com o desempenho de cada um.

Tabela 12. Animação de intervalos: o futuro...

Dançar (aprendizagem e prática de novas modalidades)	mudava as músicas (1) escolhia novas músicas (1) alguns passos (1) dançar meninos e meninas kizomba (1) dançar afro house (1)
Dançar (organização)	o horário da dança, devia ser mais tempo (1) termos dança todos os dias (1) haver dança na escola (1) aulas de dança para todos (1) dançar só os meninos do 4 ano (1)
Estar com os outros (exposição a outras crianças e aos adultos)	não cria que as pessoas não “gozassem” com os outros passos (1) somos todos diferentes e todos iguais. E eu não quero que ninguém goze com ninguém (1)

Fonte: questionários realizados às crianças da escola 1

A realização de atividades de dança enriqueceu o leque de atividades culturais disponibilizadas nas escolas de primeiro ciclo do ensino básico, complementando as atividades extracurriculares já existentes. Também, a partir destas foi possível alargar parcerias com uma das escolas de 1ºCEB da freguesia.

A participação de alunos, professores e funcionários nas atividades de dança permitiu mudar comportamentos e atitudes da comunidade escolar. Segundo professores e auxiliares da escola, estas mudanças identificam-se fundamentalmente ao nível dos comportamentos e atitudes, como ilustram as afirmações que transcrevo de seguida:

“Os alunos divertiram-se imenso e ao dançar nos intervalos libertaram energias e ao chegar nas salas vinham mais calmo.” (P1)

“Enquanto os alunos dançaram não tinham quezílias entre eles.” (P2)

“...estão distraídos não andam tanto a brigar.” (F1)

“Houve mais harmonia e menos conflitos nos intervalos.” (F2)

“A dança traz benefícios psicomotores, desenvolve as relações entre as crianças na socialização na comunidade escolar.” (P3)

“Vantagens: ocupação dos alunos e diminuição da indisciplina.” (P4)

“Estão mais organizados e diminui as violências entre eles.” (P5)

Assim podemos dizer que a dança no recreio contribuiu para contactar com diferentes tipos de dança, criar novos espaços de dança que não fossem

os recreios da escola, criar diálogos interculturais entre os pares da turma, da escola e da comunidade escolar. Por outro lado, a prática da dança no recreio contribui, na perspectiva dos adultos, para uma redução dos conflitos e construção de relações de socialização entre as crianças.

Na planificação das atividades, que concorreram para cada estratégia do projeto, foram definidos objetivos específicos que sustentam o desenvolvimento de competências sociais inerentes às intencionalidades dos objetivos gerais do projeto. É a partir destes objetivos, do trabalho desenvolvido e dos instrumentos de avaliação utilizados que posso agora analisar os dados recolhidos junto das crianças e construir uma categorização que permita identificar as dimensões que estas valorizaram a partir das práticas de dança em que estiveram envolvidos.

Assim, na *Animação de Intervalos*, a análise de conteúdo realizada sobre as frases escritas para completar a ideia “Dança para mim é..”, permitiu identificar três categorias entre as dimensões mais valorizadas: *Prática Artística*; *Enriquecimento Pessoal* e *Espaço de Relação* (tabela 13). As categorias mais frequentemente referidas são a de *Enriquecimento Pessoal* e associação da dança enquanto *Prática Artística*, com 25 e 24 referências respetivamente, no conjunto dos 64 questionários realizados. A referência à dança enquanto *Espaço Relacional*, é menos frequente entre as crianças.

Tabela 13. Dança para mim é ...

Categorias	Subcategorias	Frequência
Prática artística (24)	Técnica	5
	Aprendizagem	11
	Relação com o corpo	2
	Forma de expressão	6
Enriquecimento pessoal (25)	Identidade	3
	Sensações e sentimentos	22
Espaço de Relação (15)	Participar e estar juntos	15

Fonte: Diário de bordo realizado pelas crianças da escola 1

As subcategorias construídas em cada categoria permitem ainda, numa análise micro, identificar aspetos mais valorizados pelas crianças. Evidencia-se, entre as subcategorias mais referidas, a associação da dança a *Sensações e sentimentos* como ilustram as expressões “A dança é a minha vida”, “Adoro

dançar” e “Dançar é divertido”. O *Participar e estar juntos*, apesar de incluído na categoria menos referenciada, quando se desagrega a informação em subcategorias surge com uma frequência significativa com referências como “Gosto porque podemos criar em conjunto”, “Assim já podemos conversar do que fazemos” e “Com a dança nos intervalos posso estar com os amigos”. A terceira subcategoria mais valorizada é a *Aprendizagem* da dança, “aprender a dançar”, “treinar a coreografia” e “é importante participar nos encontros de dança para conhecer novos passos”.

Desta análise, regista-se a ideia que as crianças valorizam a dança pelas sensações e sentimentos que esta desperta, pela possibilidade de “estar juntos” e pela aprendizagem de novas técnicas.

6.2. Atividades de expressão corporal na escola 2

As atividades de dança realizadas após as atividades letivas (extracurriculares), decorreram em 10 sessões, estas foram desenhadas como um semi projeto, dentro do projeto de intervenção. As atividades foram organizadas no terceiro período de forma a dar continuidade a atividades extracurriculares já existentes na escola com as duas turmas do 4º ano, envolvendo um total de 31 crianças em cada sessão (tabela 14). Com uma periodicidade semanal, com cada turma, todos os alunos estavam presentes nas sessões. Existiram momentos em que a auxiliar acompanhava e participava das atividades e pudemos também convidar sete pais, em momentos diferentes, a participar.

Tabela 14. Participantes nas atividades de expressão corporal realizadas na Escola 2

Sessões	01	02	03	04	05	06	07	08	08	10
Alunos T1	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17
Alunos T2	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
Auxiliares	0	0	1	0	1	1	1	0	1	2
Pais	0	0	2	1	0	0	0	0	0	4
Prof.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4
Total	31	31	34	32	32	33	32	31	32	41

O grupo/turma participou em todas as sessões. A participação dos pais foi muito positiva porque os mesmos não tinham hábitos de ir à escola, como nos refere a mãe B

“ Ora que professora Sy vai na casa, pedimos bem à escola, mim bem, com todo respeito, mas gosta de aula para mim, foi divertido, os meninos tudo percebi e eu também.”

A aluna (filha da mãe B) quando foi referida,

“ Minha mãe, mas eu não fiz nada...”

e na sua reflexão individual diz-nos

“ senti um orgulho do tamanho do mundo, foi a minha mãe a ensinar muitas coisas de Cabo Verde, que eu nem sequer sabia e gostei muito de a ver dançar.”

Os participantes referem que os encontros de dança lhes permitiram:

“ conhecer os países dos colegas sem terem que ir ao país deles”

“ perceber alguma das histórias”

“ brincar com a dança de vários países”

“ ver que alguns estilos são parecidos apesar de serem de locais diferentes”

“ explorar o corpo com exercícios divertidos, que eu pensei que seriam uma seca”

“ a dançar com todos”,

“ a dançar de várias formas”

“ Aprendi a ver para os meus colegas com mais respeito, aprendi a admirar e a gostar de certos países”.

A dança mais valorizada foi a guineense, na sessão 4, onde um grupo de alunos ganhou voz e pode mostrar práticas da sua cultura com uma participação muito maior que nas sessões anteriores, onde o tambor, trazido por um pai guineense, que apesar de não ser do bairro, as crianças conheciam, gerou uma interação e um diálogo muito rico, que se revelou muito expressivo na participação no resto da aula. A vontade revelada pelas crianças em querer repetir o exercício no dia da apresentação para mostrar aos pais é sinónimo da valorização que fizeram da experiência.

Os participantes referiram que os encontros de dança lhes permitiram dialogar e estar com os pares. Sobre a possibilidade de dialogar com os pares, as referências recaem sobre:

- “ falo melhor com os colegas de cabo verde que tem mania”
- “ falamos mais uns com os outros”
- “ podemos dançar e conversar sobre a dança nos intervalos”
- “ a outra turma e a nossa já combina coisas para mostrar a professora”

Relativamente à ideia de estar com os pares destacam-se as expressões:

- “ Agora estamos mais juntos”
- “ não estamos sempre a implicar, já falamos para o bem dos colegas”
- “ gostamos de estar uns com os outros”
- “ podemos juntar com a outra turma”
- “ já tenho mais amigos”
- “ brincamos mais”

As primeiras sessões foram muito serenas, a alteração de lugares, o sentá-los em outra disposição e a diversidade de estratégias utilizadas levou a que todas as turmas entrassem no espírito proposto e partilhassem verdadeiramente o que sentiam, B diz:

- “ senti-me diferente, nesta aula, acho que ouvi de dentro e sem ruídos”

Ed. mostrou-nos que

- “ O que aprendemos hoje é o verdadeiro, ver as paisagens reais do meu país, viste era mesmo o mercado de São Tomé eu conheço ia lá sempre com a minha avó (e começa a chorar) ... minha terra “

Estes grandes momentos de partilha revelaram o querer partilhar, escutar e ouvir o outro.

Existia nas turmas uma grande rivalidade entre os “cabo-verdianos” e os “guineenses” e estas atividades levaram à aproximação dos alunos, ao respeito e à aceitação do outro. Verificaram-se menos lutas e agressões nesse período, menos participações dos professores e maior interesse nas tarefas e trabalho escolar. As crianças envolvidas nas atividades começaram a mostrar

uma maior predisposição para o encontro e a partilha. Partilharam querer conhecer as ruas, os animais, a comida, a música a vida das pessoas, as escolas não só dos outros países, como começaram a perguntar aos colegas que chegaram a pouco e pouco como era a sua escola, como viviam e levavam aspetos e práticas do seu país para partilhar nas sessões seguintes. O que revelou uma predisposição e aceitação para as tarefas propostas. Houve uma turma mais resistente à mudança, aí pude verificar o quanto foi mais complicado realizar as tarefas propostas, mas depois da realização de alguma brincadeira, do silêncio ser interrompido muitas vezes pelos mesmos colegas, a turma foi aderindo, chamando a atenção uns aos outros e, aos poucos, todo o grupo participou de forma ativa.

A expressão corporal, contribuiu para construir uma maior abertura na turma para a cultura existente, o que levou a uma mudança de comportamento e uma sensibilização diferente e ao respeito pelo outro visível nas atitudes. Segundo a Coordenadora da escola,

“ estas atividades deveriam ser sempre, assim as crianças gostam e realizam, assim valorizam e respeitam mais, o comportamento mudou significativamente, com os alunos, auxiliares e professores.” (nota de campo, 16 de junho de 2016).

No que diz respeito à estratégia atividades de expressão corporal, quando solicitei às crianças que completassem a frase “Dança para mim é..”, tal como o grupo anterior, os seus registos focam as mesmas categorias que os seus pares: *Prática Artística; Enriquecimento Pessoal e Espaço de Relação* (tabela 15).

Tabela 15. Dança para mim é ...

Categorias	Subcategorias	Frequência
Prática artística (74)	Técnica	9
	Aprendizagem	21
	Relação com o corpo	35
	Forma de expressão	9
Enriquecimento pessoal (35)	Identidade	14
	Sensações e sentimentos	21
Espaço de Relação (27)	Participar e estar juntos	27

Fonte: Diário de bordo realizado pelas crianças da escola 2

A categoria com maior frequência associa a dança a *Prática Artística* com 74 referências, seguindo-se o Significado Pessoal (35 referências) e por fim a relação da dança com a construção/vivência de um Espaço de Relação (27 referências).

A análise desagregada por subcategorias permite identificar a valorização da *Relação com o corpo*, desenvolvida a partir da prática da dança, como ilustram as expressões.

- ” A dançar também fazemos ginástica”
- “ gosto das danças de grupo e com pares”
- “ os movimentos mexem com o corpo todo”

O *Participar e estar juntos*, é a segunda subcategoria mais referida, utilizando para tal expressões como

- “ quando dançamos a turma toda está unida”
- “ não discutimos e parecemos uma equipa”
- “ gosto de participar nas aulas de expressão porque são aulas divertidas e assim a turma está mais unida”
- “ participar nas aulas da Sysa, fez que a turma se respeita-se mais”
- ” as aulas fizeram com que os guiguis e os cabo-verdianos se juntassem e trabalhassem juntos sem rivalidade” gosto de fazer as aulas porque fico com mais amigos”

As *Sensações e sentimentos* vividos, expressos através de

- “ Adoro as aulas”,
- “ dançar enche-me de alegria”
- ” dançar é tudo de bom”
- “ fico mais calma com as atividades de dança”
- “sinto como se estivesse em minha terra, ai que saudades”

As imagens da figura 10 ilustram a *Aprendizagem*, enunciada pelas afirmações das crianças quando dançam.

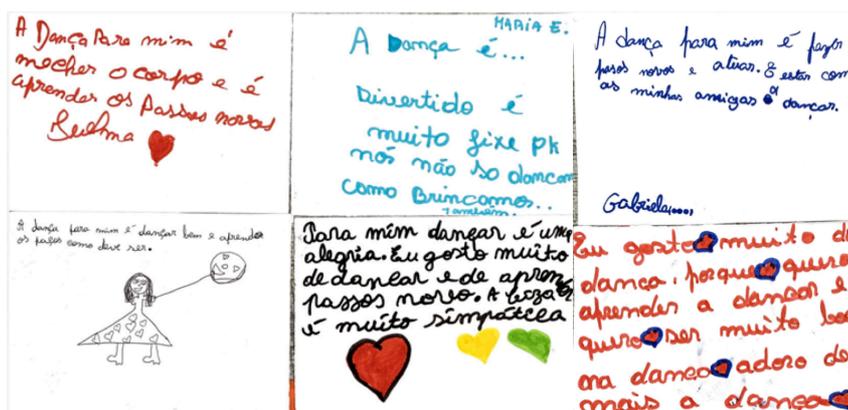


Fig. 10. O que as crianças sentem quando dançam

E

m síntese, a dança é para este grupo de crianças associada a prática artística, que permite estar juntos e dançar, com um significado pessoal importante, pelos sentimentos vividos através da mesma e pelas possibilidades de aprendizagem de novos passos, estilos e coreografias.

6.3. Atividades com jovens na Associação

O apoio e acompanhamento aos jovens revelou-se numa tarefa muito para além do que se podia imaginar. Os jovens tinham muita vontade de se ocupar e poderem fazer algo. Assim conseguimos realizar quatro intercâmbios, uma equipa de pesquisa e diversas atividades.

O primeiro intercâmbio entre o grupo de dança *Wonderfull's* e as *Mappepes*, dois grupos de dança do bairro alto Cova da Moura com o intuito de poderem aproximar e poderem trocar experiências (Figs. 11 e 12).

Esta foi uma atividade um pouco tensa, no início houve muita resistência entre os grupos, porque os dois já se conheciam, porque não dançam os mesmos estilos de dança, um é mais tradicional outro mais moderno, porque não ensaiavam nos mesmos dias e nem nos mesmos espaços. E acima de tudo porque quase não se falavam!



Figuras 11 e 12. Atividades com jovens

Então, através das entrevistas feitas aos dois grupos, pude verificar que os dois queriam realizar intercâmbios e não aceitavam trabalhar com os mais próximos, num dos *focus grupo* realizado com os grupos coloquei a questão dos intercâmbios e questionei o porquê do afastamento dos grupos mais próximos, temos grupos tão antigos que apesar de terem jovens e crianças no grupo, nem sempre estão abertos para receber outros grupos de dança e daí fizemos uma reflexão do *que seria benéfico e menos benéfico* nessas atitudes.

Os aspetos referidos pelos jovens no *focus grupo* estão resumidos na tabela 16 e que ilustram os motivos de desentendimento e as possibilidades e mais valias decorrentes da aproximação e de uma prática da dança conjunta. A existência de estilos e interesses diferentes é visto pelos jovens como motivos de afastamento e desencontro. O reconhecimento dos benefícios resume-se nas afirmações “aprender uns com os outros”, “criar algo juntos”, “comunicar mais”, “criar uma rede parceira”.

Assim pudemos realizar mais dois encontros onde os jovens partilhavam aprendizagens e trocavam informações sobre a dança, discutiam estratégias de trabalho e fizeram um ensaio conjunto, organizado pelos dois grupos.

Outra atividade que mostrou ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança e que promoveu competências sociais, através de diálogos interculturais e de intercâmbios foi o intercâmbio com o grupo *Tem Unstoppable*, do bairro dos Lóios. Após a apresentação da proposta em

realizar uma coreografia em conjunto para o Festival Lóios, estes dois grupos uniram-se, os jovens puderam refletir e aceitar o convite.

Tabela 16. Afirmções dos jovens na sessão do *focus grupo* sobre benefícios da relação entre grupos de dança

Jovens do grupo 1	Jovens do grupo 2
Afirmções referidas inicialmente pelo grupo	
“O grupo delas representa o Moinho, o nosso utiliza o espaço”	“temos estilos e danças diferentes”
“Só nos convidam para as coisas quando o outro grupo não pode”	“temos interesses diferentes”
Afirmções que surgiram após o debate	
“precisamos uns dos outros”	“podíamos aprender uns com os outros”
“Ambos representamos o bairro”	“Representamos a parte positiva do bairro”
“Podemos criar algo juntos”	“podemos pensar em desenvolver um trabalho em conjunto”
“Trocar informações”	“Comunicar mais”
“Entreajudarmos”	“Criar uma rede parceira”

Fonte: Registos da sessão 1 *focus grupo*

A partir das ideias que foram surgindo pude falar com os grupos e propor que cada responsável desse meia hora de ensaio aos dois grupos num espaço comum para todos e assim foi, dançaram duas horas e meia e ainda conversaram sobre o trabalho realizado.

V “ Gostei muito foi giro, fazemos danças diferentes no ensaio”

E “ A Z. é mais meiga a falar, a S. mais bruta, mas as duas ensinam muito bem, aprendi muita coisa”

A realização deste encontro fez com o grupo estivesse mais atento um ao outro e os seus elementos comunicassem de forma diferente.

A atividade desenvolvida no bairro dos Lóios permitiu aos jovens participantes a realização de um conjunto de aprendizagens que são identificadas por estes nas afirmações recolhidas no questionário aplicado no final da atividade. Assim as afirmações indicam que a atividade contribuiu para:

“ trabalhar mais o corpo” (p1)

“ aprender alguns passos” “novos” e “diferentes” (p2 e3)

“ conhecer melhor o estilo de dança” (p4)

“ aprender a colaborar com outros membros” (p5)

“ desafiar os nossos estilos com estilos diferentes de dança” (p6).

Por candidatura ao programa Erasmus, foi aceite a nossa proposta em participar num intercâmbio a França. Esta ideia surgiu dos jovens na entrevista inicial, pude com o grupo de pesquisa desenhar através do trabalho que desenvolvemos, uma candidatura ao Festival Anamesa. E assim surge a oportunidade de levar 6 jovens a França para participar num Festival que contava com a sua 3ª edição.

O *Festival Anamesa* trabalha com países onde os jovens se relacionam através da dança unindo pessoas com e sem deficiência numa semana de troca de experiências, workshops e muita dança.

Os jovens foram convidados a participar e tinham que decidir quais os elementos que os iam representar. A decisão do grupo foi poder levar, não só o grupo de dança mas alargar para outras pessoas do bairro. Assim os elementos da organização convidaram um jovem artista do bairro que dança e canta, a responsável de um dos grupos de dança do bairro que realizava um trabalho diferenciado ao do grupo das *Wonderfull's*, duas bailarinas pelo mérito de trabalho e esforço e uma ex-bailarina das *Wonderfull's* que por vezes acompanhava o grupo.

Dos *focus grupo* e preparação para a viagem surgiu o tema *Laços*. Foi deste tema que nasceu uma coreografia, um guarda roupa e um laço de trabalho fenomenal e incansável. A música trabalhada pelo *Samba*, cantor convidado e um dos responsáveis do estúdio e tudo o resto foi construído pelas mãos das bailarinas.

E foram... houve um enorme nervosismo e inquietação inicial que se traduz pelas seguintes questões:

“ como vou dançar com uma pessoa deficiente ou em cadeira de rodas?
Como vamos falar uns com os outros? Será que vamos estar em quartos com os nossos amigos ou só com as pessoas de outros países?”

Mas sem darem por eles estavam bem integrados sem nenhuma restrições a participar no programa de forma ativa.

Foi uma experiência maravilhosa e muito gratificante, que o grupo soube transmitir aos outros, mostrando o trabalho realizado com grande autoestima e projetando tarefas futuras com os outros países. Uma das metas do grupo era trazer o Festival a Portugal, onde os mesmos iriam acolher o Festival, uma logística muito grande e um pouco ambiciosa, para quem teve a primeira participação, mas não impossível! Com a aceitação do grande grupo colocamos as mãos à obra e começamos a trabalhar para o *Anamesa Lisboa* (ver exemplo de relatório no anexo 8).

O grupo e os participantes viveram então a oportunidade de praticar a dança como semiprofissionalização, propondo trabalho de um modo mais aprofundado nas suas competências pessoais e sociais tais como: o aumento dos contactos e comunicação, a autonomização, a responsabilização, a criatividade, a capacidade de integrar o seu sentir, o seu pensar e a sua ação, a capacidade de liderança e partilha, o fortalecimento do “eu”, através da partilha de informações e técnicas, o desenvolvimento das suas capacidades artísticas e pessoais, bem como uma maior contribuição na resolução e mediação de conflitos, gerando oportunidade de aprendizagem social.

O *Festival Anamesa* (anexo 9) tem como principal objetivo unir diferentes países numa semana de intervenção cultural, com intuito de fundir artisticamente várias áreas de expressão com pessoas de diferentes contextos e com diferentes necessidades (Figs. 13, 14 e 15). O *Festival Anamesa* propõe-se transmitir os valores de otimismo, altruísmo e solidariedade em toda a Europa. Propusemos proliferar as artes como meio de comunicação e expressão, tendo como único intuito promover a atividade artística e difundir as diferenças. De 18 a 24 de outubro de 2018, Portugal foi o recetor deste projeto, que tem como propósito fundamental unir diferenças culturais e linguísticas através da arte.

Este foi outro grande desafio, muito bem conseguido pelos jovens. O tipo de dança mais valorizado deixou de existir, passando a haver uma coesão e adaptação constante ao tema trabalhado ao invés do estilo e juntando várias técnicas – surgiram novas coreografias contemporâneas.



Figuras 13, 14 e 15. Encontros de dança com jovens

Os participantes referem que os encontros de dança lhes permitiram alargar os seus conhecimentos e horizontes (ver anexo 10, um exemplo de relatório). O impacto deste projeto revelou-se em diferentes sentidos: (i) numa capacidade de pensar a mudança, (ii) no sentido de construção de autonomia nos jovens, (iii), e, concretização de novos objetivos a longo prazo, este último ilustrado na tabela 17.

Tabela 17. Atividades desenvolvidas e atividades a desenvolver pelos grupos de dança

	2016	2017	2018	2019	2020
Atividades Culturais Internacionais/ Intercâmbios	Festival Anamesa França	Intercâmbio Bairro dos Lóios	Festival Anamesa Portugal	Intercâmbio Grécia “Beging Project”	Festival Anamesa Finlândia Beging Project – Grécia
Atividades Culturais Locais	Festival Kova M Acompanhamento do artista da cidade Faustin Linyekula	Opra Rock Assistir espetáculos de dança (S. Luís, CCB)	Festival Kova M Workshop no são Luis	Festival Kova M Assistir espetáculos em Lisboa no Verão	Projeto De mão em mão Apoio ao coro de cegos “ver pela arte”
Forma de participação	Participação com apresentação	Participação com apresentação e observação	Realização Execução Participação com apresentação	Participação com apresentação e observação	Realização e participação com apresentação

No apoio e acompanhamento aos jovens as dimensões que associam à prática de dança, quando solicitados a completar a afirmação “Dança para

mim é ...”, organizam-se nas mesmas categorias dos grupos anteriores: *Prática Artística*; *Enriquecimento Pessoal* e *Espaço de Relação* (tabela 18).

Quando os jovens registam “Dança para mim é...”, as afirmações valorizam a *Prática Artística* (87 referências), que se concentram nas subcategorias *Técnica*, *Aprendizagem* e *Relação com o Corpo*, uma atitude diferente da registada para as crianças, mas que decorre certamente de uma maior preocupação com o aperfeiçoamento da prática de dançar e da relação que esta prática tem com a aparência física. De seguida a dimensão *Espaço de Relação* (37 referências), colocando a dança como uma forma de encontro, de estar com outros jovens num mesmo espaço. Por fim, o *Enriquecimento Pessoal*, decorrente da prática da dança, identificado apenas pela subcategoria *Identidade* com apenas 10 referências, num conjunto de 25 jovens.

Os jovens referem:

“A dança para mim é alegria” (p1)

“A dança para mim é o refúgio...” (p2)

“A dança para mim é uma coisa fascinante, danço desde pequenina, sentimo-nos livres, não me stressa, é uma coisa que se fosse para dançar o dia todo eu dançava, ...dançava, a dança é uma obra que permite partilhar várias coisas, a amizade, aprendemos com os outros.” (p3)

Tabela 18. Dança para mim é ...

Categorias	Subcategorias	Frequência
Prática artística (87)	Técnica	31
	Aprendizagem	21
	Relação com o corpo	20
	Forma de expressão	15
Enriquecimento pessoal (10)	Identidade	10
Espaço de Relação (37)	Participar e estar juntos	37

Fonte: Entrevistas realizadas a jovens

Em síntese, os jovens valorizam a prática da dança pelas possibilidades de treinar e aprender novos estilos, diferentes danças, diferentes paços e coreografias. Esta visão da dança associa-se também a uma

importante relação com o corpo, que estes jovens valorizam. Enquanto espaço de relação, a dança surge como a possibilidade de reforçar a relação entre o grupo ou grupos, criando em conjunto, dando visibilidade ao grupo e conhecendo outros pares.

Capítulo III. Avaliação do Projeto

A metodologia de acompanhamento do projeto e a avaliação proposta, para além da base metodológica já referida previu as seguintes fases de concretização: a inicial (ex-ante), a intermédia (on-going) e a final (de impacto ou ex-post):

1. a inicial (ex-ante) teve como objetivo tentar verificar a coerência das atividades (iniciais), no sentido de compreender se as propostas elaboradas se coadunavam com as necessidades diagnosticadas inicialmente e com os resultados pretendidos com a sua implementação;

2. com a avaliação intermédia ou on-going pretendeu-se verificar a eficácia da intervenção, averiguar se a proposta estava a ser cumprida, e poder identificar os respetivos desvios e suas causas;

3. a avaliação ex-post, realizada após a intervenção, intentou verificar os impactos e os resultados finais, refletir sobre a relação entre os resultados finais e os objetivos do projeto. Tentou-se identificar ainda as mais-valias e os constrangimentos decorrentes de todo o processo.

1. Avaliação Inicial e Intermédia... reflexões a partir do olhar do técnico responsável pela intervenção

A tabela 19 sintetiza a relação entre os diferentes momentos da intervenção e cada fase de avaliação, das acima referidas, de forma a melhor compreender a articulação entre as tarefas realizadas, a execução do projeto e a avaliação. Nesta tabela avanço já com uma síntese dos principais resultados obtidos e que ilustram o ponto de chegada e, posteriormente, irei explicitar alguns dos processos desenvolvidos para chegar a estes resultados.

Tabela 19. Tarefas realizadas, fases e técnicas de avaliação do projeto de intervenção

	Animação de intervalos	Expressão corporal	Apoio e acompanhamento dos jovens
Ex-ante	Análise dos projetos educativos de Agrupamento de Escolas (AE) Participação em reuniões com o Espaço+ e coordenadora da escola	Análise dos projetos educativos de AE Participação em reuniões com os parceiros das AEC's e coordenadora	Análise da projeto elaborado para o Programa Escolhas (PE) Verificação da situação nas duas instituições após o final do PE Entrevista aos jovens e técnicos do Programa Conversas com elementos da comunidade
On-going	Construção do projeto Monitorização da implementação Conversas com as crianças	Construção do projeto Monitorização da implementação Conversas com as turmas	Construção do projeto Monitorização da implementação <i>Focus grupo</i> com os jovens Inquérito por Questionário aos ex-técnicos do PE que se encontravam no terreno Análise de relatórios nas instituições sobre o PE
Ex-post	A proposta foi muito bem aceite, os alunos e comunidade escolar aderiram às atividades propostas, envolvendo-se nas mesmas O facto de hoje não haver continuidade do projeto, evidencia que os problemas diagnosticados no início do projeto voltam a manifestar-se	O projeto foi muito positivo, contribuiu para uma grande mudança de atitude das crianças e na comunidade escolar este é valorizado como prática para mudanças de atitudes nos atuais alunos Evidenciou-se um maior respeito pelas turmas, não só pelos colegas da turma envolvida mas também de outras turmas e para como os professores das AEC's	O trabalho superou as expectativas, a criatividade, o empenho a importância de concretizar o desafio e a satisfação da realização foi notória ao longo das diversas tarefas, e mini projetos realizados com os jovens O trabalho com os jovens facilmente era reorganizado e reestruturado, após as conversas e depressa consegui perceber a necessidade dos mesmos se ocuparem em atividades que gostam e que estão disponíveis para realizar A proposta de intercâmbios e a tomada de decisão de serem os anfitriões do Festival, projetou o projeto além do proposto inicialmente. A perspetiva de trabalhos futuros e reorganização de grupos de trabalho, mesmo que fora das instituições do bairro "iluminou olhares" que me fizeram acompanhar, monitorizar e empoderar os jovens nessa caminhada

Ao refletir agora sobre o projeto pude verificar que uma das forças e estímulos que tive resultou da pressão dos pais, das crianças e dos jovens, assim como da necessidade de reforçar a comunidade com estímulos positivos e novos incentivos. A necessidade de criar um projeto que fizesse sentido à comunidade, tentando que os mesmos, pela mobilização desenvolvida, pudessem fazer algo que não estivesse formatado e que fosse construído com os próprios, foi também um importante motor neste processo.

Assim, estruturei a minha intervenção partindo dos objetivos gerais antes definidos, procurando, num primeiro momento, ter um olhar específico para a articulação entre os processos planificados e as técnicas de diagnóstico avaliação para deste modo poder posteriormente identificar os conhecimentos adquiridos e/ou as competências desenvolvidas, como ilustra a tabela que se apresenta de seguida (tabela 20).

Tabela 20. Objetivos gerais, processos e técnicas de avaliação... O percurso do técnico

Objetivos	Processos da técnica responsável	Técnicas de diagnóstico e avaliação
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	<p>Conhecer os grupos de dança do bairro e caracterizá-los</p> <p>Conhecer diferentes danças associadas à comunidade</p>	<p>Entrevistas</p> <p>Focus Grupo</p> <p>Conversas com os grupos de dança do bairro</p>
Criar espaços de encontro através da dança	<p>Desenvolver o trabalho em qualquer espaço da freguesia, sem que seja centrado num só espaço</p> <p>Promover atividades e encontros em diferentes espaços da freguesia e das cidades de Lisboa e Amadora</p>	<p>Contactos com diferentes espaços culturais do bairro e das cidades de Lisboa e Amadora</p>
Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade	<p>Promover encontros e diálogos onde as crianças e jovens desenvolvam competências sociais</p> <p>Identificar o tipo de relações que as crianças e jovens identificam nos espaços que frequentam</p>	<p>Inquéritos por Questionário Cadernos de registo dos participantes</p> <p>Registos no Diário de Bordo</p>

A planificação que estruturei na tabela anterior, acompanhou todo o percurso que desenvolvi em conjunto com as crianças, jovens e restante comunidade. Neste momento de balanço final, poderei afirmar que o desafio a que me propus concretizou-se integralmente e foi, em algumas situações, mais além do previsto. A tabela seguinte ilustra, de uma forma geral, os pontos de chegada em cada objetivo definido para o projeto.

Tabela 21. Objetivos gerais, processos e técnicas de avaliação...

Objetivos	Processos da técnica responsável	O que foi feito	Onde chegámos juntos
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Conhecer os grupos de dança do bairro e caracterizá-los	Entrevistas <i>Focus Grupo</i> Conversas	Aprofundámos os conhecimentos dos grupos de dança do bairro.
	Conhecer diferentes danças associadas à comunidade	Tipos de dança: Puita Hip-Hop Marrabenta Funaná Zumba Decalê Dança contemporânea	Ampliámos os conhecimentos a nível de dança
Criar espaços de encontro através da dança	Desenvolver o trabalho em qualquer espaço da freguesia, sem que seja centrado num só espaço Promover atividades e encontros em diferentes espaços da freguesia e das cidades de Lisboa e Amadora	Contactos e estabelecimento de parcerias com: Escolas Associações de bairro Espaços exteriores (Parques, centro histórico de Lisboa) Teatro São Luís	Praticámos dança e promovemos encontros em diferentes espaços da freguesia e das cidades de Lisboa e Amadora
Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade	Promover encontros e diálogos onde as crianças e jovens desenvolvam competências sociais Identificar o tipo de relações que as crianças e jovens identificam nos espaços que frequentam	Dinamização de atividades e encontros em diferentes espaços e com diferentes grupos culturais Promover encontros e diálogos onde as crianças e jovens desenvolvessem competências sociais	Vivemos, Contactámos e Aprendemos o/a: Amizade Respeito Autonomia Adaptação às situações Construir relação com os outros Trabalhar em equipa Comunicar Gerir o tempo Resolver problemas Pensar criticamente Ter iniciativa Ser responsável Ser criativo Liderar

2. Avaliação Final... reflexões a partir do olhar das crianças e jovens protagonistas na e da intervenção

A avaliação do projeto de intervenção resultou de um processo complexo de análise, que privilegia as apreciações feitas pelos participantes. Para tal mobilizo os resultados da análise de conteúdo realizada anteriormente para a avaliação das atividades desenvolvidas. Procuo, agora, fazer uma avaliação que me permita identificar o ponto de chegada para cada objetivo, na ótica dos seus principais atores, crianças, jovens e restante comunidade envolvida.

Deste modo, pretendo validar a competência das estratégias e atividades desenvolvidas para chegar aos objetivos propostos e, desta forma, responder às questões iniciais que desencadearam o projeto. Procuo também deixar pistas para a sua continuidade, dando aos protagonistas a capacidade para prosseguirem o seu trabalho de forma mais autónoma e em diálogo, com outros protagonistas, com outros espaços dentro e fora da sua freguesia e com outros países.

Apresento, então, a avaliação do projeto a partir da análise dos resultados alcançados para cada objetivo geral definido.

Na tabela que se segue podemos observar a articulação entre os objetivos gerais do projeto e as atividades que concorrerem para esses objetivos. Esta tabela permite compreender as que se seguem e que ilustram a avaliação feita por todos aqueles que, em cada momento, estiveram envolvidos nas atividades. Pretende-se assim explicitar os resultados da avaliação colocando em diálogo as aprendizagens realizadas e os objetivos gerais do projeto em cada estratégia definida.

Tabela 22. Relação entre objetivos gerais e atividades do projeto

Objetivos	Atividades
Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Conversas de preparação e reflexão das atividades História Ynari Formas geométricas, linhas e variações de direção no espaço Movimentos através de ritmo Puíta/ Chiloli Marrabenta em torno do poema Dançar verbos Jogos de grupo Intercâmbios Dança Criativa
Criar espaços de encontro através da dança	Cada passo uma dança O Espelho Movimentos estáticos Intercâmbios Exploração Corporal Técnicas de estilos de dança Dança com outros professores Jogos de comunicação interpessoal
Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade	Intercâmbios Dança nos intervalos Criação artística Assistência a espetáculos Encontros de Dança Apresentações de espetáculos Workshops Organização de espetáculos

Começando pela estratégia Animação de Intervalos, a tabela 23 ilustra a relação das categorias identificadas pelas crianças na avaliação das atividades com os objetivos gerais do projeto, privilegiando duas dimensões: o que valorizam nas atividades de dança em que estiveram envolvidos e o que propõem para o futuro.

Verificamos que as crianças que participaram nas atividades de animação de intervalos, valorizam fundamentalmente a oportunidade de contactar com as outras pessoas e com outros espaços. Ao serem

questionadas sobre o que mais gostaram é evidente que a maioria deu importância aos lugares onde apresentaram as suas coreografias. Estes contactos e a valorização que as crianças fazem dos mesmos permitem-nos afirmar que as atividades desenvolvidas concorreram para os objetivos dois e três do projeto, a saber: *Criar espaços de encontro através da dança e Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade.*

Outra categoria identificada nas referências das crianças, relaciona-se com os tipos de dança, e concorre para um objetivo inicial do projeto, *Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança*, muito valorizado nas aprendizagens realizadas pelo grupo. A aprendizagem desenvolvida nos intervalos, as técnicas e os diferentes estilos de dança explorados, assim como o contacto com novos professores e auxiliares num contexto não formal surgiram entre as suas referências. Estes contactos, além de alargarem o conhecimento sobre diferentes tipos de dança característicos da comunidade em que se inserem facilitaram, também, a compreensão da sua identidade, do modo como se relacionam com os seus pares, o porquê das suas escolhas e a transmissão dos saberes adquiridos a outros contextos educativos.

Em todo o processo foram fundamentais os saberes de toda a comunidade envolvente, pais, professores, auxiliares de ação educativa que, permitiram a todos recordar das suas vivências e adquirir novas aprendizagens, em contexto extraescolar, valorizando os seus saberes e práticas culturais.

Iturra (2013) diz-nos que *“Se a formação é (...) de uma intensidade marcante, as formas explicativas do real simplesmente não deixam marca se a cultura de origem não é trazida também à aula. A questão é que uma turma heterogénea tem um conjunto de estereótipos à volta. O primeiro, o que cada membro pensa de si como eu, conforme a sua aprendizagem infantil. O segundo, é o que o mesmo sujeito pensa sobre os outros e se os aceita ou não. O terceiro, é o que os outros pensam do EU”.* (pp.17-18).

Tabela 23. Animação de Intervalos: os resultados alcançados no projeto pelas vozes das crianças

Animação de intervalos				
Objetivos Gerais		Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Criar espaços de encontro através da dança,	Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade
Aspetos valorizados				
Categoria	Indicadores	nº de referências	nº de referências	nº de referências
Contactar com outras pessoas e outros espaços	Dança: com os outros; em conjunto; no recreio; na rua; no <i>Amadora Educa</i> ; no agrupamento de escolas		27	28
Tipos de dança/aprendizagem	Dança: hip-hop; kizomba; aprende conhece	19		
Para o futuro				
Propostas	Mudar a dança	Mudar as práticas de dança quanto ao tempo/duração/música/ tipos de dança	Manter tudo igual	Sem opinião
nº de referências	14	10	8	

Para o futuro, este grupo perspectiva continuar a dançar nos intervalos, mas sugere que devem ser conhecidas outras danças, que deve aumentar o tempo para a sua prática e que também devem ser introduzidas outras músicas. Estas são sugestões que podem ser mobilizadas para a continuação do projeto e que o podem tornar ainda mais significativo para as crianças.

Sobre os contributos das Atividades extracurriculares para os objetivos do projeto, identificam-se duas categorias fundamentais a partir das narrativas das crianças: aprendizagem de diferentes tipos de dança e o significado pessoal do envolvimento nestas práticas (tabela 24). A primeira categoria associa-se ao objetivo geral *Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança*, intenção que é reconhecida pelas crianças pela possibilidade de conhecerem e praticarem outros tipos de dança que enumeram nas suas

descrições. Esta apreciação surge também associada ao significado pessoal que atribuem à dança, pelo conhecimento das danças da “minha terra” e pelo conhecimento que referem que estas trazem, permitindo desenvolver a capacidade para compreender e respeitar as suas origens e os outros. Estas referências relacionam-se com as intencionalidades subjacentes ao objetivo - *Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade.*

Tabela 24. Atividades extracurriculares: os resultados alcançados no projeto pelas vozes das crianças

Atividades extracurriculares				
Objetivos Gerais		Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Criar espaços de encontro através da dança,	Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade
Aspetos que valorizam				
Categorias	Indicadores	nº de referências	nº de referências	nº de referências
Tipos de dança/ aprendizagem	Puíta Funaná Danças guineenses Danças criativas	34		
Significado pessoal	Aceitação Danças da minha terra Respeito			24

Nota: na presente estratégia não foi feita a recolha de informação “Para o futuro”

As atividades desenvolvidas com os jovens pautaram-se pela valorização da arte (dança) enquanto potenciadora de sentimentos, emoções e ideias. Foi assim, a linguagem comum para a construção do diálogo e a base de trabalho com os jovens, permitindo-lhes encontrar um espaço de encontro, onde a comunicação na diversidade foi possível, valorizando a construção de conhecimento e a partilha de conhecimentos e experiências.

Através das intervenções críticas e participação dos jovens encontramos o reconhecimento identitário, sendo esse um meio para o agir em sociedade. No grupo de jovens as relações e interações estabelecidas com os outros revelou um processo de confiança, de reconhecimento, de comunicação, de diálogo e debate, de intercâmbios contribuindo para uma maior cooperação e convivência.

A análise da tabela 25 permite identificar as categorias mais valorizadas pelos jovens na avaliação que fazem das atividades em que estiveram envolvidos. As técnicas e práticas de dança, nas diferentes expressões que foram mobilizadas para as avaliar, concorrem para o desenvolvimento de todos os objetivos do projeto, ainda que para os jovens seja valorizada a aprendizagem de novas práticas/danças. Este envolvimento permitiu o contacto com novos espaços internos e externos, nacionais e internacionais, assim como com novos pares também eles de origens diversas e, neste sentido facilitou *Criar espaços de encontro através da dança*. Por outro lado, esta partilha e encontros potenciou, na perspetiva dos jovens, o desenvolvimento de competências sociais, pois as interações, a tomada de decisões, o respeito, entre outros valores já enunciados anteriormente, intensificaram-se a partir destes encontros na e com a dança.

A categoria da dimensão relacional, surge também com frequência entre as narrativas dos jovens, merecendo destaque pelo seu contributo para dois dos objetivos gerais, como é possível observar na tabela 25. Em particular, o desenvolvimento de competências sociais, a partir da dança, surge de forma evidente nas descrições dos jovens, resultado dos encontros, intercâmbios, construção de novos conhecimentos e partilha de novas coreografias.

Tabela 25. Apoio e acompanhamento dos jovens: os resultados alcançados no projeto pelas vozes dos jovens

Apoio e acompanhamento dos jovens				
Objetivos Gerais		Ampliar o conhecimento das práticas culturais no âmbito da dança	Criar espaços de encontro através da dança	Desenvolver competências sociais promotoras de diálogo no seu grupo e na comunidade
Aspetos que valorizam				
Categorias	Indicadores	nº de referências	nº de referências	nº de referências
Técnicas e práticas de dança	Aprende danças diferentes	31	12	12
	Aprende danças de diferentes países			
	Dança em outros bairros			
	Dança fora			
	Cria danças em grupo			
	Aprende diferentes técnicas			
	Aprende mais e com maior cuidado			
Relacional	Intercâmbios		18	25
	Constrói de coreografias			
	Encontros			
	Matinés			
	Conhece novas pessoas			
	Respeito			
Para o futuro				
Propostas	Mais intercâmbios	Criar uma companhia de dança	Desenvolver novos projetos	Continuar a dançar
nº de referências	12	6	9	3

Para o futuro, os jovens ambicionam mais intercâmbios, desenvolver novos projetos e, até, criar uma companhia de dança em conjunto. É

certamente um projeto que só pode fazer parte das ambições destes jovens depois das vivências em que tiveram oportunidade de ser protagonistas principais.

Assim posso concluir que o projeto permitiu responder aos objetivos de partida, pois desenvolveu práticas de dança em crianças e jovens na comunidade, ampliando o conhecimento de práticas culturais no âmbito da dança e potenciando espaços de encontro com cruzamentos de diálogos na diversidade, facilitadoras de desenvolvimento de competências sociais.

As interações que resultaram destes encontros foram interações positivas, onde os grupos se responsabilizaram pela própria construção social, assente no diálogo na diversidade de origens, de opiniões, de modos de ser e de saber fazer.

Notas Finais...

A avaliação anterior do projeto permitiu concluir que, na generalidade, os objetivos propostos foram conseguidos. Por outro lado, a dedicação com que crianças e pais viveram este projeto, é sinónimo do bom acolhimento que o mesmo teve. Também surgem valorizados os efeitos desta intervenção no desenvolvimento de atitudes positivas e redução de situações de maior agressividade, num ambiente de maior diálogo e respeito pelo próximo, efeitos decorrentes do investimento feito no desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

As perspetivas de dar continuidade ao trabalho, fazem-me crer que os jovens foram construindo a sua autonomia e confiança pela concretização dos objetivos propostos, procurando agora apoio para darem continuidade ao projeto que querem desenvolver.

As crianças que frequentam as escolas de primeiro ciclo, deixaram propostas atividades, mostrando também atitudes de maior aceitação e interação com outros colegas. No entanto, com a não continuidade do projeto em uma das escolas de primeiro ciclo, verifica-se atualmente um maior descontentamento dos alunos, não sabendo aproveitar os intervalos para interagir de forma cívica.

A importância de dar continuidade a projetos que olhem os espaços educativos e que mobilizem a comunidade, de forma mais ampla e eficaz, pode trazer às escolas melhorias que devem ser refletidas e tidas em conta nas estratégias que definem nos seus projetos educativos, evitando que projetos da natureza do que foi desenvolvido sejam atos isolados ou pontuais.

A dança, elemento de ligação das três grandes estratégias definidas, mostrou que onde existe vida existe movimento, capacidade para criar, interagir e intervir. A dança é movimento, ou melhor uma sucessão de movimentos, é expressão de vida, transmissão de sentimentos, comunicação, vivência corporal e emocional. A dança é movimento e não pode ser satisfatoriamente descrita, verbalizada, é essencialmente vivida, sentida, experienciada. É inerente ao ser humano, a qualquer um de nós, em qualquer homem ou mulher que transita pela rua. É necessário desmistificá-la, desenterrá-la, cultivá-la e partilhá-la.

Toda a criança precisa de vivenciar experiências de comunicação criativa e interpretativa por meio de movimentos. A experiência da dança quando integrada nas experiências de aprendizagem das crianças oferece oportunidades para experienciar, comunicar e ser criativo – oferece a “sensação” de alegria de movimentar-se alegremente, de retratar esse humor através da expressão de movimentos. Esses movimentos, quando motivados pela emoção, podem transmitir expressões francas e diretas de sentimentos reprimidos. A dança pode ser utilizada para vários fins, servindo como elemento de comunicação e afirmação e dando possibilidade de viver plenamente, através do próprio corpo, os símbolos dos seus inconscientes, libertando diretamente as emoções reprimidas por tabus culturais (D’Aquino, Guimarães & Simas, 2005).

Tendo a dança como fio condutor pude perceber que esta prática pode ser utilizada com vários fins e meios para atingir um leque diverso de objetivos. Ao longo do projeto pude certificar-me de que mais valia a dança como meio, fim e técnica, gerando espaços promotores de diálogos.

Para terminar, enquanto Educadora Social, pude verificar que é necessário renovarmos as nossas práticas e servirmo-nos de diálogos constantes para participar na construção de uma cidadania ativa.

A Educação Social situa-se no ponto de cruzamento entre a área do trabalho social e a área de educação, como referem Carvalho e Batista (2004). O educador social desenvolve uma ação educadora no terreno de trabalho social seguindo, os objetivos quer das ciências sociais, quer das ciências da educação, no espaço de intervenção socioeducativa. Carvalho e Batista (2004) afirmam também que a “intervenção no âmbito de uma pedagogia social são precisamente desenhados para responder a essa necessidade educativa, necessidade ligada e promoção de uma consciência cívica capaz de sustentar uma cidadania mais ativa e solidária” (p. 62).

Considero, assim, que os princípios da educação para a cidadania devem ser um caminho a seguir pelo Educador Social para a intervenção comunitária, tendo na dança um veículo de estímulos (no caso desta comunidade) e de desenvolvimento importantíssimo, no sentido que este ultrapassa barreiras visíveis e possibilita diálogo não-verbal, fornecendo novas ferramentas de desenvolvimento pessoal e social. Pude certificar que as

estratégias de intervenção propostas responderam às questões que me desafiaram para este projeto:

- Qual a ocupação das crianças que estavam inseridas no Programa Escolhas após o seu término?
- Será a dança um meio de desenvolvimento para uma educação na e com a cidadania?
- Quais as potencialidades que decorrem da criação de um espaço de dança para a comunidade, em especial para as crianças e jovens?
- Como criar estratégias a partir da dança que promovam o desenvolvimento de competências sociais e atitudes positivas na interação entre todos?

O projeto *Anamesa* aspirado pelos jovens, que tiveram a oportunidade de participar e de organizar muitas das atividades desenvolvidas, revelou ser um desafio exaustivo, mas muito equilibrado e de grande valor cultural e cívico. As mais valias decorrentes desta participação constituíram-se como possibilidades de desenvolvimento e empoderamento, permitindo aos jovens alcançar metas para além das que projetaram, num diálogo constante, sem deixar que barreiras linguísticas, necessidades educativas, deficiência, interligação de escolas públicas e privadas fossem fatores impeditivos de um ato de cidadania dinâmico e ativo.

É possível desenvolver o autoconceito, a autorrealização e a autoconfiança através da experiência de movimentos que ofereça a oportunidade de: mover-se, aprender por meio de movimentos, ser criativo através do movimento, aprender modelos rítmicos de movimento, descrever ao manipular o corpo as várias relações espaciais, aprender padrões básicos de dança e combinar atividades de movimentos com a música, a arte, a ciência, a matemática e a linguagem artística.

Estas são, entre outras, possibilidades que podem construir-se através da experiência da dança e que justificam que devemos proporcionar às crianças e aos jovens essas experiências de aprendizagem em cada etapa do domínio psicomotor. E, ainda, “ninguém determinou até hoje o que o corpo pode fazer”, somos nós mesmos que descobrimos, fazendo, colocando em prática o movimento.

Os espaços de formação e educação, formal ou não formal, devem potencializar a prática motora, pois ela é essencial e determinante no processo de desenvolvimento global da criança. A atuação do professor/educador principalmente nos primeiros anos deverá ser planeada e coerente, dando vós às boas práticas e ao que a comunidade tem a dizer, sendo que as experiências vividas nesta constituem a base para um desenvolvimento saudável para a vida.

Tanto os limites e possibilidades de apropriação do conhecimento por parte das crianças como a diversidade de formas de ser, estar e pensar, devem ser considerados como um princípio que se aplica à construção dos processos de ensino aprendizagem visando, assim, ampliar as relações entre os conhecimentos da cultura corporal de movimento e os sujeitos da aprendizagem, buscando dessa forma, ampliar dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais.

A observação constante no projeto e a participação direta no mesmo, consciencializou-me para a existência de uma grande resistência por parte dos jovens face à escrita, como por exemplo: escrever cartas, enviar ou responder e-mail, marcar reuniões, registar atividades, escrever relatórios. Estas tarefas eram na grande maioria solicitadas por estes à instituição que apoiou as atividades, ou “deixadas para depois”, para que outros o fizessem. Por vezes o facto de passarem esta experiência para outros atrasava o trabalho pretendido e não permitia que pudessem desenvolver mais a autonomia em ações fundamentais para a concretização dos seus objetivos. Numa perspetiva de trabalho em Tandem, pude orientar e apoiar essa tarefa, o que foi bastante gratificante. Ao mesmo tempo, tive que trabalhar o autocontrole, pois grande parte das vezes queria fazer, mas numa ótica de apoiar, capacitar e melhorar é exigido outro papel – o de fazer com a comunidade e não para a comunidade. Assim nasceu um novo grupo de trabalho!

Considero que foi uma mais-valia, pois pude constatar que existiram alterações de comportamento, como a tomada de iniciativa de concretização de propostas de escrita e a consciencialização da importância destas pequenas-grandes tarefas.

Durante a realização do projeto pude verificar que a construção de conhecimentos teve uma evolução contagiante, num processo contínuo de mudanças cognitivas e afetivas, de capacidades de relacionamento e de participação.

O meu olhar debruçou-se também nos momentos de reuniões formais com parceiros e possíveis apoiantes das diversas atividades. Aqui foram importantes os apoios que já tínhamos anteriormente, através da participação em eventos dentro e fora do bairro.

O facto dos jovens terem que tomar decisões em grupo e das mesmas terem sido assumidas em reuniões, revelou-se um dos momentos grandes de aprendizagem para mim e para toda a equipa. Nestas reuniões pude ser observadora e, neste papel, vi os jovens planearem e organizarem grande parte de tarefas com grande otimismo e vigor. Isto porque grande parte das reuniões não eram preparadas e o que diziam era o que sentiam, ao ponto de se colocarem questões sobre orçamentos e relatórios anteriores e a resposta ser “Não sei mas podemos pedir”, a sinceridade de uma conversa, a paixão por fazer parte de algo e a persistência de ir em frente, fez com que as reuniões fossem bem sucedidas e com respostas positivas.

Ao olhar para o material existente nas Associações que serviram de base para pesquisa inicial deste projeto, percebemos que a falta de verba fez com que algumas se tornassem associações ricas de espaço, mas pobres nas ofertas à comunidade. Verificou-se, também, uma enorme falta de organização do material de que dispunham, fazendo prevalecer apenas o que é de interesse do exterior da comunidade, como diz S. “o ... só têm informação do batuque o do Kola e das gerações todas de dança que por cá já passaram, o tempo do Jacinto Varela, as gerações todas do Programa Escolhas, as *Wonderfull's*, só existem e existiram estes grupos? O arquivo é esse?” (mote este que serviu de debate em reuniões posteriores). Verificámos também que só existia material relativo a grupos mais antigos, que eram poucos os registos de arquivos existentes dos grupos de jovens ou de projetos que foram marcantes para os jovens, como por exemplo o ÍMAN, considerado em 2008 pelo jornal Público como o melhor espetáculo de dança contemporânea do ano. Segundo o que disse F. “magoa vermos depois destes anos que só o que é considerado é o

que a casa quer e que o bom trabalho dos jovens não sirvam nem como registo, como interprete das *Wonderfull's* e como participante deste projeto, acho que devemos criar uns arquivos do grupo *Wonderfull's*, marcamos a diferença na altura e agora também pudemos marcar.” Assim sendo, criou-se um grupo para poder organizar os materiais que existiam, mas uma vez que este trabalho requer menos tarefas físicas e não envolve a dança, facilmente foi deixado pela equipa e só mesmo dois elementos mais persistentes conseguiram terminá-lo.

A descoberta de novos talentos no bairro foi também muito gratificante. Pude observar nos espaços de dança a habilidade na animação das crianças, a facilidade de criar diferentes estratégias e desenvolver diferentes trabalhos na área da dança assim como a existência de um grande potencial em bruto para ser desenvolvido.

A multi e interculturalidade existente ao longo do projeto potenciou diálogos intensos nos diferentes espaços de trabalho. Todas as propostas apresentadas tiveram em conta a diversidade cultural existente nos diferentes espaços e respeitaram a cultura e o eu de cada um. Concordando com Gimenez (2010) “ a proposta intercultural só é válida a partir de posições progressistas quando se baseia na extensão e adequação das categorias e fundamentos do desenvolvimento social e humano, da cidadania, comum e diferenciada e da partilha de poder, superando assim o culturalismo”.

Segundo MS, uma das crianças participantes

“ adoro as aulas porque sei que faço o que o grupo decidiu e gosto de poder dizer o que sinto, não dançamos só músicas africanas, também dançamos músicas portuguesas, é bué fixe”.

Encontramo-nos assim num contexto de cidadania participativa, onde os intervenientes se tornam mais autónomos, inseridos numa lógica de racionalidade, comunicacional e não instrumental.

Ao olhar para trás, para o trabalho realizado nos diferentes espaços, sinto uma enorme satisfação e sentimento de realização. Pude criar instrumentos plausíveis para o contexto de trabalho, pude observar mudanças,

fazer renascer a dança como novos diálogos e novos horizontes para a comunidade.

Recomenda-se que as sociedades contemporâneas, devem ter em mente a diversidade e seus questionamentos associados, de forma a proporcionar às crianças e jovens, igualdade de oportunidades e participação nos projetos de intervenção comunitária, pensando sempre nas práticas e estratégias pedagógicas de inclusão e integração.

Outro aspeto a realçar foi o facto dos jovens se querem desagarrar das instituições do bairro, partindo para a receção de novos apoios e espaços de trabalho, como o palácio Baldaya em Benfica. Fazendo com que os estes pudessem sair do seu meio e se desprender dos espaços vividos quotidianamente.

Ao longo do projeto pude ver, experienciar e vivenciar todas estas recomendações nos diferentes espaços e trabalhos desenvolvidos o que revelou ser uma grande satisfação e realização, como já referi, e, também uma nova proposta de trabalho e ambição profissional, mais sólida e consciente.

Hoje posso dizer que voltámos a ter uma ocupação para grande parte dos jovens que participaram no programa anterior. Porém as ofertas das instituições locais são escassas e não se enquadram no que essa faixa etária ambiciona na sua comunidade. Confirmei que a dança é um meio para potencializar e desenvolver uma educação na e com a cidadania. Para além da comunicação e dos encontros, os espaços de dança potencializaram uma maior união entre os jovens, uma comunicação através das redes sociais com outros jovens de fora do país, um querer desenvolver competências sociais e culturais. Acredito que este projeto fez de mim uma profissional com uma consciência maior em relação ao trabalho na comunidade e com comunidades, enquanto Educadora Social, e permitiu-me pensar em estratégias a partir das necessidades e opiniões das crianças e jovens, que tencionam ir mais além, desenvolvendo competências sociais potenciadoras da construção de relações e atitudes positivas de interação entre todos.

Arrisco assumir, neste ponto final de reflexão que a problemática em que se sustentou o projeto foi respondida com sucesso, pois *O desenvolvimento de práticas de dança por crianças e jovens na comunidade onde residem*, permitiu ampliar o conhecimento de práticas culturais no âmbito

da dança, potenciando espaços de encontro e facilitando o desenvolvimento de competências sociais.

Novas Propostas...

Ao longo da intervenção pude registar no meu diário de campo algumas propostas que as crianças e jovens foram partilhando e que mobilizo para deixar em aberto o caminho...

Os **espaços de dança** nos intervalos, fizeram nascer a necessidade da reabertura da Associação de pais na escola (processo em construção) afim destes poderem ser mais ativos e poderem participar de uma forma mais integrada na vida escolar das suas crianças. A Associação propõe atividades a desenvolver nos intervalos de forma a poderem atenuar as situações de agressividade entre os alunos, o que se verificou ter aumentado após a saída do projeto *dança nos intervalos*. Por seu turno a escola mostrou-se acessível e disponível para acolher o regresso do projeto, avaliando-o como uma proposta necessária para a comunidade escolar e do interesse dos alunos.

Numa escola de bairro, para um bairro em que os habitantes convivem consigo mesmos, pois a grande maioria é do bairro e vivem num contexto pouco aberto, verificou-se a necessidade de planificar atividades que fossem ao encontro dos interesses das crianças e não impor atividades pré-estipuladas. Assim, as **atividades extracurriculares**, desenvolvidas a partir do projeto *Ynari* e as descobertas que este tem proporcionado, tem possibilitado aos alunos a construção de uma visão do mundo mais ampla e o reconhecimento e respeito pelo outro. O projeto tem continuado com adaptações para cada turma, mas numa perspetiva mais abrangente e com exemplos reais da comunidade.

Hoje partimos da dança para explorar cantores do bairro e explorar as suas letras como fonte de trabalho na área disciplinar de expressões. O projeto é realizado só com uma turma do 3º ano, pois a escola atualmente é composta por duas turmas.

O **projeto com os jovens** desafiou à definição de novos objetivos, pela participação em atividades cada vez mais alargadas espacialmente. Os encontros semanais continuam mas desenvolveu-se/recriou-se um grupo de trabalho, que tem programado atividades nacionais e internacionais.

Os jovens continuam o trabalho com outros grupos de dança informal; realizando intercâmbios; organizam eventos e ou apoiam em eventos de diferentes locais; organizam a participação no próximo Festival *Anamesa*; candidatam-se a programas Erasmus, para novos intercâmbios; participam em formações artísticas; propõem-se novos projetos virados para a comunidade. E, destes desafios também nasceu a *Associação Kimera*.

A realização deste projeto fez renascer a vontade de estar no terreno, a necessidade de adquirir novas experiências e realizar novas aprendizagens. Como Educadora Social e técnica de Intervenção Comunitária, não tenho dúvida que esta é a minha profissão pois considero que sou capaz de desenvolver o trabalho necessário, refletir e pensar criticamente sobre o mesmo, desafiando comunidade a enfrentar novos desafios...

Referências Bibliográficas

Amado, J. & Freire I. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Andreoli (2010). *Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural*.

Barbosa, L.; Portilho, F. & Veloso, L. (2009). *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. EDUR

Bauman, Z. (2003). *Comunidade : a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

Bourdieu, P. (2017). *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: ZouK.

Cabrera, F. (2008). Elaboración y evaluación de programas de educación para la ciudadanía. *Bordon*, 59 (2-3), 375-398.

Carmo, A. (2014). Cidade & Cidadania (através da Arte) O Teatro do Oprimido na Região Metropolitana de Lisboa. Doutorado em Geografia Humana, IGOT-UL. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/15797>.

Cardoso, C. (2005). *Educação Multicultural. Percursos para Práticas Reflexivas*. Lisboa: Texto Editores.

Carvalho, A. & Batista, I. (2004) *Educação Social Fundamentos e estratégias*: Porto Editora.

Casa-Nova, M. J. (2005). Etnicidade e educação familiar. *Revista Teoria e Prática da Educação*, 8:2 (Maio/Ag. 2005), 207-214.

Checkoway, B. (2013). Education for democracy by young people in community-based organizations. *Youth & Society*, 45, (3), 389-403.

COE (2008). Livro branco sobre o diálogo intercultural. Conselho da Europa:Strasbourg.https://www.coe.int/t/dg4/intercultural/Source/Pub_White_Paper/WhitePaper_ID_PortugueseVersion2.pdf.

Daolio, J. (1995). *Da Cultura do Corpo*. Campinas: Papirus.

D'Aquino, R.; Guimarães, A.; Simas, J.(2005). Dança de salão: motivos dos indivíduos que procuram esta atividade. *Lecturas, Educación Física y Deportes: Revista Digital*, Buenos Aires, v.10, n.88.

Dyrell 1996 DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

Falsarella, A. P & Amorim, D. B. (2018). A importância da dança no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes. Revista Conexões, Campinas, v. 6, n. especial, 2008.

Faria, H. & Garcia, P. (2003). *Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário*. Cadernos de Proposições para o Século XXI, Arte E Sociedade. São Paulo: Instituto Pólis.

Ferro, L. (coord.), Raposo, O. (coord.), et al. (2016). O Trabalho da Arte e a Arte do Trabalho: Circuitos Criativos de Artistas Imigrantes em Portugal. Observatório das Migrações, 58. Alto Comissariado para as Migrações (ACM). Disponível em:

https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo_OM58_br.pdf/521e91d4-f875-49cd-ba7a-36a6894c8618.

Fonseca, J. (2017). *Los Procesos de Participación de los Adolescentes en Entornos Comunitários: una experiencia de ciudadanía*. Tesis Doctoral. Bilbao: Universidad de Deusto.

Giménez, C. (2010). *Interculturalidade e mediação*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Gonçalves, S et al. (2008). *Identity, diversity and intercultural dialogue*. Coimbra: Escola Superior de Educação (ESEC).

Grassi, M. (2008). Identidades plurais na Europa contemporânea: Auto-percepções e representações nos jovens de origem africana em Portugal. In Góis P (org.) *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. ACIDI: Lisboa: 155-174.

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*. Principia.

Guttman, A. (2001). *La Educación democrática*. Barcelona: Paidós.

Horta, A. P. (2008). *A Construção da Alteridade. Nacionalidade, Políticas de Imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-colonial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Iturra, R (2009). *O processo educativo: Ensino ou Aprendizagem*. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt>.

- Ladmiral, J. & Lipiansky, E. (1989) *La communication interculturelle*. Bibliothèque européenne des sciences de l'éducation, Armand Colin,
- Malheiros, J., Vasconcelos, L. & Alves, F. (coords) (2006). *Operação Cova da Moura*. Volume I – Diagnóstico para a Intervenção Sócio-Territorial. INH, Lisboa.
- Marques I. A. (2010). *A Linguagem da Dança: arte e ensino*. São Paulo Digitexto
- Marques, A. (2012). Dança, Criatividade e Educação Artística: um cruzamento essencial e exequível. In *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 2012 (2).
- McLaughlin, M. (2000). *Community counts: How youth organizations matter for youth development*. Washington DC: Public education network.
- Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica. (2007). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Modood, T. (2007). *Multiculturalism*. Cambridge: Polity Press.
- Mortari, K. (2013). *A Compreensão do corpo na dança: um olhar para a contemporaneidade*. Tese de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.
- Neves, R. et al. (2004). Interculturalidades–traduções, línguas e culturas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófona.
- Ozório, L. (2005). A interculturalidade e seus inúmeros começos comunitários, *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 33-41.
- Parekh, B. (2006). *Rethinking multiculturalism. Cultural diversity and political theory*. Great Britain: Palgrave Macmillan.
- Ramos, A. (2000). Centralidade do Trabalho. In J. Freire, M.V. Cabral, & J. Vala (Org.) *Trabalho e Cidadania*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Raposo, O. (2005). Sociabilidades juvenis em contexto urbano. Um olhar sobre alguns jovens do Bairro Alto da Cova da Moura, in *Fórum Sociológico*, 13/14 (2), pp.151-170.
- Santos, M. (2006). *Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec/Edusp.
- Santos, R. & Figueiredo, V. (2003). Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. *Pensar a Prática* 6: 107-116, Jul./Jun.
- Santos, M. & Lopes, M. (2012). Dança e formação de identidade

cultural, *Anais da Semana de Pedagogia da UEM*, Vol. 1 (1). Maringá: UEM, p. 6.

Santos, B. S. & Nunes, J. (2003). Introdução para ampliar o canône do reconhecimento da diferença e da igualdade. In *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Sousa, S. (2013). *A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança Um Estudo de Caso*. Tese de Mestrado em Relações Interculturais. Porto: Universidade Aberta.

Scollon, R. & Scollon, S. (2001). *Intercultural Communication: A Discourse Approach*. Oxford: Blackwell.

Tylor, E. (2014). *A ciência da Cultura*. Expresso Zahar

UNESCO (2002). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. (disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>)

Varregoso, I., Monteiro, L., Rodrigues, J., Franco, S., & Alves, S. (2014). Dançar – Vivências contemporâneas na comunidade. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 5, 4-11.

Velho, G. & Viveiros de Castro, E.B. (1978). O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. *Artefato: Jornal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1

Wieviorka, M. (2002). *A diferença*. Lisboa: Fenda Edições.

Anexos

Anexo 1

Entrevista com a ex-coordenadora do projeto Escolhas *Nu Kre*

Entrevista à técnica da instituição

Objetivo: Perceber os grupos culturais que existiram na instituição

1. Identificação:

Sexo: Feminino Idade: 35 anos
Nome: Carina Pinto de Oliveira
Profissão: Assistente Social
Grau de escolaridade: Licenciatura em Serviço Social
É morador(a) no bairro da Cova da Moura? Sim _____ desde quando? _____
Não: <input type="checkbox"/> Já não _____ Tem familiares a morar no bairro sim _____ não <input type="checkbox"/>

2. Cultura

a. Como descreve a cultura do bairro.

O bairro da Cova da Moura surge (com maior destaque) com regresso dos retornados, especialmente vindos de Angola, no pós 25 de abril 1974. Ao mesmo tempo, deu-se a imigração de vários cidadãos oriundos de África, nomeadamente da comunidade Cabo Verdiana, de S.T.P, Guiné. Portanto, eu diria que o bairro tem uma cultura “multicultural”.

b. Considera que o bairro tem uma cultura própria? Porquê?

O bairro por ter uma comunidade imigrante representada por vários países nacionais terceiros, descendentes e nativos tem uma cultura baseada no cruzamento das várias influências de cada um dos países presentes.

3. Grupos culturais na Instituição

a) Na sua opinião quando foi vista a necessidade da realização de grupos culturais no bairro?

Provavelmente a necessidade aliou-se à vontade, à motivação, ao gosto, ao interesse, à cultura e os grupos foram sendo criados espontaneamente.

b) Quais foram os primeiros a surgir e porquê?

Creio que os primeiros grupos a surgirem na ASSACM foi primeiramente a patinagem e a posterior a capoeira.

Anexo 2

Entrevista diagnóstica aos Jovens do Bairro inseridos no Programa Escolhas

(Transcrição do áudio)

Nome: A

Idade 15 anos

Nacionalidade: Portuguesa

Pais: portugueses

Trabalha: Não

Vives no Bairro? Sim desde sempre

Estudos 7º ano

Quanto tempo está na dança?

7 anos

P: Participas te no programa Escolhas?

Não sei, não me lembro, mas acho que era o projeto Nu Kre

P: O que significa a dança para ti?

Alegria (não consegue bem explicar o que sente)

P: Quais os efeitos que a dança tem na tua forma de ser e de estar?

Torna-me mais alegre

P: Quando tens uma apresentação próxima de acontecer como é que estabelece os teus objetivos?

Treino mais e foco me mais nos paços que não sei.

P: descreve um acontecimento marcante no domínio da dança

A primeira a atuação

P: o que sentiste

Nervosismo

P: Lembras te onde foi?

Não e não me lembro qual foi a atuação

P: A alguma atuação que te lembres?

Festival Kova M

P: Pelo lado positivo ou negativo? Porquê?

Pelo lado positivo não falhei nenhum passo

P: Descreve me um exemplo de uma situação onde traças objetivas e que esses foram atingidos com muito sucesso?

Não consegue responder

P: Normalmente traças algum objetivo

Não

P: Não tens a ambição de fazer mais

Não

P: Há alguma coisa que te tenha deixado frustrada na dança?

Não

P: qual o nome do grupo ao qual pertences?

Wonderfulls

P: Sabes o significado do nome do grupo?

Não

P: Sabes há quantos anos existe o grupo?

Não

P: Quantos espetáculos já participaste com o grupo?

15 ou mais

P: destes espetáculos que participaste foram realizados dentro do bairro?

Dentro e fora

P: Fora podes identificar os sítios em que estivestes?

Lisboa e mais sítios

P: Dentro do bairro em que eventos culturais participaste?

Festival Kova M

P: Como Conheceste o grupo?

A minha tia apresentou-me o grupo

P: E como é que ela apresentou te ao grupo?

Levou-me a um espetáculo

P: o que é que achas-te do espetáculo

Divertido

P: Foi um espetáculo que estavas habituada a ver?

Não

P: Quais foram as diferenças que viste ao ver no espetáculo?

Outros estilos de música e de dança

P: O que fizeste para entrar no grupo?

Escrevi me e chamaram-me

P: Que significado tem o grupo para ti?

Família

P: o que é que sentes quando estas em grupo?

Alegria não consigo explicar bem

P: quando estas no grupo procuras o encontro com outras pessoas do bairro?

Sim

P: Procuras ocupar os teus tempos livres?

Sim

P: Procuras mais qualquer coisa?

Não

P: Não procuras aprender a dançar

Sim, também

P: Consideras o trabalho que realizas no grupo poderá levar-te a seguir uma carreira profissional?

Sim

P: Porquê?

Porque sei dançar

P: Porque sabes dançar é o suficiente para seguires uma via profissional?

Sim

P: Então se um dia quiseres entrar num trabalho a sério da dança sabes que tem bases para isso certo?

Sim

P: Achas que o trabalho que fizeste com o bairro e com o grupo é o suficiente?

Sim

Quais os estilos de dança que praticas?

Hip-hop, Afro House, Funaná, Batuqué

P: Como é que é visto o grupo pela comunidade do bairro

É só mais um grupo, acho que não dão muita importância

P: porque é que sentes que não dão muita importância?

Porque sim

P:

Sim

P: Que tipos de apoio?

Não sei

P: Na comunidade há cabeleireiros, costureiros achas que estes podiam vos ajudar de alguma forma?

Sim

P: Mais exemplos

Não sei

P: Mais coisas que o bairro poderia fazer?

Acho que mais nada

P: Então como e que achas que a comunidade poderia ajudar, achas que o grupo chega a comunidade?

Sim

P: Como?

Fazendo apresentações no bairro

P: Com essas apresentações não é suficiente para a comunidade vos acarinhar?

Sim

P: Então quando dizes que vocês não são bem vistas pela comunidade o que é que queres dizer com isto?

Eles não sabem bem todo o trabalho que temos.

P: O que é que falta na ligação entre o grupo e a comunidade?

Comunicação.

P: O que falta a comunidade demonstrar?

Carinho, sem ser só no festival.

P: Então se tivesses que demonstrar a relação entre a comunidade e o grupo em duas palavras quais seriam?

Desinteresse/ Novidade

P: Que ligações existem entre o grupo que esta inserida e o outro grupo que existe no bairro?

É que sabemos dançar e as vezes atuamos no mesmo sítio.

P: E existe algum tipo de ligação profissional?

Não

P: Existe alguma ligação entre o vosso grupo e os de fora do bairro?

Não

Não existe nenhum trabalho que façam com outros grupos, instituições troca de experiências, intercâmbios?

Não, mas já houve.

P: Onde ensaiam

No centro cultural moinho da juventude

P: Sabes se existe algum tipo de apoio financeiro?

Não

P: Quantos dias por semana ensaiam

3 Dias

P: Quantas horas?

2 Horas

P: será que podes-me descrever como é um dia que tenhas ensaio?

Muito cansativo...

P: Levantaste de manhã e o que é que fazes?

Vou para a escola e depois vou ensaiar

P: e o que é que normalmente fazem no ensaio

Exercícios de aquecimentos e ensaiamos

P: E o que é esse ensaiar?

É por uma música e dançar

P: E quando ensaiam e meter uma música e vão embora?

Sim

P: Como divide o grupo as suas tarefas?

Fazemos reuniões

P: As reuniões são semanais?

Semanais

P: Diz me 3 aspetos positivos e negativos da organização dos ensaios?

Positivos a convivência a amizade entre nós e só, não há aspetos negativos

P: Nem o cansaço?

Não

P: Quais as estratégias para organizarem um espetáculo, como é que se preparam?

Ensaio extras

P: Na tua opinião o que poderá ser feito a nível do grupo para melhorar o fosso desempenho geral

Não sei

P: Não existe nada para poderá ser feito melhorar

Não

P: achas que a dança praticada no bairro poderá ser apresentada em qualquer lugar

Sim

Porquê?

Porque sim

P: Consideras que o trabalho que vocês fazem poderá ser apresentado numa sala de espetáculos?

Sim

P: consideras que a dança tem um significado particular par ao bairro

Não, mas é próprio

P: Na tua opinião o facto de existirem grupos de dança no bairro é positivo?

Sim

P: Porquê?

Porque é uma maneira de convivermos e porque há pessoas que querem fazer da dança um futuro

P: És umas dessas pessoas que quer fazer da dança um futuro

Sim

P: E como é que pensas trabalhar para que esse futuro na dança seja realizado?

Muito esforço e dedicação

P: É o suficiente?

Sim

P: Sabes que para ter um futuro na dança é muito mais que dançar, tens consciência disso?

Sim

P: Então que outras competências achas que tens que adquirir para teres um futuro na dança?

Não sei

P: Outras aprendizagens que precisas de ter

Não sei... a dançar?

P: Achas que aquilo que sabes é o suficiente das aprendizagens que tens em relação

Sim

P: Dizes que sim mas abanas com a cabeça e dizes que não, isso significa que é o suficiente ou que não?

Sim

P: Sentes que os grupos de dança representam a identidade cultural do bairro

Sim,

Como?

Pelos estilos de dança africana o bairro é basicamente constituído por africanos

P: Sentes porque dançam, danças africanas e bairro e constituído maioritariamente por pessoas africanas estão a representar a cultura do bairro?

Sim

Anexo 3

Programa Animação de Intervalos

[PROGRAMA]

_ANIMAÇÃO DE INTERVALOS

[ATIVIDADE]

_DANÇA CRIATIVA

[RESPONSÁVEIS]

_WHASSYSA MAGALHÃES

[ENTIDADE RESPONSÁVEL]

_ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA CONCLUSÃO DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO SOCIAL E INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

[TÍTULO]

_CULTURA, DANÇA E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS – PROJETO DE INTERVENÇÃO SÓCIO EDUCATIVA

SUMÁRIO

[PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES]

_FINALIDADES

_PROPOSTA DE ATIVIDADES

_MATERIAL NECESSÁRIO

[CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO]

COMPETÊNCIAS/CONTEÚDOS	MOMENTOS DAS ATIVIDADES A REALIZAR	INDICADORES DE AVALIAÇÃO
<p>COMPREENSÃO ORAL Prestar atenção ao que se ouve de forma a:</p> <ul style="list-style-type: none">• Poder desenvolver o exercício apresentado. <p>EXPRESSÃO ORAL</p> <ul style="list-style-type: none">• Estimular conversa a partir da aprendizagem adquirida. <p>EXPRESSÃO COPORAL – INTRODUÇÃO À DANÇA</p> <ul style="list-style-type: none">• Desenvolver a noção e orientação espacial;• Utilizar e dominar o corpo;• Estimular criatividade;• Desenvolver o ritmo;• Trabalhar a coordenação;• Mimar e copiar coreografias. <p>Expressão plástica:</p> <ul style="list-style-type: none">• Desenhar, ilustrar aspectos das aulas. <p>Expressão dramática:</p> <ul style="list-style-type: none">• Utilizar e reagir espontaneamente por gestos e movimentos a sons, palavras, ilustrações e gestos;	<p>1º MOMENTO (atividade colectiva)</p> <ul style="list-style-type: none">• Apresentação da aula de forma sugestiva chamando a atenção para o tema ou o trabalho do dia. <p>•</p> <p>2º MOMENTO (atividade colectiva e/ou individual)</p> <ul style="list-style-type: none">• Aquecimento corporal• Espaço para atividade de caris individual e em grande grupo• Desenvolvimento do trabalho corporal através do movimento, corpo, espaço, técnica e ritmo. <p>3º MOMENTO (atividade colectiva)</p> <ul style="list-style-type: none">• Conclusão do trabalho do dia.• Diálogo para assegurar a compreensão e a adesão dos alunos <p>3º MOMENTO (atividade individual)</p> <ul style="list-style-type: none">• Jogos de relaxamentos e exercícios de alongamentos;	<ul style="list-style-type: none">• Observação directa.• Participação, interesse e empenho na realização das tarefas.• Intervenção adequada.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- RÁDIO COM LEITOR DE CD E ENTRADA DE USB/ MP3
- ESPAÇO AMPLO
- LÁPIS DE CARVÃO
- LÁPIS DE COR
- FOLHAS BRANCAS
- **PAPEL DE CENÁRIO**

[CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO]

- PARTICIPAÇÃO
- AUTONOMIA
- CONCENTRAÇÃO
- CUMPRIMENTO DE REGRAS
- RELAÇÃO COM OS OUTROS
- AUTO AVALIAÇÃO
- REGISTO DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Anexo 4

Proposta para trabalhar as AEC's no 3º Período Ynari 5 descobertas

Introdução

A dança é algo que nos é inato, inerente ao nosso corpo durante toda a nossa existência, manifesta-se através de movimentos que podem ser explorados e cultivados por meio de estímulos. Ela é muito mais do que movimentos é uma forma de estar perante a vida. A dança é por assim dizer um pensamento filosófico, pois permite brincar com o pensamento e ter a liberdade de inventar, possibilitando o cruzamento entre os diferentes saberes.

É essencial com base nesses conceitos que se estrutura todo este projeto “Ynari, 5 descobertas”. Surge da vontade de conhecer diferentes manifestações culturais das turmas, não só de alguns países africanos como também de Portugal, do projeto que estou a desenvolver para a conclusão do mestrado e das conversas que tenho com os alunos que na sua maioria são moradores do bairro.

A ideia surgiu a partir da preparação do livro para trabalhar nas aulas e de conversas que vou tendo com os alunos, o livro conta a história de uma menina que tinha cinco tranças e que encontrou um homem muito pequenino que lhe ensinou palavras mágicas. Certo dia a menina resolveu fazer uma viagem por cinco aldeias que estavam em guerra e ensinar, também ela, aos seus homens e mulheres e às suas crianças pequenos segredos, que mais não eram do que pequenas palavras mágicas. Ela encantou de tal forma os habitantes daquelas aldeias e espalhou com tanta sabedoria a sua magia, que eles conseguiram descobrir todo o sentido das palavras mágicas que a menina lhes levou e com ele encontrar a paz.

É a partir desta fantasia do livro que resolvi também eu fazer uma viagem com as turmas que tenho nas AEC's e passar por pelo menos por 5 países que são também países de origem da maioria dos alunos, sendo estes também 5 países de língua oficial portuguesa, espalhando da mesma forma que a menina palavras mágicas que darão lugar as sessões de trabalho.

Esta viagem passará por Angola, Guiné, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo verde e Portugal. Podendo ser estes países alterados consoante as nacionalidades ou descendências das turmas. De certa forma esta viagem ambiciona seguir viagem pela cultura e educação culminando o seu trajeto no idioma português. Através deste

percurso pretendo que haja uma interligação entre diferentes vertentes artísticas, dança, literatura, pintura e música.

Toda a conduta deste trabalho aspira a uma experiência sensitiva, na qual através do corpo se pode conhecer outras formas de estar, outros modos de vida, explorar e vivenciar outras linguagens de culturas longínquas, mas que ao mesmo tempo estão perto.

Através da experimentação e partilha pretende-se sensibilizar as crianças portuguesas, africanos e /ou descendentes, a terem conhecimento das diferenças que advêm da interculturalidade, assim como, criar um espaço de dança na escola como é vontade dos alunos, desenvolver através da dança competências sociais e potenciar uma prática efetiva da cidadania num contexto multicultural.

Objetivos

- Aprender a observar, a analisar e a exprimir opinião
- Vivenciar histórias, culturas e diferentes formas de estar na sociedade
- Explorar a expressividade corporal através de estímulos
- Explorar movimentos corporais através da dança
- Explorar a experimentação e a criação
- Estimular a espontaneidade e a expressividade
- Proporcionar o conhecimento de diferentes manifestações culturais
- Sensibilizar para a interculturalidade
- Estimular a socialização e a integração
- Estimular o diálogo
- Desenvolver competências sociais e de cidadania

Metodologia

Este projeto será elaborado por sessões/ aulas, as primeiras sessões serão para dar a conhecer a história do livro e apresentar a proposta de trabalho, as seguintes serão trabalhados temas que abordarão as manifestações culturais dos países já referidos, as últimas sessões serão para elaboração de um trabalho final que faça interligação entre os temas tratados anteriormente, com o intuito de criar uma apresentação final.

A estrutura das sessões desenvolver-se – á com a apresentação do objetivo da sessão, com a apresentação do tema, o aquecimento, o desenvolvimento e exploração, o relaxamento e uma conversa no final acerca das atividades vivenciadas, estas terão a duração de 1h45.

Ao longo das sessões vão ser propostos e explorados exercícios que têm como objetivo consciencializar o grupo de alunos não só para o conhecimento do corpo, mas também para a interculturalidade, socialização e integração. Os alunos são convidados a mergulhar num mundo em que o corpo e os estímulos levados e lançados são material de trabalho para darem lugar à aprendizagem e à criatividade. Pinturas, fotografias, histórias, objetos, vídeos de dança e músicas servirão de estímulo para que a dança surja.

Descrição

1ª Sessão

Objetivo: Dar a conhecer a história de Ynari através de uma apresentação a Power-point

Descrição da sessão

A professora pede aos alunos que sentem-se no chão, em roda.

De seguida pede que fechem os olhos e que respirem fundo, dando a indicação que a sala deve ficar em silêncio e que só poderemos sentir a sua respiração.

Após estarem todos relaxados e a professora irá pedir aos alunos que se sentem virados para a tela de projeção e apresentará o power-point.

De seguida irá pedir que voltem à roda e passará uma folha A3 para que cada aluno possa escrever ou desenhar algo que foi significativo para si na história.

Posteriormente a professora irá pedir aos alunos que façam um reconto da mesma, mas para isso terão de se respeitar, assim na regra é dada pela professora sendo esta unicamente que só fale a pessoa que a professora disser o nome, esta pessoa deverá continuar o reconto. Faremos assim até chegarmos ao fim do reconto..

De seguida a professora irá colocar no quadro a imagem da capa do livro mas com os nomes dos países que irá trabalhar nas próximas sessões, aí fará uma breve apresentação ao projeto que irão desenvolver nesse período e pedirá a cada alunos que escreva o que gostaria de conhecer de cada país.

Para terminar a professora irá pedir aos alunos que deitem no chão de forma a estarem confortáveis e que fechem os olhos e se imaginem a conhecer esses países.

Cada aluno irá se levantar com um toque da professora e compartilhará o que vivenciou nesses minutos.

Após todos terem compartilhado em grande grupo, iremos fazer a avaliação da sessão.

2ª Sessão

Objetivo: Efetuar um trabalho de disponibilização do corpo que trabalhe as diferenças, a relação e aproximação do grupo.

Descrição da sessão

Introdução do tema

Aquecimento

1. Em roda, sentados no chão, cada aluno diz o seu nome duas vezes e de seguida bate palmas também duas vezes;
 - 1.1 Fazer o mesmo exercício mas com voz baixa, batendo com dois dedos de uma mão (indicador e médio) em dois dedos de outra mão;
 - 1.2 Repetir o seu nome mas como se estivessem a dizer um segredo, como a menina das 5 tranças e batendo com as palmas das mãos nas pernas;
 - 1.3 Por último dizer o nome bem alto e bater com os pés no chão
2. Continuando em roda sentados no chão, costas direitas e pernas bem alongadas. Fletir ligeiramente a perna direita e fazê-la deslizar para o chão para a frente levando consigo a parte direita do tronco. Fazer o mesmo com a perna esquerda ficando numa situação de equilíbrio (sentados de costas direitas e pernas estendidas). Repetir até que todo o grupo se encontre no centro e ao mesmo tempo. Agarrar as mãos uns dos outros e ficar assim uns segundos;
3. Fazer o mesmo exercício mas andando do centro até ao lugar onde se encontravam.
Nesta variante ao fletir a perna direita puxa-se a parte direita do corpo para trás. O mesmo com o lado esquerdo. Ao chegar ao lugar inicial olhar com curiosidade uns para os outros e sorrir;
4. Repetir os pontos 2 e 3 vezes com pequenas variantes.
Variantes do ponto dois: fazer ondas, fazer massagens na cabeça dos colegas ou nas costas, bater com os pés uns nos outros.
Variante do ponto três: esconder-se, bater palmas acima da cabeça, bater com as mãos no corpo;

5. Ao chegar ao lugar inicial do exercício anterior fletir ambas as pernas, colocar os pés no chão com a ajuda das mãos, subir ligeiramente o cóxis e desenrolar lentamente. A última parte do corpo a chegar é a cabeça;
6. Encontrar o colega que estiver mais perto e friccionar a cabeça, braços, costas, pernas um ao outro.

Desenvolvimento (40 minutos)

1. Usar palavras do livro (passarinho (A), peixes (B), cágado (c), pequenino (D), rio (E), menina de cinco tranças (F)). Pedir aos alunos que façam movimentos característicos de cada uma das palavras, de seguida formar conjuntos de palavras. Lançar estímulos (por exemplo: savana africana). Estimular os alunos a aprenderem esses movimentos segundo um esquema, por ex: A,C,F,B,D,E.
2. Pedirei aos alunos sugestões de outras palavras relacionadas com o imaginário do livro, através dessas palavras irão descobrir movimentos diferentes e segundo um esquema idêntico ao anterior são estimulados a passarem de uns para os outros com fluidez;
3. Partindo dos movimentos do ponto anterior fazê-los grandes e alongando o corpo e pequenos, fechando o corpo sobre si;
4. Em roda peço um aluno que vá ao centro e coloque-se numa posição. Outro vai colocar-se junto dele e faz a mesma posição mas de dimensão contrária (ou grande ou pequena, consoante a dimensão do colega anterior). Todos os alunos passam por esta experiência;
5. Dividir em dois grupos e construir um quadro com todos os alunos segundo o esquema do exercício anterior. Quando uns constroem outros observam.
6. Os alunos comentam o que viram e falam do que sentiram ao realizar o exercício.
7. Ensinar à turma 3 passos simples de dança africana, dançar com eles os passos devagar, em linha, em círculo, em diferentes posições no espaço.
8. Dividir a turma em dois grupos e pedir para cada grupo com os criar uma pequena apresentação com o que aprendeu hoje, cada grupo mostra ao outro o que criou.

Relaxamento

Em roda, juntos ao centro dar as mãos, massajar os ombros do colega da frente, a cabeça, as costas; sacudir as pernas; voltar a dar as mãos e fazer ondas. Largar as mãos lentamente e deixar cair o corpo devagar no chão.

Conversa final

Perguntar aos alunos se gostaram da aula, como se sentiram, o que aprenderam.

3ª Sessão

- País Cabo Verde;
- Música: Baú e outras

Objetivo

Descrição da atividade

Partindo da imagem de Amilcar Cabral e das formas do seu gorro pintar com tintas diversas cores variações dessas formas em caixas de cartão espalmadas.

Trabalhar linhas retas e curva, forma geométricas, variações nas várias direções do espaço (frente/trás; cima/baixo; lado esquerdo/lado direito), nos vários níveis do espaço (alto médio, baixo).

Após a pintura com todas estas indicações iremos fazer o mesmo com o corpo.

Introdução ao tema (20 minutos)

Fazer uma breve introdução sobre Amilcar Cabral, ou pedir a um pai que faça essa introdução e que fale um pouco de cabo verde;

Pedir aos alunos para observarem o seu gorro e as suas formas, de seguida peço aos alunos que pintem as variações observadas dessas formas no cartão espalmado;

A professora também pinta formas geométricas mas intencionalmente para trabalhá-las posteriormente no decorrer da aula;

Após todos terminarem, observamos o trabalho.

Aquecimento

1-Iremos andar pelo espaço, segundo as indicações: linha reta, linha curva, em diagonal, em várias direções pelo espaço (frente/trás; lado esquerdo/lado direito) desenhando com o andar formas por eles pintadas;

2- Em roda, mas com o lado direito do corpo virado para o centro, fazer as formas dos desenhos com as mãos no corpo do colega. Fazer o mesmo exercício com o lado esquerdo do corpo virado para o centro;

3- Pegando no pé do colega e desenhar as formas pintadas. Variando com outras partes do corpo para cada forma, por ex: braços, cotovelos, dedos, nariz, joelhos.

4- Espalhados pela sala e de olhos fechados os alunos irão dançar a dança das formas onde têm que desenhar as formas mencionadas pela professora no espaço. Este exercício será orientado pela professora para que os alunos consigam atingir os objetivos.

Desenvolvimento (40 minutos)

Cada aluno deve encontrar formas geométricas no corpo (ex: os dois braços sobrepostos e na direção dos ombros podem fazer um retângulo);

Um de cada vez irá mostrar a forma encontrada e os colegas irão repetir até todos passarem por esse processo;

Irei pedir aos alunos que formem um quadro com as formas encontradas enquanto dois ou três observam e tentam descobrir quais as formas que ali se encontram;

Irei dividir a turma em três grupos, cada grupo terá de criar um novo quadro e fazer com que esse quadro seja móvel, deslocando-se nas várias direções do espaço por mim, anteriormente delimitado.

Cada grupo apresenta aos colegas o que fez.

De seguida a professora ensina aos alunos três passos simples de uma dança cabo-verdiana.

Os alunos terão que se juntar novamente com o grupo anterior e incorporar os passos de dança aprendido com o exercício anterior e apresenta-lo.

Relaxamento (15 minutos)

Partindo de uma forma geométrica pintada na sala pedir aos alunos que a representem no chão;

A professora pede aos alunos que fechem os olhos e fechem o corpo como se fossem umas bolas muito pequenas, de seguida que estiquem-se lentamente

Sentados no chão, com os olhos abertos, balançar o corpo para o lado direito e para o lado esquerdo, repetir o exercício 4 vezes;

Sentados no chão estremeecer a relaxar as pernas.

Respirar fundo e levantar muito lentamente.

Conversa Final

O que acharam da aula e que aprenderam

4ª Sessão

- País Guiné-Bissau;
- Música: Dan Dau, Bau, Percussão (batuque) e outros

Objetivo

Partir de imagens dos quadros do pintor Lemos Djata, trabalhar alguns movimentos de dança africana, descobrir esses movimentos através do ritmo.

Descrição da sessão

Introdução ao tema

- Pedir a um pai para falar um pouco sobre o país.
- Fazer uma pequena introdução sobre a vida e obra do pintor Lemos Djata, através de um vídeo ou power - point;
- Apresentar as imagens dos quadros e pedir aos alunos que digam o que as imagens sugerem;

Aquecimento (20 minutos)

Em roda fazer alguns movimentos como piscar um olho, o outro, os dois, esfregar a cara, massajar a cabeça. Rodar os ombros, rodar as ancas, rodar os joelhos. Deixar que os alunos sugiram outros movimentos que lhes tenham surgido a partir dos quadros apresentados anteriormente.

Fazer os mesmos agora ao som da música (faixa 8: I am a professional: DAN DAU) duas vezes;

Dois a dois com as mãos no coração do colega, fechar os olhos e sentir a respiração e as batidas do coração (sem música);

Agora com ritmo que ficaram do exercício anterior, transferi-lo para os pés e para outras partes do corpo;

Juntamo-nos em roda e iremos fazer o exercício de bater o pé e saltar, para o lado esquerdo e para o lado direito, fazer o mesmo exercício de forma mais lenta e mais rápida.

Desenvolvimento

Em roda, cada aluno sugere um movimento no ritmo da música (Faixa 1: ciré- DAN DAM – Música popular de Guiné Bissau) ou Percussão (bataque);

De seguida iremos voltar a fazer o exercício, mas depois do primeiro fazer o segundo aluno deve fazer o movimento do primeiro e depois fazer o seu movimento e assim sucessivamente até o voltarmos ao primeiro que tem de fazer o movimento do último aluno e o seu novamente.

Posteriormente, peço os alunos para andarem pela sala e sempre que colocar a música eles devem fazer o seu movimento, de seguida voltam a andar pela sala e sempre que se cruzarem com um colega fazer o seu movimento e o do colega.

Seguidamente irão continuar a andar pela sala e voltamos a realizar o exercício do aquecimento onde batíamos o pé e saltávamos para a esquerda e para a direita, mas com a variante de andarem num comboio pela sala, quando a professora pedir para saírem do comboio, cada aluno deve escolher um espaço pela sala fazer o exercício do aquecimento e juntar o seu movimento e de um colega a escolha. Repetir o exercício duas ou três vezes.

A professora irá ensinar aos alunos uma pequena frase com movimentos construídos a partir do imaginário dos quadros. Fazendo com que todos aprendam a frase.

Assente nesta sugestão, os alunos constroem a sua pequena coreografia em grupos de três e quatro elementos procurando elementos no imaginário nos quadros. Dar como estímulo um quadro a cada grupo e pedir que criem coreografias em linhas na diagonal, retângulos, triângulos, linha horizontal.

Após a construção cada grupo apresenta aos colegas.

Relaxamento

Todos juntos voltam ao círculo fazendo um movimento à sua escolha fazendo-o lentamente do seu lugar até chegarem e formarem o círculo.

Em pé na mesma roda, estremecer o corpo todo até ficar em bicos de pés, deixar o corpo cair e desenrolar lentamente a coluna. Repetir três vezes.

Sentamo-nos no chão lentamente e ao som da música vamos deitando e respirar fundo.

Conversa final

Para finalizar a professora pede aos alunos que se sentem e pergunta o que sentiram, se gostaram ou não da aula.

5ª Sessão

- País: São Tomé e Príncipe

Objetivo: Partir do teatro Tchiloli para trabalhar uma dança tradicional santomense chamada Puita, esta é apresentada a partir do teatro por ser esta uma vertente artística também abordada no teatro.

Descrição da sessão

Introdução do tema

Para iniciar irei explicar que uma das atividades culturais de São Tomé e Príncipe é o teatro em específico o Tchiloli.

Explico as técnicas deste teatro e mostro um vídeo a turma.

Aquecimento

Andar pela sala e cumprimentar um colega a medida em que vão encontrando com os colegas.

Jogo do pisa ao pé para explorar o distanciamento e a aproximação, com indicações que a professora vai dando como: para avançar vai ao pé chochinho, rodopia para andares para trás, etc.

Desenvolvimento

A professora ensina 3 ou 4 passos básicos da dança Puita e pede aos alunos que o façam inicialmente no lugar estipulado inicialmente, de seguida espalhados pela sala e por fim numa organização simples a pares, onde as meninas estão num lado da sala e os rapazes n'outro e fazem a junção dos passes para o centro e para fora.

Iremos tornar esta dança numa peça de teatro em conjunto.

Relaxamento

Os alunos irão explorar os passos de dança aprendidos em movimentos lentos até pararem.

De seguida irão realizar uns exercícios de alongamentos dados pela professora.

Para finalizar, irão a pares sentados costas com costas, realizar exercícios de respiração direcionados pela professora.

Conversa Final

Os alunos irão dizer o que sentiram os ver o filme do teatro e com a dança aprendida.

O que gostaram mais ou menos das aulas e sugerir novas ações a partir da sessão de hoje.

6ª Sessão

- País: Moçambique

Objetivo: para esta sessão propõe-se uma dança originária de Maputo, a marrabenta.

Descrição da sessão

Introdução do tema

Será elaborada uma estrutura que iniciará com a leitura de um poema de Malagatana, pintor moçambicano que se intitula “Marrabenta”. A partir desse poema que inspira a dança iremos ensaiar alguns dos seus passos e todo o trabalho desenvolvido exploração partindo dessa dança.

Aquecimento

Os alunos terão de dançar as palavras que a professora irá dizer, sendo estas palavras do poema de seguida, estas palavras serão ditas de forma mais rápida ou mais lenta e os alunos terão de dançar consoante o ritmo a que são ditas as palavras.

Desenvolvimento

Iremos aprender a dançar a Marabenta através de um vídeo.

Iremos visualizar e tentar passo a passo aprender uma frase desta dança Moçambicana.

Após a aprendizagem dos passos iremos repeti-los até toda a turma saber fazer e filmar a dança.

Para finalizar, em pé iremos estremecer o corpo até ficar de pontas do pé 3 vezes:

Esticar os braços e estremecer as mãos, deixar o corpo cair lentamente até chegar ao chão;

No chão sentados em roda estremecer e relaxar as pernas.

De seguida iremos ver o vídeo e tentar criar um poema para a dança da turma.

Relaxamento

Deitar no chão da sala fechar os olhos e ouvir os seus poemas a serem lidos pela professora.

Conversa Final

Perguntar aos alunos como se sentiram.

7ª Sessão

- País: Portugal

Objetivo: Trabalhar a poesia de forma a dançar os verbos

Nesta sessão será trabalhada a poesia. Serão lidos e analisados poemas de fados portugueses (Mariza) e será realizado todo um trabalho que tenha como ponto de partida verbos encontrados nos poemas.

Descrição da sessão

Introdução do tema

A professora irá perguntar á turma se conhecem danças portuguesas.

Irá colocar a tocar um fado da Mariza e perguntar a turma se conheciam, explica o que é o fado e que este é muitas vezes uma poesia cantada.

Dará a cada aluno o poema e irá pedir aos alunos que o leiam em silêncio e posteriormente todos juntos.

A professora pede aos alunos que sublinhem os verbos encontrados no poema.

Aquecimento

Dançar os verbos – os alunos andando pela sala terão de dançar os verbos na ordem escrita no quadro.

Irão desenhar no espaço com as partes do corpo as palavras que serão orientadas pela professora (por exemplo: a professora diz cotovelo e os alunos dançam a palavra assinalada no quadro partindo do cotovelo).

Desenvolvimento

Com base nos verbos os alunos terão de trabalhar em pequenos grupos de 4 elementos e criar um desenho coreográfico partindo de verbos dados pela professora.

Após o trabalho em grupo, cada grupo irá apresentar aos outros o que criou.

De seguida irão aprender as frases criadas por cada grupo e todos deverão fazer todas as frases seguidas.

Relaxamento

A professora pede aos alunos que deitem no chão e que fechem os olhos, que sem se mexerem imaginem o corpo a fazer as ações que a professora vai dizendo em pequenas frases, sendo elas, por exemplo:

- Deita-te.
- Fecha os olhos.
- Respira fundo:
- Sente os dedos dos pés a relaxarem...

Conversa Final

O que acharam da aula, qual é a sensação de dançar verbos e não uma dança já conhecida?

8ª e 9ª Sessão

Poderemos dar continuidade ver um vídeo das danças tradicionais portuguesas.

O trabalho realizado nessas sessões será de fusão entre os exercícios propostos e explorados nas sessões anteriores.

10ª Sessão

Esta sessão será de apresentação do trabalho realizado.

Iremos apresentar um vídeo do processo seguido de uma apresentação coreográfica.

Anexo 5

Festival *Anamesa* em França



LE PROJET

Le Festival Anamesa, porté par la Compagnie DK-BEL de Villiers-le-Bel, est une rencontre européenne autour de l'Art et du handicap. Initié à Athènes en Grèce en mars 2013, puis présent à Budapest en Hongrie en avril 2014, il sera organisé en Ile de France, sur les Villes de Cergy-Pantin-Paris 19ème-Thorigny sur Marne Villiers-le-Bel du 9 au 16 octobre 2016

"Anamesa" est un projet artistique qui a pour ambition de créer du lien au delà

des frontières :

- **Liens géographiques**, en associant des participants et artistes de différents pays.
- **Liens artistiques**, en proposant un travail faisant converger différents Arts : musique, danse, arts visuels, scénographie, création de costumes sonores, arts de la rue.
- **Liens corporels et mentaux**, en mettant en lien des jeunes en situation de handicap et des jeunes valides.
- **Liens sociaux**, en faisant se rencontrer des personnes d'âges et d'univers différents.
- **Créer du lien par le partage de l'Art** et de la différence, rendre l'intérieur de chacun visible par l'expression artistique, faire évoluer les mentalités et permettre d'avoir un regard neuf sur le monde du handicap, sont les moteurs de notre action afin de faire circuler un courant d'optimisme, d'altruisme et de solidarité à travers l'Europe.

Par des actions artistiques partagées, il s'agit d'impulser une **force de vie**, une force de construction, une force positive pour lutter contre tout ce qui tendrait à nous isoler, à nous séparer, à nous dresser les uns contre les autres. Le message est **d'avoir des yeux pour regarder l'autre** et de ne pas en avoir peur.

En 2018, nous souhaitons exporter le festival à Lisbonne au **Portugal**, et poursuivre l'aventure avec une grande partie des jeunes Franciliens impliqués dans les éditions précédentes avec la volonté de créer ensemble un Opéra urbain.

Avoir des yeux pour regarder l'autre



LE PROGRAMME

EN AMONT DU FESTIVAL - Octobre 2015 à Octobre 2016

Les Ateliers ANAMESA

Mise en place d'ateliers artistiques en percussions, en danse, en création de costumes sonores, en chant et en construction de structures et scénographie auprès des publics scolaires, handicapés et associatifs des cinq villes porteuses du projet :

- **En percussions** // Erwan Loeffel, (Cie BZK), Erwan Loeffel utilise le sound painting pour enseigner la percussion, fil rouge

avec la danse sur l'ensemble des quatre villes organisatrices. Le rassemblement de l'ensemble des jeunes musiciens sera le moteur de la parade du Festival Anamesa.

Erwan Loeffel a déjà composé 3 musiques de Parade pour le Festival Anamesa.

Les ateliers consistent à l'apprentissage de ces musiques, à jouer ensemble, à être à l'écoute des autres, danseurs et musiciens, à former un groupe solidaire capable de jouer sur une longue période.

Il interviendra sur Pantin (Ecole Plein Air), sur Paris (CaféZoïde), sur les Grands Rassemblements Anamesa de 2016.

- **En danse** // Magalie Doyon, (Cie DK-BEL), Raymond Siopathis (Cie DK-BEL) , Melvin Gaspard (Cie DK-BEL) , Sophie Bulbulyan (Cie DK-BEL), Céline COPPRY (Cie DK-BEL).

Ces ateliers permettront l'apprentissage de trois de danse de déambulation pour la parade Anamesa, avec :

- Un refrain collectif: appelé "Position!"
- La chorégraphie 2: " Parce qu 'on est 2"
- La chorégraphie 3: "Parce qu 'on est 3", plus adaptée à une déambulation en fauteuil roulant

Les danses ont été créés lors d'un accueil en résidence de création inter-générationnelle au Moustier de Thorigny (77) en juillet 2015.

Elles sont coordonnées musicalement sur les 3 musiques de percussion créées par Erwan Loeffel .

Les ateliers seront programmés à Paris (CaféZoïde, Collège Georges Brassens, Collège Dolto et Collège Pailleron), à Pantin (Maison de quartier Ourcq), à Villiers-le-bel (Foyer Aïda, centre de loisir), à Cergy (Visages du Monde), à Thorigny (Le Moustier) , sur les Grands Rassemblements Anamesa.

- **Création de costumes sonores** // Anne Chevrel (assistée de Cheik Kanté)

Les participants créeront des costumes individualisés, générateurs de son, à partir de deux prototypes réalisés par les intervenants:

- Une veste avec des tuyaux à frapper
- Un modèle, haut et Bas, avec des grelots à agiter (Bouchons, capsules)

L'atelier sera coordonné avec celui du CaféZoïde à Paris mené par Marie France les samedis après midi.

Chacun pourra créer son propre costume sonore.

- **En chant** // Viny La du groupe BEEZ // Sheila Cuffy de la Compagnie InsideVoices// Anne Camas du Collectif Les Bringuebal Des ateliers intergénérationnels seront menés par ces trois compagnies et accompagneront le bal de décembre 2015 à Villiers-le-Bel et la déambulation lors de la parade en mai 2016.

Viny La proposera un atelier « Bouteilles percutées » où se mêleront danse de déambulation, percussion et voix, à Villiers-le-Bel et Pantin.

Avec Anne Cammas, un atelier chant sera proposé à La Résidence EHPAD Hérold, Paris 19. Un chant fédérateur sera transmis sur les Grands Rassemblements Anamesa avec Sheila Cuffy.

- **Construction de structures et scénographie**// Patricia Lacoulonche (Cie ACTA)

Partant de l'idée d'élévation et de trace, les structures qui s'intégreront à la parade seront en gamme colorée et aériennes dans des lignes verticales.

Sous la forme d'ailes, elles seront portées individuellement à partir de sacs à dos et voleront au vent.

Des fauteuils customisés pour les danseurs handicapés, générateurs de son, seront en création.

Les ateliers seront proposés pendant les temps de vacances sous forme de stage à Villiers-le-Bel.

Un atelier danse Parent – enfants intitulé “ Sous mon aile” sera proposé à partir de ces structures et sera mené par Sophie Bulbulyan et Corinne Faure-Grise (Compagnie DK-BEL) à Villiers-le-Bel.

Les Grands Rassemblements ANAMESA

Rencontres trimestrielles au CENTQUATRE à Paris ou à la Maison de Quartier Ourcq Pantin entre les habitants des différentes villes impliquées.

Les Rassemblements consistent à créer du lien par le Faire ensemble.

Ce sont des ateliers partagés en danse, chant et percussions, une Visite d'exposition et une restitution dans les Espaces publics afin de rendre nos actions visibles et participatives pour tous.

Les prochains rassemblements seront le samedi 21 Novembre 2015 au CENTQUATRE à Paris de 13h à 18h, Le samedi 12 Mars 2016 à la Maison de Quartier Ourcq Pantin, de 13h à 18h, et fin septembre 2016 au CENTQUATRE à

Paris de 13h à 18h.

Les évènements artistiques intergénérationnels:

- Le Bal Intergénérationnel qui aura lieu le vendredi 18 décembre 2015 à l'Espace Marcel Pagnol de Villiers-Le-Bel (95), Bal intergénérationnel regroupant les habitants de Paris, Pantin, Villiers-le-Bel ayant participés aux différents projets DK-BEL pendant l'année 2015.

Le collectif Les BRINGUEBAL animera le Bal.

Sur une première partie, nous présenterons le travail réalisé dans le cadre du projet DRAC Culture et Lien social pour les habitants de Villiers-le-Bel :

- Le Bal des poussettes : projet danse intergénérationnel, parents-petite enfance-enfant-grand-parents et danseurs amateurs.

- Rencontre Handicapés-valides : projet danse entre un groupe de 5 personnes adultes en situation de handicap du Foyer Aïda et 20 élèves de CP de l'Ecole Ferdinand Buisson.

- Chants partagés : projet chant entre une classe de 22 élèves en 6ème du collège Léon Blum et un groupe de 20 personnes âgées du club des anciens.

- La Participation au Festival La « Rue aux Enfants » créé et mis en place le 29 mai 2016 par le CaféZoïde, Paris 19.

Etape intermédiaire de travail, tous les ateliers danse, chant, percussions trouveront une visibilité sur cet événement.

- Rencontre à la Résidence EHPAD Héroid, Paris 19 en juin 2016

Temps partagé en dehors du temps en danse et chant entre la Compagnie DK-BEL, le collège Georges Brassens et les personnes âgées de la Résidence .

Le Temps du Festival ANAMESA 3ème édition :

Du 8 au 15 octobre 2016

- Des Ateliers Multi-Arts partagés menés par des artistes professionnels favorisant la rencontre des



festivaliers, mise en relation entre un groupe venant de pays d'Europe différents, relations handicapés-valides, les ateliers sont des lieux d'échange et de partage.

- **Des Représentations** des propositions artistiques des partenaires européens, des travaux réalisés dans les établissements scolaires et spécialisés partenaires, et invitation d'artistes locaux partenaires dans les lieux culturels des trois villes: Cergy, Paris, Pantin et Villiers-le-Bel, Thorigny sur Marne.

- **Une Exposition photos** en espace public et **installation sonore** dans la Ville de Villiers-Le-Bel.

- **Des Restitution de toutes les actions menées** en France et chez les partenaires européens sous la forme d'un événement urbain qui s'appuie sur les Arts de la Rue : constitution d'une parade chorégraphique et musicale unique et identifiable, avec des éléments de scénographie qui volent au vent. Nous comptons sur 600 à 1000 jeunes européens issus des mondes scolaires, handicapés, associatifs et artistiques.



Le trajet de la parade se fera à Paris 19ème et sera communiqué ultérieurement

ORGANISATION ARTISTIQUE DU FESTIVAL

Samedi 8 octobre 2016:

- Ouverture du Festival : "Anamesa Mas" à Visages du Monde CERGY
- Début de l'Exposition « Mediterranean Bodies » sur les immeubles de Villiers-le-Bel jusqu'à la fin du Festival

Dimanche 9 octobre 2016 :

- Arrivée des festivaliers internationaux et provinciaux
 - CERGY : Visages du Monde :
Intervention Danse : Apprentissage de la danse de la parade ouvert à tous
 - THORIGNY sur Marne
Intervention Danse : Apprentissage de la danse de la parade ouvert à tous

Durant tout le festival en matinée de 10.30 à 13.00 :

Ateliers Artistiques dans 3 des villes du Festival avec proposition de menu artistique (Préinscription des différents des festivaliers) :

- GROUPE 1 :

- CERGY : Visages du Monde/ Arts visuels / Danse / Percussions / Chant

- GROUPE 2

- Groupe 2A/ PANTIN : Maison de Quartier Ourcq Pantin : Théâtre/ Percussions /danse
- Groupe 2B / PANTIN à L'Ecole Spécialisée Plein Air avec des groupes parisiens: littérature Jeunesse/ Danse / Arts plastiques/ Percussions
- Groupe 2C/ PANTIN : Maison de Quartier OURCQ / Bouteilles percutées / chant

- GROUPE 3

- A/ PARIS Théâtre le Vent se lève : Arts Visuel / Slam
- B/ PARIS Collège Georges Brassens : Danse percussions chant théâtre
- C/ PARIS CaféZoide : Danse et Percussions

Lundi 10 octobre 2016 :

- CERGY G1 : Visages du Monde :

- Matin Ateliers partagés Arts visuels / Danse / Percussions / Chant
- Après-midi répétitions pour les artistes (G1)
- soirée Spectacle : professionnels et festivaliers partagent les scènes de "Visages du Monde" ; G3 spectateurs

- PANTIN G2 : A et C:

- Ateliers partagés matin et après-midi,
- soirée Diffusion du Film "Drops of Breath" à la Maison de Quartier OURCQ ouvert à tous. Discussion avec les artistes.

- PARIS : G3 :

- Matin Ateliers partagés
- après-midi ballade Paris,
- Soirée Spectacle G3 spectateurs à CERGY

Mardi 11 octobre 2016 :

- CERGY : Visages du Monde :

- Matin Ateliers partagés Arts visuels / Danse / Percussions / Chant
- Après-midi répétitions pour les artistes (G2 Artistes) G1 temps libre base de Loisirs Cergy ou repos
- soirée Spectacles : professionnels et festivaliers partagent les scènes de "Visages du Monde" ; G1 spectateurs

- PANTIN G2 :

- Groupe 2B / PANTIN à L'Ecole Spécialisée Plein Air avec des groupes parisiens: littérature Jeunesse/ Danse / Arts plastiques/ Percussions

- 2A et 2C Matin Repos ou visite Paris

- PARIS : G3 (Artistes) : Programmation en cours dans les lieux partenaires du CaféZoïde, ouvert au public : professionnels et festivaliers partagent les scènes.

Mercredi 12 octobre 2016

- CERGY : Visages du Monde :
 - Matin Ateliers partagés Arts visuels / Danse / Percussions / Chant Matin G1
 - 20.30 Diffusion du Film « Drops of Breath » avec discussion avec les artistes
- PANTIN G2 : A, B et C:
 - Matin Ateliers partagés
- PARIS :
 - Après-midi libre pour ceux qui ne sont pas programmés / Visite d'exposition au CENTQUATRE
 - Répétitions pour ceux qui sont programmés
 - 17h – 19h CENTQUATRE programmation dans la Nef en traversée

Jeudi 13 octobre 2016

- CERGY : Visages du Monde :
 - Matin Ateliers partagés Arts visuels / Danse / Percussions / Chant Matin G1
 - 20h Concert Los Dos O Mas
- PANTIN G2 : A, B et C:
 - Matin Ateliers partagés
 - Après-midi libre
- PARIS G3
 - Matin Ateliers partagés
 - Après-midi Diffusion du Film « Drops of Breath » au collège Georges Brassens avec discussion avec les artistes

Vendredi 14 octobre 2016 au CENTQUATRE

- CERGY : Visages du Monde :
 - Matin Ateliers partagés Arts visuels / Danse / Percussions / Chant Matin G1
 - Après-midi Restitution des ateliers commun dans Cergy
 - Soirée repos
- PANTIN G2 : A, B et C:
 - Matin Ateliers partagés
 - Après-midi Restitution des ateliers commun dans Pantin
 - Soirée repos
- PARIS G3
 - Matin Ateliers partagés

- Après-midi Restitution des ateliers commun au collège Georges Brassens
- Soirée repos

Samedi 15 octobre 2016

PARADE ANAMESA dans Paris 19ème avec des "Stops"artistiques.

La Parade se veut sous une forme déambulatoire le long du canal de l'Ourcq, de la Place Stalingrad au CaféZoïde, Paris 19.

Une demande sera faite à la préfecture courant janvier 2016.

Ce sera un Rassemblement de tous les festivaliers européens accompagnés des habitants de Paris 19 présents ce jour là.

Nous envisageons plusieurs groupes de percussions, des danses collectives reprises en boucle sur les musiques, des structures volantes et aériennes, des chants fédérateurs.

Nous organiserons des stops artistiques à différents moments de la déambulation afin de permettre la visibilité du travail de chacun au cours de l'année précédente.

La journée se terminera par une soirée conviviale entre Festivaliers à la Maison de Quartier Ourcq à Pantin.

Dimanche 16 octobre 2016

Départ des festivaliers

LES PUBLICS VISES

FRANCE

- 50 danseurs de la Compagnie DK-BEL de Villiers-Le-Bel (95) dont 10 sont en situation de handicap

- 30 enfants de l'Ecole Plein Air de Pantin (93), école regroupant les enfant en fin d'Hospitalisation du 93
- 15 jeunes du pôle jeunesse de Pantin (93)
- 20 adultes et enfants de la Maison de Quartier OURCQ à Pantin (93)
- 100 collégiens du collège Georges Brassens de Paris 19ème
- Option danse du Lycée Camille Claudel de Vauréal (95)
- Une classe du Collège Parc des Tourelles de Claye-Souilly (77)
- Un groupe de danseurs de Thorigny sur Marne (77)
- La Résidence EHPAD HEROLD Paris 19ème (75)
- Le collège Jean Jaurès de Clichy sur Seine (92)
- UPI Collège Moulin à vent Cergy (95)
- 2 CM2 Ecoles primaires Cergy (95)
- Collège Les Explorateurs Cergy (95)
- Association Sista Sista CERGY (95)
- Ecole Henri Wallon Villiers-Le-Bel(95)
- 20 danseurs AS Danse Collège Léon Blum Villiers-Le-Bel(95)
- Association ASAP Villiers-Le-Bel(95)
- Association Darksting Villiers-Le-Bel(95)
- Association EPDH Villiers-Le-Bel(95)
- Association Image Villiers-Le-Bel(95)
- Foyer AIDA Arnouville-les-Gonesse (95)
- Ecole Robespierre 2 Garges-les-Gonesse (95)
- 20 collégiens de l'Atelier Artistique Théâtre du Collège Le Breuil de Talange
- 30 écoliers de l'Ecole Primaire Jaurès Paris 19 (75)
- 20 collégiens du collège Pailleron Paris 19 (75)
- 20 collégiens du collège Françoise Dolto Paris 20 (75)
- 20 collégiens du collège Claude Chappe Paris (75)

INTERNATIONAL

- Le groupe des 6 jeunes danseuses en situation de handicap de Mozgásjavito de Budapest (Hongrie)
- Un groupe de jeunes comédiens de l'Ecole Bakats Ter de Budapest (Hongrie)
- L'Ecole "Porta Anoikti" avec un groupe de 8 enfants en situation de Handicap (IMC) Athènes (Grèce)
- La Compagnie Vo Arte dont 6 danseurs sont en situation de Handicap de Lisbonne (Portugal)
- Ecole universitaire d'Arts ESAL Lisbonne
- L'association des jeunes danseurs Cap-verdiens MOINHODA DA JUVENTUDE de Lisbonne (Portugal)
- Une classe de L'Ecole inclusive Ataya de Beyrouth (Liban)
- Une classe de Le lycée Franco-Libanais Verdun de Beyrouth (Liban)
- Un groupe de Steptext Dance project e.V. Bremen (Allemagne)

Le FINANCEMENT

- Un dossier ERASMUS PLUS / Echanges de jeunes sera déposé en avril 2016 pour des actions menées entre Janvier 2016 et Décembre 2018 , dont le Festival Anamesa 2016 Ile de France. En cas de refus, le festival deviendrait national et non international.
- Un dossier sera déposé à la Région Ile de France et dans chacun des départements impliquées.
- Des demandes auprès des services de la politique de la ville seront faites sous la forme des contrats de Ville
- Des demandes de financements auprès de chacune des villes partenaires seront envoyées
- DRAC Ile de France, Culture et Lien Social

Les PARTENAIRES

L I E N S :

<http://www.dk-bel.com>

<http://www.festivalanamesa.com>

<https://www.facebook.com/FestivalAnamesa>

<https://www.youtube.com/channel/UC0C0yZrFodvzIDMLUw8ZCg>

Anexo 6

Planificação conjunta do encontro com o Bairro do Lóis

Data: 20 de Abril Hora: 18h00	Nome: Vanessa da Rocha Genro; Whassysa Magalhães das Neves	Local: Associação Cultura Moinho da Juventude		
	Destinatários: Grupo de dança “Tem Unstopabble” e grupo de dança “Wonderfull’s”	Sala: Polivalente		
	Descrição	Objetivos	Recursos Materiais	Duração
Atividade “Cada passo, uma dança”	<p>Nesta atividade, pretende-se que cada um crie três passos que o caracterize. Esses passos serão transformados em movimentos sequenciais e contínuos.</p> <p>Depois da criação do seu movimento iremos dizer o nome de cada um dos jovens, de forma aleatória, e estes têm que reagir ao fazer o seu movimento.</p> <p>Posteriormente os movimentos tornam-se uma linha coreográfica, os jovens repetem o seu movimento de forma sequencial e mais rápida.</p> <p>Como opção podemos pedir:</p> <p>Opção 1) que espalhados pela sala façam a sua criação todos ao mesmo tempo;</p> <p>Opção 2) que dividimos o grupo todo em dois e que metade faça e outra metade observe e vice-versa;</p> <p>Para finalizar perguntaremos como se sentiram ao realizar esta atividade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o grupo; - 	Colunas; Pc; Marcadores; Papel de cenário; Câmara fotográfica;	15 min
Atividade “o espelho”	<p>Que parte do corpo utilizamos para dançar?</p> <p>Os jovens vão juntar-se em pares e, enquanto um estiver a fazer movimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a expressão corporal, - Desenvolver 		10 min

	com o seu corpo (tentando mexer todas as zonas do corpo), o outro terá de o imitar reproduzindo assim a imagem em espelho. Após alguns minutos, os jovens devem trocar de pares.	a criatividade e socialização.		
Atividade "Movimentos estáticos "	<p>Iremos partir das músicas escolhidas pelos jovens para fazer uma audição ativa, em que em grupos de 4 elementos, temos 4 pessoas a dançar ao ritmo da música e os outros estão sentados a ouvir a música, quando a música para, os jovens que estão a dançar param e os que estão sentados com um marcador irão criar um contorno de uma parte do corpo de um dos elementos que estava a dançar. Trocando assim até todos realizarem o exercício.</p> <p>Após todos terem realizado o exercício perguntaremos ao grupo o que vêm e o que está representado na imagem.</p> <p>No final ficaremos com a criação de movimento estático dando significado ao trabalho que está prestes a começar e que terá como ponto de partida a imagem criada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a audição ativa - Explorar o ritmo musical - Explorar a imagem gráfica a partir do movimento 		20 min
Escolha da música	Conversa sobre as músicas escolhidas e votação nas que irão misturar para apresentar no festival	- Escolher a música para desenvolver o trabalho		10 min
Ensaiar os primeiros passos	Após a escolha das músicas e ou música que irão apresentar no festival todos juntos irão aprender 3 passes de dança do estilo Reggaetton	Aprender passos básicos do regaetton		20 min

Anexo 7

Significados da dança para as crianças que participaram nas atividades de Animação de Intervalos

Dança para mim é ...		
categorias	Subcategorias	Frequência
Prática artística (24)	<u>Técnica</u>	
	Dançar bem	2
	Ser muito boa a dançar	1
	Atuar	2
	<u>Aprendizagem</u>	4
	Aprender passos novos	4
	Aprender a dançar	3
	Treinar a coreografia	
	<u>Relação com o corpo</u>	1
	Fazer ginástica	1
Mexer o corpo		
<u>Forma de expressão</u>	6	
Sentir o ritmo da música		
Enriquecimento pessoal (25)	<u>Identidade</u>	
	Minha vida de criança	1
	É tudo	1
	Coisa preferida	1
	<u>Sensações e sentimentos</u>	8
	Divertido	1
	Delícia	3
	Alegria	1
	Fantástico	9
	Gosto muito/ Adoro	
Espaço Relacional (15)	<u>Participar e estar juntos</u>	
	Estar com as amigas a dançar	9
	Criar uma dança em conjunto	3
	Participar em danças	3

Fonte: Questionários às crianças

Anexo 8

Exemplo de um relatório: Relatório Intercambio Grécia

A participação neste intercambio foi muito importante para mim, transformou-me e acredito que foi uma experiência fundamental para o crescimento pessoal de cada participante; é uma oportunidade que todos deveriam ter, pois foi uma experiência muito enriquecedora.

Na minha opinião deveria haver mais iniciativas deste tipo de atividade ou outras, podendo abrir horizontes, quebrar alguns estigmas existentes na atualidade, numa via de comunicação intercultural, aceitando e respeitando o outro como ele é, de modo a preservar a dignidade humana.

Na minha perspectiva penso que o programa de atividades foi um pouco denso.

No que diz respeito ao contacto com as famílias refugidas senti que houve pouco contato com os mesmos. O workshop que mais me marcou foi quando o grupo de jovens refugiado participaram na dinâmica, do resultado final das coreografias criadas por cada grupo e a sua apresentação na praça, e outro momento que me marcou foi depois de cada apresentação as pessoas seguiram-nos para o espaço da Victoria Square Project transformando num momento mágico de partilha.

E outro momento marcante foi a apresentação da coreografia da nossa, que apesar do cansaço e falta de som, valeu a pena porque marcamos pela diferença e o público gostou de ver o nosso trabalho.

Foi muito significativo participar, pois fez com que tivesse mais coragem e determinação para atingir meus futuros objetivos.

Eu posso dizer que me apaixonei pela Grécia apesar do país não se ter recuperado ainda da crise, ainda assim é um país lindíssimo com paisagens de tirar o fôlego.

A parte mais difícil foi dizer adeus e ver o quão importante algumas pessoas podem ser, apesar de termos ficado pouco tempo juntos.

Anexo 9

Festival Anamesa Portugal

Introdução

O Festival Anamesa tem como principal objetivo unir diferentes países numa semana de intervenção cultural, com intuito de fundir artisticamente várias áreas de expressão com pessoas de diferentes contextos e com diferentes necessidades.

O Festival Anamesa transmite os valores de otimismo, altruísmo e solidariedade em toda a Europa.

Iniciada em Atenas na Grécia em Março de 2013. “ANAMESA” (Entre Nós) é um projeto que visa fundamentalmente criar ligações além de quaisquer fronteiras.

Foi inspirado e organizado pela companhia DK-Bel, uma organização sem fins lucrativos em Villers-le-Bel: França, o festival é um encontro Bidual transnacional que foca num encontro artístico onde a arte é desenvolvida com pessoas com e sem deficiência.

Propomos proliferar as artes como meio de comunicação e expressão, tendo como único intuito promover a atividade artística e difundir as diferenças.

De 18 a 24 de Outubro de 2018 Portugal será o recetor deste projeto, que consiste em unir diferenças culturais e linguísticas através da arte.

Como parte integrante da Europa é crucial motivar os jovens a estas grandes questões de cidadania alargando os seus horizontes, sendo a cultura um fator de desenvolvimento social, artístico, económico, de integração e de afirmação de identidade. A Cultura é uma ponte que estabelece ligações entre gerações e indivíduos de diferentes origens. Nesta perspectiva, apresentamos o projeto Anamesa Portugal que será organizado por um grupo de jovens que com o apoio e parcerias irão receber, apresentar e divulgar a sua arte.

Objetivos

Objetivos gerais

- Organizar uma semana cultural com interação de diferentes países.
- Dar a conhecer a cultura portuguesa.
- Dar a conhecer o projeto Anamesa.

Objetivos específicos

- Proliferar as artes como meio de comunicação e expressão.
- Promover a atividade artística como um meio de difundir as diferenças.
- Promover e valorizar a integração cultural.
- Proporcionar através da dança, teatro, artes plásticas, debates e espetáculos que incentivem uma mudança assertiva e uma nova visão sobre as deficiências.
- Apresentar um espetáculo de dança aberto à população, de forma a que se possa presenciar todo um trabalho de companhias profissionais com pessoas com deficiências.

Análise contextual

Geografia: receber em Portugal (Lisboa e arredores), um grupo de participantes/ artistas de diferentes países, através do projeto Erasmus.

Social: juntar pessoas de todas as idades e diferentes realidades no sentido de cidadania global.

Arte: fazer transparecer o interior de cada um através da expressão artística, mudando atitudes e permitindo ver as deficiências através de um novo olhar.

Público – Alvo: Comunidade europeia, em particular jovens de diferentes países que tenham amor pela arte e que se identifiquem com as áreas: dança, artes plásticas, teatro e música.

Festival Anamesa Portugal

Pretende-se com o projeto desenvolver cinco atividades que, embora distintas, têm como foco a integração de jovens e adultos com e sem deficiência, numa dinâmica artística e transnacional, a qual se promove e desenvolve através de ações que visam uma cidadania participativa.

Através do intercâmbio entre países da união europeia bem como todos os que tiverem interesse em participar, acreditamos que os jovens possam assim, ter uma visão plena de integração na sociedade, tendo em conta o contexto global em que hoje vivemos.

Para a realização do Festival em Portugal o grupo de organização portuguesa contou com o apoio da Associação Kimera e de outras parceiras.

Para o efeito a organização irá rececionar os participantes, organizar toda a logística do evento assim como prestar o apoio às diversas atividades a serem realizadas nessa semana.

O projeto irá realizar em simultâneo 5 atividades complementares.

- 1- Exposição itinerante visa mostrar o trabalho que tem sido feito em anteriores intercâmbios fora do país, as imagens valem por vezes, mais do que palavras.

Fotos do Festival Anamesa em anos anteriores



- 2- *Workshops* artísticos: através dos workshops pretendemos levar às escolas, associações e espaços públicos um pouco do trabalho realizado com as companhias portuguesas, francesas e gregas que desenvolvem trabalho artístico com pessoas com deficiência.

Consideramos que a apresentação de trabalhos artísticos e a participação dos alunos levem a alargar o seu conhecimento e sentido cívico.

Workshop para preparação do flashmob em maio de 2018



- 3- Performance Anamesa será realizada com o apoio de uma coreógrafa, esta será uma performance de dança inclusiva, motivadora e de confiança, os

amantes da dança, estudantes e comunidade, irão criar uma linguagem coreográfica onde as diferenças se fundem com a arte.

- 4- Flashmob: criaremos em conjunto com os parceiros do projeto, uma pequena coreografia que será reproduzida através de redes sociais, tanto a nível nacional como internacional, sendo este o elo de ligação que resultou de um trabalho à distância.

Este será apresentado num espaço público em Portugal.

Festival Anamesa Budapeste



- 5- Uma parada por Lisboa que irá dar a conhecer o projeto Anamesa numa Manifestação Cultural Pacífica de modo a mobilizar todos os participantes, através de uma caminhada, com tambores, exposição itinerante e pequenas apresentações artísticas.

Esperamos assim, construir uma base sólida onde o intercâmbio com os jovens se traduza numa aprendizagem social divulgada através das artes, num espírito global de integração e socialização numa Europa coesa.

Parada Realizar uma parada em Lisboa de modo a mobilizar todos os participantes deste projeto e dar a conhecer o projeto Anamesa, através de uma caminhada em Lisboa, com tambores, exposição itinerante dos trabalhos já realizados e apresentações artísticas.

Objetivos em relação as atividades

Parceiros

Nos anos anteriores foi possível contar com os seguintes parceiros:

Atividade	Objetivo
Exposição de Fotografia	Criar uma exposição itinerante de fotos dos últimos Festivais de forma a apresentar o trabalho realizado em diferentes locais;
Workshop's Artísticos	Desenvolver <i>workshops</i> artísticos em cooperação com escolas, associações e espaços públicos a fim de dar a conhecer as artes como meio de expressão, caminho onde se interlaçam as diferenças;
Performance Anamesa	Criar uma performance artística onde se apresente uma peça de dança, em que as diferenças sejam um trunfo e uma união.
Flash Mob	Criar um Flashmob que será realizado e difundido pelos diversos países parceiros e apresentado em diferentes locais de Portugal;
Parada	Realizar uma parada em Lisboa de modo a mobilizar todos os participantes deste projeto e dar a conhecer o projeto Anamesa, através de uma caminhada em Lisboa, com tambores, exposição itinerante dos trabalhos já realizados e apresentações artísticas.



Parceiros 2018

Para a realização do festival em 2018 contamos já com:

- ✓ AFID
- ✓ Agadá Companhia de Dança Afro Contemporânea
- ✓ Associação Kimera
- ✓ Associação CazAmbujal
- ✓ Associação de Solidariedade Social Alto Cova da Moura
- ✓ Câmara Municipal de Cascais – Polo da Juventude
- ✓ Câmara Municipal de Lisboa - Polo da Juventude
- ✓ Clube Desportivo Lisboa e Águias
- ✓ Centro Nacional de Cultura
- ✓ CIM (Companhia de Dança)
- ✓ Dance Factory Studios
- ✓ DK-BEL (Companhia de Dança Francesa)
- ✓ Escola Superior de Educação de Lisboa

- ✓ Fundação Hippocrène
- ✓ Gustave Eiffel (Polo da Amadora e do Lumiar)
- ✓ Instituto Francês de Lisboa
- ✓ SPEM (Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla)
- ✓ CP Comboios de Portugal

Países presentes no Festival

Estarão presentes no festival através do processo Erasmus os seguintes países:

- Espanha, França, Grécia, Hungria, Líbano, Portugal.



Orçamento Previsto Festival Anamesa

Encargos	Montante	Produtos	Montante
Prestação de serviços	10 000,00€	Material Diverso	
		Material de escritório (resma de papel lisa e grossa, marcadores, furador, agrafador, agrafos, bostick, fita-cola, cartolina, canetas, lápis, borracha, etc.)	300,00€
Serviços Fora	1 000,00€	Material Sinalético (coletes refletores, megafone, raquete de sinalização, palco móvel, etc.)	200,00€
Arrendamento		Material para workshop's	500,00€
Documentação		Material para jogos tradicionais portugueses	100,00€
Diversos			
Honorários		Produtos alimentares	
Remuneração do pessoal	7 500, 00€	Alimentação	10 000,00€

Encargos sociais	2 500, 00€	Águas	500, 00€
Remuneração dos professores e técnicos	2 500,00€		
Publicidade e publicação		Produtos de higiene	
Criação gráfica	1000,00€	Papel higiénico, toalhas, gel desinfetante, guardanapos, lenços de papel, sacos de lixo	300, 00€
Impressões	1 000, 00€		
Publicidade			
Comunicação social			
Transportes		Outros produtos	
Deslocações comboio	1 000, 00€		
Deslocações autocarro/ metro	1 500,00€		
Autocarro			
Autocarro com adaptação as deficiências	2 100,00€		
Impostos e taxas			
Seguro			
Licenças			
Bombeiros			

Polícia municipal			
Encargos indiretos	1 000,00€		
Encargos fixos de funcionamento	3 000,00€		
Total de encargos previstos	34 1000,00€	Total de produtos previstos	11 900,00€
Total de orçamento previsto:		46 000,00€	

Contribuições	
Erasmus	30 000,00€
Fondation Hippocréne	5 000,00€
Assurance Ville de Villiers Le Bel	5 000,00 €
Liceu Francês de Lisboa	1 500,00€

Anexo 10

Exemplo de relatório de atividades com jovens

Reflexão das aulas com a Susa

A aula que mais gostei foi a 1ª aula porque ensinou-nos a acompanhar os movimentos do grupo sem estar a olhar para um membro do grupo.

Ensinou-nos como começar do princípio uma coreografia.

A partilhar as dúvidas, a corrigir os passos, a ouvir o que o grupo tem a dizer sobre o passo.

Ensinou-nos a ser um grupo que está em sintonia.

A desenvolver passos coreográficos. A sentir a música, como fazer passos com o ritmo ou sem ritmo.

Também adorei a aula em que fizemos exercícios com as músicas do diajê e dançamos umas com as outras.

Adorei as aulas com a Susa.

✓ ~~Bartholomeu~~

Relataria

Atividade com a Susa

Gostei muito de dançar e fazer atividades com pessoas especiais, aqueles 2 dias que estive com pessoas especiais aprendi a comunicar com eles, porque também aprendi muitas coisas com a professora.

Gostei muito de aprender a coreografia que a aqueles dois finais mas mais gostei.

Apesar de eu não ter estado na apresentação porque não pude, mas gostei de estar lá. Obrigada

Jana